



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANA HELOISA VALENTE

**FALAS DO CAMPO QUE REVERBERAM NA CIDADE:  
A CIRCULAÇÃO DO LÉXICO AGROPASTORIL NA REGIÃO  
SUL SEGUNDO OS DADOS DO PROJETO ALiB**

---

Londrina  
2025

ANA HELOISA VALENTE

**FALAS DO CAMPO QUE REVERBERAM NA CIDADE:  
A CIRCULAÇÃO DO LÉXICO AGROPASTORIL NA REGIÃO  
SUL SEGUNDO OS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina  
2025

ANA HELOISA VALENTE

**FALAS DO CAMPO QUE REVERBERAM NA CIDADE:  
A CIRCULAÇÃO DO LÉXICO AGROPASTORIL NA REGIÃO  
SUL DO BRASIL SEGUNDO OS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Vanderci de Andrade  
Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Valter Pereira Romano  
Universidade Federal de Santa Catarina -  
UFSC

---

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva  
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA,  
campus Bagé

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 9 de março de 2026

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, minha orientadora, que me acompanha desde a Iniciação Científica e foi fundamental para que eu me apaixonasse por esta área. Sou grata pela orientação segura, pela generosidade na partilha de conhecimentos e pela leitura atenta, sempre marcada por rigor científico e incentivo constante.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Valter Pereira Romano e Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva, agradeço a disponibilidade em avaliar este trabalho e pelas contribuições que sempre enriquecem esta pesquisa.

À Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino, agradeço de modo especial o acolhimento acadêmico, por ter possibilitado a realização do meu estágio em sua disciplina e por estar sempre disponível para esclarecer minhas (várias) dúvidas.

Aos meus pais, agradeço a compreensão possível ao longo dessa trajetória, especialmente nos momentos em que precisei me dedicar intensamente à pesquisa e à escrita, mesmo quando a rotina do trabalho acadêmico nem sempre é fácil de ser entendida fora da universidade.

Ao meu noivo, João Vitor, agradeço o apoio constante, pela presença nos momentos mais exigentes desta trajetória e pela parceria silenciosa de tantos fins de semana dedicados ao estudo, muitas vezes apenas para que eu não me sentisse sozinha durante o processo. Sua compreensão, incentivo e equilíbrio emocional foram fundamentais ao longo dessa caminhada, você é meu porto seguro nos momentos de cansaço e insegurança.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço a concessão da bolsa de estudos, fundamental para a realização desta pesquisa.

“Um instante me leva insensivelmente a outro e  
o tema atemático vai se desenrolando sem  
plano mas geométrico como as figuras  
sucessivas em um caleidoscópio.”

Clarice Lispector  
*Água viva*

## RESUMO

VALENTE, Ana Heloisa. **Falas do campo que reverberam na cidade**: a circulação do léxico agropastoril na região sul do Brasil segundo os dados do Projeto ALiB. 2025. 122 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Este trabalho analisa o léxico associado às práticas agropastoris na Região Sul do Brasil, com base nas respostas às questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que investigam, respectivamente: (52) o “veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas”; (53) as “duas partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão”; (54) a “armação de madeira colocada no pescoço de animais para impedir que atravessem a cerca”; (55) a “armação de madeira colocada no lombo de animais para transporte de carga”; (56) a “peça de madeira colocada no pescoço do boi para tração”; (57) os “objetos de vime ou taquara para transporte de produtos agrícolas” e (58) os “objetos de couro com tampa para transporte de farinha”. O corpus é constituído por 1360 ocorrências (998 respostas válidas e 362 não respostas), provenientes de 176 informantes distribuídos em 44 localidades dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O estudo tem como objetivo geral verificar de que modo variantes lexicais tradicionalmente vinculadas ao meio rural se manifestam na fala de informantes em contextos urbanos. Como objetivos específicos, busca-se: (i) descrever e analisar a distribuição diatópica das variantes; (ii) examinar a atuação das variáveis sociais sexo e faixa etária; e (iii) verificar o grau de dicionarização das formas registradas. A análise fundamenta-se nos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998), articulando dimensões diatópica, diageracional e diassexual. Os resultados indicam que referentes mais específicos apresentam maiores índices de não-resposta e menor estabilização lexical. No plano diageracional, informantes mais jovens tendem a apresentar maior dispersão lexical e a recorrer a estratégias de generalização, analogia e metonímia, comportamento interpretado como efeito de menor familiaridade com os referentes investigados. Quanto à variável sexo, os dados indicam maior número de respostas válidas entre informantes do sexo masculino, o que sugere maior conhecimento do léxico associado às práticas agropastoris. De modo geral, verifica-se um processo de redução da especificidade denominativa e de aumento da dispersão lexical, ao lado da manutenção de variantes centrais em determinados campos. O estudo contribui para a descrição da variação lexical do português brasileiro e para a documentação de formas em processo de retração. Evidencia, ainda, a relação entre mudanças socioculturais - especialmente a urbanização - e o comportamento do léxico agropastoril na Região Sul.

**Palavras-chave:** Léxico rural; Atlas Linguístico do Brasil; Região Sul.

## ABSTRACT

VALENTE, Ana Heloisa. **Rural voices echoing in the city**: the circulation of agropastoral lexicon in Southern Brazil according to ALiB Project data. 2025. 122 p. Master's Dissertation - Graduate Program in Language Studies, State University of Londrina, Londrina, 2025.

This study analyzes the lexicon associated with agropastoral practices in Southern Brazil, based on responses to questions 52 to 58 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) from the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB). These questions investigate, respectively: (52) a “one-wheeled vehicle pushed by a person for small loads”; (53) the “two parts used to push the wheelbarrow”; (54) the “wooden frame placed on the neck of animals to prevent them from crossing fences”; (55) the “wooden structure placed on the back of animals for carrying loads”; (56) the “wooden piece placed on the ox’s neck for traction”; (57) “wicker or bamboo objects used for transporting agricultural products”; and (58) “leather containers with lids used for transporting flour.” The corpus consists of 1,360 occurrences (998 valid responses and 362 non-responses), collected from 176 informants across 44 localities in the states of Paraná, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul. The general objective is to examine how lexical variants traditionally associated with rural contexts are manifested in the speech of informants in urban settings. The specific objectives are: (i) to describe and analyze the diatopic distribution of variants; (ii) to examine the role of social variables (sex and age group); and (iii) to verify the degree of dictionary registration of the forms identified. The analysis is grounded in the framework of Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998), integrating diatopic, diagerational, and diasexual dimensions. The results indicate that more specific referents tend to show higher rates of non-response and lower levels of lexical stabilization. From a diagerational perspective, younger informants exhibit greater lexical dispersion and more frequent use of generalization, analogy, and metonymy, a pattern interpreted as resulting from reduced familiarity with the referents investigated. Regarding the variable of sex, the data show a higher number of valid responses among male informants, suggesting greater knowledge of the agropastoral lexicon. Overall, the findings point to a process of reduced denominative specificity and increased lexical dispersion, alongside the maintenance of central variants in certain semantic fields. This study contributes to the description of lexical variation in Brazilian Portuguese and to the documentation of forms undergoing lexical decline. It also highlights the relationship between sociocultural changes - particularly urbanization- and the behavior of the agropastoral lexicon in Southern Brazil.

**Key-words:** Rural lexicon; Linguistic Atlas of Brazil; Southern Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Representação do objeto investigado na questão 52 (QSL/ALiB) .....	41
<b>Figura 2</b> - Carta linguística 1 (questão 52) .....	44
<b>Figura 3</b> - Carta linguística 1.2 - arealidade gradual (questão 52).....	47
<b>Figura 4</b> - Representação do objeto investigado, com destaque para as partes referidas na questão 53 (QSL/ALiB).....	52
<b>Figura 5</b> - Carta linguística 2 (questão 53) .....	57
<b>Figura 6</b> - Representações do objeto investigado na questão 54 (QSL/ALiB).....	64
<b>Figura 7</b> - Carta linguística 3 (questão 54) .....	67
<b>Figura 8</b> - Representação do objeto investigado na questão 55 (QSL/ALiB) .....	75
<b>Figura 9</b> - Carta linguística 4 (questão 55) .....	78
<b>Figura 10</b> - Representação do objeto investigado na questão 56 (QSL/ALiB) .....	85
<b>Figura 11</b> - Carta linguística 5 (questão 56) .....	86
<b>Figura 12</b> - Representação do objeto investigado na questão 57 (QSL/ALiB) .....	93
<b>Figura 13</b> - Carta linguística 6 (questão 57) .....	97
<b>Figura 14</b> - Representação do objeto investigado na questão 58 (QSL/ALiB) .....	104
<b>Figura 15</b> - Carta linguística 7 (questão 58) .....	108

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Distribuição das variantes da questão 52 por faixa etária (Região Sul).....	49
<b>Gráfico 2</b> - Distribuição das variantes da questão 52 por sexo (Região Sul) .....	50
<b>Gráfico 3</b> - Distribuição das variantes da questão 53 por faixa etária (Região Sul) em valores absolutos .....	60
<b>Gráfico 4</b> - Distribuição das variantes da questão 53 por sexo (Região Sul) .....	63
<b>Gráfico 5</b> - Distribuição das variantes da questão 54 por faixa etária (Região Sul).....	70
<b>Gráfico 6</b> - Distribuição das variantes da questão 54 por sexo (Região Sul) .....	72
<b>Gráfico 7</b> - Distribuição das variantes da questão 55 por faixa etária (Região Sul).....	81
<b>Gráfico 8</b> - Distribuição das variantes da questão 55 por sexo (Região Sul) em valores absolutos. ....	82
<b>Gráfico 9</b> - Distribuição das variantes da questão 56 por faixa etária (Região Sul) em dados absolutos .....	89
<b>Gráfico 10</b> - Distribuição das variantes da questão 56 por sexo (Região Sul) .....	91
<b>Gráfico 11</b> - Distribuição das variantes da questão 57 por faixa etária (Região Sul).....	100
<b>Gráfico 12</b> - Distribuição das variantes da questão 57 por sexo (Região Sul), em dados absolutos .....	102
<b>Gráfico 13</b> - Distribuição das variantes da questão 58 por faixa etária (Região Sul), em números absolutos,.....	110
<b>Gráfico 14</b> - Distribuição das variantes da questão 58 por sexo (Região Sul), em números absolutos .....	113

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 52 (Região Sul) .....	49
<b>Tabela 2</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 52 (Região Sul) .....	50
<b>Tabela 3</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 53 (Região Sul) .....	61
<b>Tabela 4</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 53 (Região Sul) .....	63
<b>Tabela 5</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 54 (Região Sul) .....	70
<b>Tabela 6</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 54 (Região Sul) .....	73
<b>Tabela 7</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 55 (Região Sul) .....	81
<b>Tabela 8</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 55 (Região Sul) .....	83
<b>Tabela 9</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 56 (Região Sul) .....	89
<b>Tabela 10</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 56 (Região Sul) .....	91
<b>Tabela 11</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 57 (Região Sul) .....	100
<b>Tabela 12</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 57 (Região Sul) .....	102
<b>Tabela 13</b> - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 58 (Região Sul) .....	111
<b>Tabela 14</b> - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 58 (Região Sul) .....	114

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB selecionadas para análise .....	36
<b>Quadro 2</b> - Localidades da Região Sul do ALiB utilizadas na pesquisa .....	37

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
	<b>OBJETIVOS</b> .....	14
	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	15
<b>1</b>	<b>FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA REGIÃO SUL</b> .....	17
1.1	Paraná .....	18
1.2	Santa Catarina .....	21
1.3	Rio Grande do Sul.....	23
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	25
2.1	Dialetologia tradicional.....	25
2.2	Panorama dos estudos dialetológicos na Região Sul do Brasil .....	27
2.3	Dialetologia pluridimensional .....	28
2.3.1	Dimensão diatópica.....	29
2.3.2	Dimensão diasssexual .....	29
2.3.3	Dimensão diageracional.....	30
2.4	O atlas linguístico do Brasil (ALiB) no contexto da dialetologia pluridimensional.....	32
2.5	Estudos de referência para a análise do léxico rural no Projeto ALiB .....	34
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	36
<b>4</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	41
4.1	Questão 52 - veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas, em trechos curtos .....	41
4.2	Questão 53 - as duas partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão (ou carriola).....	51
4.3	Questão 54 - armação de madeira que se coloca no pescoço	

	de animais para impedir que atravessassem a cerca .....	64
4.4	Questão 55 - armação de madeira colocada no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas .....	74
4.5	Questão 56 - peça de madeira colocada no pescoço do boi para tracionar o carro ou o arado .....	84
4.6	Questão 57 - objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas no lombo do cavalo ou do burro .....	92
4.7	Questão 58 - objetos de couro, com tampa, para levar farinha no lombo do cavalo ou do burro .....	103
4.8	Comparação dos resultados com estudos prévios (Marins, 2012; Fernandes, 2021) .....	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	118
6	REFERÊNCIAS .....	120

## INTRODUÇÃO

A transformação do espaço rural brasileiro, especialmente na Região Sul, é um fenômeno que ultrapassa aspectos econômicos e sociais, atingindo também o plano simbólico e linguístico. Nas últimas décadas do século XX, o Brasil vivenciou um processo intenso de urbanização, acompanhado por uma significativa redução da população residente em áreas rurais. De acordo com Milton Santos (2013), nessa época, “a urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana” (p. 9). Esse movimento migratório, denominado êxodo rural, promoveu uma mudança na organização territorial e nas dinâmicas culturais do país.

Historicamente, a agricultura e a pecuária desempenharam papel central na constituição da identidade nacional, especialmente em estados como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Porém, com a crescente urbanização, os elementos culturais do campo foram, muitas vezes, reconfigurados ou silenciados diante do avanço dos valores urbanos. Nesse contexto, torna-se relevante investigar como a linguagem, enquanto manifestação cultural, responde a essas mudanças.

Assim, nosso estudo pretende analisar os itens lexicais associados às práticas agropastoris, por meio da investigação das respostas dadas às questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, fornecidas por 176 informantes das 44 localidades da Região Sul do Brasil e, a partir disso, verificar como essas formas linguísticas específicas do contexto rural se comportam em falas de informantes urbanos, tomando como parâmetro de análise o tempo aparente, por meio da comparação entre as faixas etárias dos informantes.

Diante desse contexto, partimos da hipótese de que o distanciamento progressivo das práticas agropastoris, sobretudo em contextos urbanos da Região Sul, repercute diretamente no comportamento do léxico a elas associado, favorecendo processos de generalização, enfraquecimento da especificidade denominativa e aumento dos casos de “não resposta”, especialmente entre os informantes mais jovens.

## OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral verificar de que modo as variantes associadas às práticas agropastoris, tradicionalmente vinculadas ao meio rural,

manifestam-se na fala de informantes urbanos na Região Sul do Brasil, a partir das respostas às questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. Buscamos, com isso, compreender a relação entre dados rurais e falares urbanos no comportamento desse vocabulário, bem como identificar tendências de manutenção, substituição ou desuso dessas formas em decorrência do distanciamento das práticas agropastoris.

De forma mais específica, o estudo objetiva: (i) descrever e analisar as variantes lexicais registradas nas localidades investigadas, observando sua distribuição espacial por meio do mapeamento dessas variantes; (ii) examinar a influência das variáveis sociais sexo e faixa etária na escolha dos itens lexicais, verificando seu papel na preservação, na generalização ou no apagamento das formas tradicionais e (iii) verificar a dicionarização das variantes identificadas, por meio da consulta a dicionários de referência, avaliando o grau de institucionalização lexical dessas formas. Ao reunir esses objetivos, o trabalho busca contribuir para a documentação do léxico agropastoril do português brasileiro e para o registro de variantes em processo de enfraquecimento ou desaparecimento na Região Sul do Brasil, além de auxiliar na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

#### JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar o comportamento do léxico rural em localidades urbanizadas, visto que, após pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES, bem como no portal da CNPq, foi possível realizar um levantamento dos estudos feitos até o momento a respeito dos falares rural e urbano brasileiros, com base nos dados do Projeto ALiB, e constatamos que existem inúmeras pesquisas sobre os dados do ALiB voltadas para a lexicologia, porém, o foco no contraste entre o rural e o urbano não é tão constante.

Dentre esses estudos, podemos citar a pesquisa de Marins (2012), que também analisou as questões ligadas às atividades agropastoris do Projeto ALiB, porém na Região Centro-Oeste do Brasil e a de Fernandes (2021), que fez um trabalho semelhante ao analisar o léxico rural e urbano na Região Sudeste. Entretanto, é um número baixo de trabalhos que investigam essas questões e urge o

aproveitamento dos dados coletados pela equipe inicial do ALiB<sup>1</sup>.

De acordo com Benveniste (1988, p. 286), “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, então, há a indispensabilidade de pensar a identidade do sujeito rural por meio de sua linguagem, no caso, o léxico. Além disso, ressaltamos a importância de dar continuidade às pesquisas com os dados do Atlas Linguístico do Brasil, visto que o trabalho dos geolinguistas de registrar a língua em uso é também a perpetuação do patrimônio cultural de um povo.

---

<sup>1</sup> Reconhecemos que o ALERS e o ALPR incluíram, preferencialmente, perguntas referentes ao mundo rural. Tendo em vista os objetivos desta dissertação, os resultados desses atlas não foram contemplados na análise.

## 1 FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA REGIÃO SUL

Compreender a relação entre o ambiente geográfico, o contexto cultural e os falares na Região Sul do Brasil exige, antes de tudo, um olhar atento sobre a história da povoação desse território. Segundo Prado Jr. (2008), a colonização da Região Sul apresentou características distintas em relação a outras regiões do país. A localização geográfica, distante dos centros de poder e das áreas mais lucrativas da produção colonial, como o Nordeste açucareiro, contribuiu para uma ocupação mais tardia e menos intensa. Durante os séculos XVI e XVII, a região permaneceu predominantemente sob o domínio dos povos autóctones, com a presença portuguesa restrita a algumas expedições exploratórias e missões jesuítas.

A partir do século XVIII, o interesse pela Região Sul intensificou-se, impulsionado por fatores como: (i) a necessidade de expandir as fronteiras do Império Português, em detrimento da área espanhola, delimitadas pelo Tratado de Tordesilhas; (ii) a busca por novas áreas para produção agrícola e pecuária e (iii) os riscos de invasão por potências estrangeiras. Contudo, a ocupação efetiva do território só se consolidou no século XIX, com políticas de colonização que estimularam a chegada de imigrantes europeus, sobretudo alemães e italianos. Atraídos pelas promessas de terras férteis e melhores condições de vida, esses grupos contribuíram decisivamente para o desenvolvimento econômico e cultural regional. Diferentemente do sistema de grandes latifúndios predominante em outras partes do Brasil, o modelo de colonização do Sul se baseou na distribuição de pequenas propriedades e no incentivo à agricultura familiar.

No que se refere à configuração demográfica, dados censitários indicam que, já no período de coleta dos dados do Projeto ALiB, a Região Sul apresentava elevado grau de urbanização. Segundo o IBGE (2000), a proporção da população urbana na região passou de 62% em 1980 para 81% em 2000, evidenciando um processo consistente de urbanização ao longo das últimas décadas do século XX. Esse quadro é relevante para a interpretação dos dados linguísticos, na medida em que contextos mais urbanizados tendem a favorecer a ampliação das redes de circulação lexical e a redução de variantes associadas a práticas rurais.

Dados mais recentes confirmam a continuidade desse processo: de acordo com o Censo Demográfico de 2022, 88,24% da população da Região Sul reside em áreas urbanas, o que indica a consolidação de um padrão já em curso no momento

da coleta dos dados analisados. Fatores como a industrialização, a modernização da agricultura e os fluxos migratórios internos contribuíram para a concentração populacional nos centros urbanos, impactando os modos de vida e, conseqüentemente, a dinâmica lexical da região.

A seguir, apresentamos um panorama específico da formação histórico-cultural de cada estado da Região Sul.

## 1.1 PARANÁ

A história do Paraná está intimamente ligada ao processo de ocupação de seu território e à formação de comunidades regionais que se consolidaram ao longo de diferentes períodos históricos. Inicialmente, o território paranaense fazia parte da Capitania Real do Rio de Janeiro, sendo posteriormente integrado à Capitania de São Paulo. Esse processo de integração reflete as dinâmicas de exploração e administração colonial no Brasil.

Em 1811, “ocorreu a primeira tentativa de emancipação política do território paranaense” (Priori et al., 2012, p. 16), no entanto, acreditava-se que a 5ª Comarca não tinha recursos suficientes para ser autônoma e que era necessária a proteção de São Paulo. Assim, o território foi organizado como a Comarca de Curitiba e Paranaguá, subordinada à Capitania de São Paulo. Segundo Priori et al. (2012), as tentativas de separação continuaram em 1821 e 1843, mas ambas foram infrutíferas. Somente em 1850 o Império se manifestou sobre o tema, embora os deputados paulistas tenham dificultado o processo de emancipação da 5ª Comarca. Eles não desejavam que ocorresse a separação política entre Paraná e São Paulo, o que resultou na criação de dez novas unidades, diminuindo a área da Comarca de Curitiba, assim, em 1852, Curitiba deixou de ser a 5ª Comarca e passou a ser a 10ª da Província de São Paulo. Esse status perdurou até a segunda metade do século XIX, quando Minas Gerais e a Bahia começaram a apoiar a causa paranaense, buscando enfraquecer a influência política de São Paulo. Finalmente, em 29 de agosto de 1853, a Lei Imperial nº 704 foi sancionada por D. Pedro II, desmembrando oficialmente o território de São Paulo e criando a Província do Paraná, com Curitiba como capital (Priori et al., 2012). Embora o processo de emancipação tenha culminado com a posse do primeiro presidente da província em 19 de dezembro do mesmo ano - data posteriormente consagrada na memória cívica paranaense - é a sanção da lei que

constitui o marco político-administrativo da emancipação.

No que diz respeito ao povoamento da região, o Paraná passou por três grandes ondas de ocupação, que influenciaram decisivamente sua organização social, econômica e cultural, conforme discutem Cardoso e Westphalen (1986). A primeira onda, que deu origem ao chamado Paraná tradicional, teve início no século XVII, com a busca por ouro no litoral e no interior, especialmente na baía de Paranaguá. Embora a produção de ouro tenha sido modesta e de curta duração, a economia da região se estruturou a partir do século XVIII com o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, baseado na criação de gado e no comércio de carne. No século XIX, a exploração de erva-mate e madeira também se tornou uma atividade econômica importante. O tropeirismo e o abastecimento de mercados internos e externos marcaram essa fase, estruturando rotas de circulação que atravessavam o território paranaense e favoreceram a consolidação de núcleos urbanos ao longo dos caminhos das tropas. No trajeto do chamado Caminho do Viamão, destacam-se, no atual Paraná, localidades como Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa e Castro, que funcionavam como pontos de passagem, pouso e articulação comercial (BRUM, 1999, *apud* CHOFARD, 2023). Em rotas posteriores, mais a oeste, o deslocamento das tropas também passou por áreas como Palmas e Guarapuava, reafirmando o papel do tropeirismo na integração territorial da região (BRUM, 1999, *apud* CHOFARD, 2023).

A segunda onda de povoamento, que ocorreu no final do século XIX, foi impulsionada pela expansão da cafeicultura no Norte do Paraná. As terras férteis e o clima favorável possibilitaram o estabelecimento da cultura cafeeira, que se expandiu inicialmente para o Norte Velho e, posteriormente, para o Norte Novo e o Norte Novíssimo. Esse processo trouxe grandes fluxos migratórios e aportes financeiros para a região, levando à formação de cidades organizadas em torno das grandes propriedades de café e da mão de obra assalariada. Municípios como Londrina, Campo Mourão e Umuarama exemplificam a influência da cafeicultura no crescimento econômico e demográfico da região.

A terceira onda de ocupação, iniciada na década de 1920 e consolidada até meados do século XX, caracterizou-se pela colonização do Sudoeste e do Oeste do Paraná. Esse processo foi marcado pela pequena propriedade agrícola, a policultura e a criação de suínos, com presença de imigrantes oriundos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A produção de cereais, oleaginosas e a pecuária estabeleceram essas

áreas como parte integrante da economia do estado. Municípios como Toledo e São Miguel do Iguçu se destacam nesse contexto.

O processo de ocupação do Paraná foi influenciado por fatores como a disponibilidade de terras, condições climáticas, políticas econômicas e a construção de ferrovias, que foram fundamentais para a integração territorial e a expansão da fronteira agrícola. Ao longo dessas ondas de povoamento, o Paraná foi se tornando um estado de grande diversidade cultural, com a presença de diferentes grupos, como indígenas, luso-brasileiros, tropeiros e imigrantes europeus.

Outro elemento marcante da história social do Paraná é a presença de comunidades quilombolas. Segundo Priori *et al.* (2012), “essas comunidades ficam localizadas, principalmente, em regiões que, no passado, fizeram parte dos caminhos das tropas e próximas a garimpos e minas de ouro” e foram reconhecidas e demarcadas pela Fundação Palmares em municípios como Adrianópolis, Castro, Lapa, entre outros. Muitos quilombos surgiram como forma de resistência, e alguns permanecem até hoje, mas “estão situadas em lugares distantes, de difícil acesso e sem infraestrutura, o que acaba acarretando determinado êxodo por parte dos habitantes mais jovens em busca de melhores condições de vida.” (Priori *et al.*, 2012, p. 54). Ainda assim, a Fundação Cultural Palmares certifica oficialmente essas comunidades, garantindo-lhes reconhecimento legal e fortalecendo suas lutas por terra e direitos.

Em síntese, a trajetória histórica do Paraná reflete um processo contínuo de disputas políticas, econômicas e sociais que marcaram a formação de sua identidade. Desde as tentativas frustradas de emancipação no início do século XIX até a criação oficial da Província do Paraná em 1853, o estado vivenciou uma intensa luta por autonomia, com a resistência das elites paulistas. As ondas de ocupação, que se iniciaram com a exploração do ouro e a formação do latifúndio campeiro, continuaram com a expansão da cafeicultura e a colonização das áreas do Sudoeste e Oeste, modelando a economia local e promovendo uma diversificação cultural significativa. A presença de comunidades quilombolas, como formas de resistência e permanência em face de adversidades, também compõe um capítulo fundamental da história social paranaense, com a luta por reconhecimento e direitos ainda presente. Dessa maneira, a evolução do Paraná é um exemplo claro de como as dinâmicas de ocupação, resistência e adaptação moldaram a configuração política, econômica e social do estado, resultando em uma região de rica diversidade e complexidade histórica. Hoje,

com 399 municípios e uma população estimada de aproximadamente 11,4 milhões de habitantes, o estado ocupa uma área de cerca de 199.314 km<sup>2</sup>, representando 2,34% do território brasileiro. No que se refere à configuração demográfica, observamos um elevado grau de urbanização já no período de coleta dos dados do Projeto ALiB: segundo o IBGE (2000), 81% da população do Paraná residia em áreas urbanas. Dados mais recentes indicam a continuidade desse processo, uma vez que, de acordo com o Censo Demográfico de 2022, 89% da população reside em áreas urbanas, enquanto 11% vivem em áreas rurais. Esse perfil demográfico reflete os processos históricos de ocupação e desenvolvimento econômico do estado, especialmente a expansão da cafeicultura e a posterior consolidação de centros urbanos ao longo do século XX.

## 1.2 SANTA CATARINA

De acordo com o IBGE, o litoral catarinense foi, inicialmente, território dos povos indígenas carijós. O primeiro registro europeu na região data de 1515, com a passagem do navegador espanhol Juan Díaz de Solís, que teria batizado a área de “Baía dos Perdidos”. Ao longo do século XVI e início do XVII, a região esteve sob disputa entre Portugal e Espanha, sendo incorporada à Coroa portuguesa após acordos como o Tratado de Santo Ildefonso. A colonização efetiva teve início apenas em 1637, com a chegada de bandeirantes que se estabeleceram na área onde hoje está Florianópolis, antes chamada Nossa Senhora do Desterro.

A partir desse movimento inicial, consolidou-se, no território que viria a constituir o estado de Santa Catarina, um processo de ocupação definitiva ao longo do século XVII, com as expedições dos bandeirantes. A posse das terras ocorreu por meio da concessão de sesmarias, como no restante do país; contudo, os povoadores fixados na região possuíam poucos recursos e “eram somente portadores de alguns instrumentos agrícolas, gado, utensílios de mineração e alguns escravos” (Corrêa, 1999, p. 27). Assim, as atividades econômicas eram frágeis e a falta de capital impediu a consolidação da ocupação.

Segundo Corrêa (1999), no século XVIII, foi construída a Estrada do Gado, ligando o Sul do Brasil a São Paulo e favorecendo a utilização do território catarinense como ponto de descanso e abastecimento de tropeiros. Essa dinâmica, porém, não foi suficiente para impulsionar significativamente o desenvolvimento econômico. Os

núcleos bandeirantes do litoral foram progressivamente desocupados e se estagnaram, o que ameaçava a soberania portuguesa sobre uma área fronteiriça com domínios espanhóis. Diante dessa conjuntura e dos entraves econômicos vivenciados pelos Açores na época, a Coroa concedeu sesmarias em Santa Catarina aos colonos açorianos que, mesmo com recursos limitados, deram continuidade ao processo de ocupação do território, mantendo atividades de base agrária e de subsistência, além de práticas ligadas ao abastecimento local, já desenvolvidas de forma incipiente na região (Corrêa, 1999).

Com o tempo, a divisão das terras por herança provocou fragmentação e muitos deixaram o campo para se dedicar à pesca e ao comércio. Assim, as áreas urbanas cresceram, enquanto o meio rural se enfraqueceu e a produção excedente dos pequenos agricultores passou a ser absorvida pelos comerciantes das cidades, que se fortaleceram economicamente.

No século XIX, Santa Catarina experimentou uma nova fase de formação territorial e econômica, marcada pela chegada de imigrantes alemães, italianos e de outras nacionalidades. A partir da segunda metade do século, o estado recebeu colonos com maior qualificação profissional e recursos, como agricultores, artesãos e comerciantes. Esses grupos, com hábitos urbanos e conhecimentos técnicos, foram beneficiados pela Lei de Terras, que facilitou o acesso à propriedade e consolidou um modelo de colonização baseado na pequena propriedade familiar, sem uso de trabalho escravo.

Alemães e italianos desenvolveram a agricultura, a produção artesanal e introduziram práticas como a viticultura, a vinicultura e a sericultura. Três fatores explicam o êxito na comercialização dos excedentes: a abertura de caminhos e o uso dos rios para interligar colônias, o aumento da população e da demanda local com a chegada constante de imigrantes e a ampliação do mercado nacional impulsionada pela economia cafeeira de São Paulo. Com isso, a economia catarinense superou o estágio de subsistência e passou a se diversificar, favorecendo também as exportações. Atualmente, o estado possui 295 municípios distribuídos em cerca de 95.738 km<sup>2</sup>, resultado de um processo histórico que integrou diferentes povos e modelos de ocupação, representando 1,2% do território brasileiro. Do ponto de vista demográfico, constatamos que o predomínio urbano já se encontrava estabelecido no período de coleta dos dados do Projeto ALiB: conforme o IBGE (2000), 79% da população catarinense residia em áreas urbanas, percentual inferior ao registrado no

Paraná no mesmo período. Nas décadas seguintes, esse processo se intensificou, de modo que, segundo o Censo Demográfico de 2022, 88% da população vive em áreas urbanas, enquanto 12% residem em áreas rurais. Observamos, assim, uma aproximação em relação ao Paraná, cujo nível de urbanização também se eleva, resultando em padrões demográficos atualmente bastante próximos entre os dois estados.

### 1.3 RIO GRANDE DO SUL

De acordo com Luvizotto (2009), antes da chegada dos europeus, a região do atual Rio Grande do Sul era considerada “terra de ninguém”, mas estava ocupada por diversos povos indígenas, como os grupos jê e guaianás no Norte e Nordeste, além dos mbaias no Sul. Esses povos estavam subdivididos em tribos com formas próprias de organização social e territorial. Segundo Luvizotto (2009, p. 15), “O Rio Grande do Sul foi, desde o início, uma ‘fronteira quente’”, isso porque a partir do século XVII, a região se tornou palco de disputas entre Portugal e Espanha. Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), a área pertenceria aos espanhóis, mas Portugal defendia que sua fronteira se estendia até a margem esquerda do Rio da Prata. As primeiras iniciativas de povoamento foram as reduções jesuíticas, estabelecidas a partir de 1626, quando missionários organizaram comunidades indígenas voltadas à produção de erva-mate, couro e criação de gado. Com os ataques de bandeirantes paulistas e a instabilidade da região, os jesuítas foram expulsos, e a ocupação tornou-se dispersa. Porém, em 1682, os missionários retornaram e fundaram os Sete Povos das Missões (1687), que se destacaram pela produção de gado e erva-mate, mas foram desmantelados após o Tratado de Madrid, em 1750, quando a região passou ao domínio português.

De acordo com o *Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul* (2021), a ocupação do território ocorreu de forma gradual, influenciada por fatores geopolíticos e econômicos. A Coroa Portuguesa intensificou o processo de ocupação para garantir a soberania frente às disputas com os espanhóis, foram criadas fortalezas militares e distribuídas sesmarias a pessoas influentes, estimulando a criação de propriedades pecuaristas. Nesse período, consolidou-se a produção de charque, que impulsionou cidades como Pelotas, Bagé e Rio Grande. A partir de 1752, colonos açorianos se estabeleceram em cidades como Rio Grande, Porto Alegre e Santo Antônio da Patrulha, desenvolvendo agricultura de subsistência e contribuindo para a formação

de núcleos urbanos menores.

No século XIX, a chegada de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, alterou a dinâmica da ocupação. Esses grupos se fixaram no Vale dos rios Taquari, Sinos e Caí, introduziram agricultura diversificada e formaram colônias que, mais tarde, se tornaram cidades economicamente dinâmicas. A formação dos municípios acompanhou essas mudanças, com o crescimento populacional e a diversificação econômica, novas cidades surgiram, sobretudo no norte do estado. A formação dos municípios acompanhou essas transformações: em 1900, o Rio Grande do Sul contava com 65 municípios, número que atualmente chega a 497. Em termos territoriais, o estado ocupa cerca de 281.707 km<sup>2</sup>, correspondendo a pouco mais de 3% do território nacional.

No plano demográfico, verificamos que, nesse estado, o predomínio urbano também já estava consolidado no período de coleta dos dados do Projeto ALiB. Conforme o IBGE (2000), 81,65% da população do Rio Grande do Sul residia em áreas urbanas, percentual próximo ao observado no Paraná e superior ao de Santa Catarina no mesmo período. Nas décadas seguintes, esse quadro se intensifica, e o Censo Demográfico de 2022 indica que cerca de 87% da população vive em áreas urbanas, enquanto aproximadamente 12% permanecem em áreas rurais, evidenciando a consolidação de um perfil majoritariamente urbano.

Assim, a ocupação do Rio Grande do Sul reflete um processo de expansão territorial marcado por interesses coloniais e pela chegada de grupos de imigrantes, resultando em uma distribuição desigual da população e da economia, com grandes propriedades ao sul e pequenas colônias ao norte do estado. Como sintetiza Luvizotto (2009), a história gaúcha foi moldada pela condição de fronteira disputada, pela presença missioneira e pelo protagonismo indígena, que deixaram marcas profundas na configuração social e cultural da região.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DIALETOLOGIA TRADICIONAL

A dialetologia constitui um ramo dos estudos linguísticos dedicado à investigação da diversidade interna das línguas. Segundo Cardoso, sua tarefa consiste em “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15). Nesse sentido, o estudo dialetal busca compreender de que modo os usos linguísticos se distribuem no território e como tais usos se relacionam com fatores históricos e socioculturais. A autora observa que o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada região, uma vez que a língua assume configurações distintas em função da formação demográfica, da base linguística pré-existente e da interferência de outras línguas presentes ao longo da história (Cardoso, 2010).

A perspectiva espacial ocupa posição central nos estudos dialetológicos. De acordo com Cardoso (2010), a observação da distribuição territorial das formas linguísticas permite não apenas registrar a presença de determinadas variantes, mas também considerar a ausência de dados em áreas específicas, elemento igualmente relevante para a comparação entre regiões. Nessa perspectiva, a dialetologia estabelece relações entre modalidades de uso da língua por meio do confronto entre diferentes áreas, identificando coincidências ou divergências nos fenômenos observados. Tal procedimento conduz à delimitação de áreas dialetais e ao reconhecimento da variação linguística como um fenômeno sistemático relacionado ao espaço.

Embora a diversidade espacial constitua o eixo principal da disciplina, a dialetologia também considera fatores extralinguísticos associados aos falantes. Cardoso (2010) assinala que a coleta de dados costuma envolver informantes selecionados de modo a permitir a observação de variáveis como idade, gênero, grau de escolaridade e inserção social. Esses elementos contribuem para a interpretação dos fenômenos registrados e evidenciam que o estudo da variação linguística não se limita à dimensão geográfica. Ainda assim, a descrição dialetal tem como base fundamental a localização espacial dos fatos linguísticos, razão pela qual a

abordagem é tradicionalmente caracterizada como diatópica.

Do ponto de vista histórico, a consolidação da dialetologia ocorre no século XIX, período em que se desenvolvem iniciativas voltadas à documentação das variedades linguísticas. Cardoso (2010) observa que esse momento se caracteriza pela preocupação em registrar usos da língua ameaçados de desaparecimento em decorrência das transformações sociais e da ampliação das redes de comunicação. Nesse contexto, a investigação dialetal passa a orientar-se por métodos sistemáticos de recolha e comparação de dados linguísticos distribuídos em diferentes regiões.

Entre as iniciativas que contribuíram para a definição dos procedimentos metodológicos da área, destacam-se os trabalhos de Georg Wenker e de Jules Gilliéron. Wenker realizou, no final do século XIX, um levantamento de dados linguísticos em ampla extensão do território alemão, reunindo informações provenientes de milhares de localidades. Conforme relata Cardoso (2010), essa pesquisa representou um passo importante para o desenvolvimento da geografia linguística, ao possibilitar a comparação de fatos linguísticos registrados em diferentes regiões. Apesar de limitações metodológicas, especialmente no que se refere ao controle de variáveis sociais e ao processo de coleta por correspondência, o trabalho de Wenker inaugurou um modelo de investigação baseado na documentação sistemática da variação espacial.

A consolidação do método geolinguístico ocorre com o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), elaborado por Jules Gilliéron com a colaboração de Edmond Edmont. A partir do final do século XIX, Gilliéron empreendeu a coleta de dados em centenas de localidades francesas mediante a aplicação de um questionário composto por grande número de perguntas. Segundo Cardoso (2010), esse trabalho estabeleceu diretrizes importantes para a investigação dialetal, especialmente no que se refere à recolha sistemática de dados *in loco* e à representação cartográfica das variantes linguísticas. As cartas linguísticas produzidas no âmbito do ALF permitiram visualizar a distribuição territorial de diferentes formas e consolidaram o uso de atlas como instrumento fundamental da geografia linguística.

A partir dessas iniciativas, a geografia linguística firma-se como método central da dialetologia. Por meio da representação cartográfica dos dados coletados, torna-se possível identificar padrões de distribuição espacial e delimitar áreas de ocorrência de determinadas variantes. Cardoso (2010) observa que esse procedimento favorece a comparação entre diferentes regiões e permite compreender

a variação linguística em relação aos contextos históricos e socioculturais nos quais se insere.

Em síntese, a dialetologia tradicional é caracterizada pela centralidade atribuída à dimensão diatópica da variação linguística. Ao investigar a distribuição espacial dos fenômenos da língua e representá-la cartograficamente, esse campo de estudos estabeleceu bases metodológicas para a descrição das variedades linguísticas. Ainda que abordagens posteriores tenham ampliado o foco da investigação, incorporando de forma mais sistemática variáveis sociais e outras dimensões da variação, a perspectiva diatópica permanece como um dos fundamentos da análise dialetal (CARDOSO, 2010).

## 2.2 PANORAMA DOS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Apresentamos, a seguir, um panorama de alguns estudos dialetológicos desenvolvidos na Região Sul do Brasil, com ênfase em iniciativas de caráter geolinguístico e em projetos de maior amplitude. A produção da área apresenta trajetória consolidada, marcada inicialmente por levantamentos de caráter descritivo e de alcance local. Conforme sintetizam Margotti e Romano (2021), as primeiras pesquisas voltadas aos falares sulistas ocorreram, em grande parte, por meio de glossários, monografias acadêmicas e descrições de comunidades específicas, muitas delas situadas em áreas rurais ou em contextos de contato linguístico, como regiões de colonização europeia e zonas de bilinguismo. Esses trabalhos, embora nem sempre estruturados segundo a metodologia geolinguística clássica, registraram de modo significativo o léxico regional e aspectos da cultura linguística local.

A consolidação da geolinguística na região ocorre a partir da organização de projetos interinstitucionais de maior amplitude. Nesse cenário, destacam-se o *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)* (Aguilera, 1994) e, em escala macrorregional, o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* (Altenhofen et al., 2002), resultado da articulação entre universidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses empreendimentos sistematizaram a coleta de dados em rede de pontos previamente definidos e possibilitaram a cartografia de variantes linguísticas, contribuindo de forma decisiva para a delimitação de áreas dialetais e para a documentação da variação regional no Sul do Brasil.

Paralelamente ao desenvolvimento dos atlas, estruturaram-se também projetos voltados à variação linguística em perspectiva social. Entre eles, o VARSUL (Banco de Dados sobre a Variação Linguística na Região Sul do Brasil) reuniu entrevistas de fala urbana e consolidou uma base empírica voltada à análise de fenômenos variáveis considerando o perfil sociolinguístico dos informantes. Esse movimento evidencia a ampliação do enfoque dialetológico tradicional, antes centrado predominantemente na distribuição geográfica das variantes, para abordagens que articulam espaço e fatores sociais.

No âmbito nacional, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), iniciado em 1996, reforça essa articulação ao combinar o controle geográfico dos pontos de inquérito com a definição de perfis sociais dos informantes, incluindo variáveis como faixa etária, sexo e escolaridade. Na Região Sul, o ALiB conta com a participação de pesquisadores locais e integra o conjunto de iniciativas que vêm contribuindo para uma visão mais abrangente da diversidade linguística.

Esse cenário de consolidação regional aliado à ampliação das variáveis de análise prepara o terreno para a incorporação de modelos teóricos que tratam explicitamente da multidimensionalidade da variação linguística.

### 2.3 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

À luz do percurso teórico delineado nas seções anteriores, o presente estudo insere-se no quadro da Dialetologia Pluridimensional, conforme proposta por Thun (1998), adotando-a como principal aporte teórico-metodológico para a análise dos dados. Essa perspectiva amplia o escopo da Dialetologia ao considerar, de forma sistemática, diferentes dimensões que condicionam o uso linguístico. Diferentemente da tradição que privilegiava sobretudo a distribuição espacial das variantes, essa abordagem integra à análise fatores sociais e interacionais que interferem no comportamento dos falantes.

O aporte teórico da nossa pesquisa se ancora na Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998), porque, para a análise de dados, ao contrário da dialetologia tradicional, que foca principalmente a distribuição espacial das variedades linguísticas, consideramos múltiplas dimensões além da diatópica, como a diassexual e a diageracional, entre outras.

De acordo com Thun (1998), a Dialetologia Pluridimensional amplia o estudo da variação linguística, incorporando dimensões que afetam o comportamento dos falantes além da simples variação geográfica. Essa abordagem considera também aspectos como os diastráticos, diafásicos, diatópico-cinéticos, diassexuais e diageracionais. Essas dimensões permitem uma análise mais profunda da linguagem, incluindo fatores como sexo, faixa etária e contexto social.

Complementando esse arcabouço, Carneira (2006) enfatiza a inter-relação da língua com a cultura, destacando como transformações sociais criam terreno fértil para inovações linguísticas: “uma mudança no sistema social pode ser terreno propício para mudanças no sistema linguístico...” (p. 14). Esse *insight* é especialmente relevante para o estudo do léxico rural, marcado por laços comunitários e memória histórica.

Em nosso recorte, selecionamos três dimensões específicas da variação: 1. diatópica, 2. diassexual e 3. diageracional.

### 2.3.1 Dimensão Diatópica

A dimensão diatópica se refere à variação linguística associada a diferentes regiões ou espaços geográficos. As diferenças no uso da língua refletem aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos que variam conforme o local em que vive o falante. O estudo dessa dimensão permite compreender como as variedades linguísticas se formam e se transformam ao longo do tempo em função das características históricas e culturais de cada região.

### 2.3.2 Dimensão Diassexual

A dimensão diassexual diz respeito à variação linguística associada ao sexo dos falantes, sendo considerada, nos estudos dialetológicos contemporâneos, uma variável social relevante para a interpretação da distribuição das variantes.

A inclusão da variável sexo na análise dos dados desta dissertação deve-se à possibilidade de, em se tratando de denominações de objetos e utensílios relativos às atividades rurais, o acervo lexical coletado indicar a maior ou menor presença do homem ou da mulher nesse campo laboral. Nessa perspectiva, conforme expõem Trudgill e Hernández-Campoy (2007):

De hecho, aunque ciertamente hay usos lingüísticos más o menos específicos a cada género, en la inmensa mayoría de las lenguas, si o en todas, estos usos comprenden desde un determinado número de vocablos, sintagmas e incluso mecanismos conversacionales en algunas variedades, hasta vocales, consonantes o terminaciones gramaticales concretas en otras. La mayoría de las diferencias entre el habla masculina y femenina son más tendencias observadas cuantitativamente que diferencias absolutas propiamente<sup>2</sup> (Trudgill e Hernández-Campoy, 2007, p. 159).

Dentro da perspectiva pluridimensional, entende-se que homens e mulheres, por ocuparem posições sociais distintas e participarem de práticas culturais parcialmente diferentes, podem apresentar diferenças no repertório lexical e nos usos linguísticos.

Essa variação não é interpretada como consequência de fatores biológicos, mas como reflexo das experiências sociais historicamente construídas. O acesso desigual a determinados espaços de atuação, atividades cotidianas e redes de interação pode fazer com que certos campos semânticos sejam mais produtivos para um grupo do que para outro, o que se manifesta na frequência de uso, no grau de familiaridade e até na existência de determinadas lexias no repertório dos falantes.

No âmbito da Dialetologia Pluridimensional, a variável sexo soma-se às dimensões diatópica e diageracional, contribuindo para uma leitura mais ampla da heterogeneidade linguística. Assim, a observação de diferenças entre informantes do sexo masculino e feminino, nesta pesquisa, é compreendida como parte das dinâmicas socioculturais que atravessam o uso da língua, e não como um traço isolado ou puramente individual.

### 2.3.3 Dimensão Diageracional

A dimensão diageracional refere-se à variação linguística associada às diferentes faixas etárias dos falantes. No âmbito dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, a idade é considerada uma variável social relevante, uma vez que os grupos geracionais vivenciam contextos históricos, culturais e sociais distintos, que

---

<sup>2</sup> T.N. De fato, embora certamente existam usos linguísticos mais ou menos específicos para cada género, na grande maioria das línguas, senão em todas, esses usos variam em certo número de palavras, frases e até mesmo mecanismos conversacionais em algumas variedades, e em outras, a vogais, consoantes ou terminações gramaticais específicas. A maior parte das diferenças entre a fala masculina e a feminina são tendências observadas quantitativamente, e não diferenças absolutas.

influenciam suas práticas de linguagem. Para López Morales (1993, p. 114), “las generaciones jóvenes suelen ser más innovadoras en contraste con el conservadurismo lingüístico de las mayores<sup>3</sup>”. Essa distinção, contudo, não deve ser entendida de forma rígida, mas como uma tendência observável em processos de mudança linguística, nos quais os falantes mais jovens frequentemente lideram a difusão de formas inovadoras, enquanto os mais velhos tendem a preservar usos mais antigos. A comparação entre faixas etárias, portanto, constitui um recurso fundamental para identificar possíveis mudanças em curso, bem como para distinguir traços estáveis daqueles que apresentam recuo ou expansão no uso.

Mais do que simplesmente opor inovação e conservação, a análise diageracional permite observar como cada geração constrói seu repertório linguístico a partir das experiências de vida que lhe são próprias. Mudanças nas formas de trabalho, nas tecnologias, nos meios de comunicação e nos modos de sociabilidade repercutem no léxico, fazendo com que determinados itens se tornem mais produtivos em uma geração do que em outra, enquanto outros podem se tornar menos frequentes ou mesmo cair em desuso. No caso dos falantes mais velhos, por exemplo, é comum que o repertório lexical preserve formas associadas a práticas culturais e realidades sociais de períodos anteriores, funcionando como marcas da memória sociocultural do grupo. Já entre os mais jovens, observa-se com frequência a incorporação de novas denominações relacionadas a transformações recentes do cotidiano. Assim, as diferenças entre gerações não se restringem a traços isolados, mas refletem diferentes trajetórias de inserção social e diferentes experiências históricas compartilhadas.

Dentro da perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional, a variável idade articula-se às demais dimensões de análise, como a diatópica e a diassexual, contribuindo para uma compreensão mais ampla da heterogeneidade linguística. A observação das respostas de informantes de faixas etárias distintas, nesta pesquisa, busca justamente identificar como essas experiências geracionais diferenciadas se manifestam na variação lexical registrada nas localidades investigadas.

A aplicação desses princípios à análise de dados de variação linguística,

---

<sup>3</sup> T.N. As gerações jovens costumam ser mais inovadoras em contraste com o conservadorismo linguístico das gerações mais idosas.

especialmente no contexto do léxico rural, permite um entendimento mais detalhado dos padrões de uso e das mudanças que ocorrem na língua. Thun (2022) destaca a importância de uma abordagem múltipla, selecionando informantes de diversas faixas etárias, níveis de escolaridade e contextos socioculturais, o que amplia o escopo da pesquisa em comparação à Dialectologia tradicional, que limita a análise a um único tipo de falante por localidade. O uso dessa metodologia resulta em um volume de dados mais robusto e permite uma análise mais rica da variação linguística.

#### 2.4 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB) NO CONTEXTO DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Inserido nesse quadro teórico, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) constitui-se como o principal empreendimento da Dialectologia Pluridimensional no país, ao articular a dimensão diatópica com variáveis sociais como sexo, faixa etária e escolaridade. Mais do que uma fonte de dados, o ALiB representa a consolidação, em escala nacional, dos pressupostos metodológicos discutidos nas seções anteriores, oferecendo um retrato amplo e sistemático da diversidade linguística do português brasileiro.

O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto de alcance nacional que tem como objetivo mapear e descrever a variação do português falado no território brasileiro. A iniciativa surgiu no final do século XX, com a participação de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, atualmente, conta com a colaboração de doze universidades distribuídas por diferentes regiões do país.

A proposta de criar um atlas linguístico brasileiro, no entanto, é mais antiga. Em 1952, o Decreto nº 30.643 havia atribuído à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a responsabilidade de elaborar tal obra. Apesar disso, dificuldades técnicas e metodológicas acabaram dificultando a execução do projeto e levaram, primeiramente, à produção de atlas regionais, que serviram como base para um trabalho de abrangência nacional.

Em 2014, o projeto ALiB deu um grande passo com o lançamento, no III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística, de dois volumes: o primeiro, de introdução, e o segundo, com 159 cartas linguísticas e dados de 25 capitais do Brasil. Esses volumes foram publicados pela EDUEL e oficialmente entregues à UFBA em

outubro do mesmo ano. Posteriormente, em 2023, foi publicado o Volume 3, intitulado *Atlas Linguístico do Brasil: Comentários às cartas linguísticas 1*, cujo lançamento ocorreu na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) durante a 15ª edição do WorkALiB. Esse volume reúne um conjunto de trabalhos que analisam os fatos linguísticos registrados nas cartas publicadas no Volume 2, incluindo análises de dados fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos recolhidos nas capitais que integram a rede de pontos do ALiB, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade. O lançamento do Volume 3 representa a ampliação da documentação e da análise dos dados coletados pelo ALiB, reforçando sua função como referência para estudos de variação linguística no Brasil contemporâneo.

O ALiB tem como objetivo principal a descrição da variação linguística da língua portuguesa no Brasil, focando nas diferenças diatópicas que abrangem aspectos fonéticos (inclusive prosódicos), morfossintáticos e lexicais, além de fornecer subsídios para o ensino de português, oferecendo um panorama da realidade dialetal do país. O projeto também visa a identificar e delimitar, por meio de isoglossas, as fronteiras entre diferentes variantes linguísticas, representadas visualmente em cartas linguísticas.

A metodologia do ALiB baseia-se na articulação entre a documentação fonética das entrevistas e a cartografia linguística. As gravações compõem um acervo sonoro que preserva a realização fonética dos dados e garante o acesso direto à fala dos informantes, enquanto as cartas linguísticas representam especialmente as variantes registradas. O perfil dos participantes é definido a partir de critérios de naturalidade e permanência: todos devem ter nascido na localidade pesquisada e ser filhos de pais também naturais da mesma região. Além disso, o projeto considera variáveis como sexo, idade e escolaridade, este último apenas nas capitais. Ao todo, foram selecionados 1.100 informantes, distribuídos em duas faixas etárias: a faixa I, de 18 a 30 anos, e a faixa II, de 50 a 65 anos, com representação dos dois sexos.

A escolha das faixas etárias procurou equilibrar o custo do projeto com a necessidade de observar as mudanças linguísticas ao longo do tempo, com a intenção de oferecer uma análise comparativa entre os usos linguísticos de diferentes gerações. Embora a pesquisa tenha sido inicialmente planejada para incluir três faixas etárias, optou-se por focar em duas faixas mais distantes, o que permite um confronto mais claro entre a fala de jovens e de adultos acima de 50 anos, além de possibilitar a análise da variação e das mudanças linguísticas em 250 localidades do país. Dessa

forma, o perfil dos informantes reflete uma tentativa de vincular a língua aos fatores sociais e geográficos, contribuindo para uma compreensão mais profunda da geolinguística brasileira.

Em relação à escolaridade, os informantes possuem, em sua maioria, o ensino fundamental completo, exceto nas capitais, em que foram adicionados informantes com nível universitário, respeitando as mesmas proporções de sexo e faixa etária.

Em termos metodológicos, o ALiB também se destaca pelo uso de questionários estruturados, distribuídos em três áreas principais: fonético-fonológica, semântico-lexical e morfossintática. O questionário foi inicialmente publicado em 1998 para testes experimentais em diferentes locais do Brasil, sendo posteriormente revisado e atualizado em 2001. O estudo inclui ainda questões de pragmática e metalinguística, além de textos para leitura, como a "Parábola dos sete vimes", utilizados para uma análise das variantes linguísticas registradas em vários estilos, desde o mais monitorado até o mais informal e espontâneo.

Para a coleta de dados, o projeto utilizou uma rede de pontos com 250 localidades espalhadas por todas as regiões do Brasil, escolhidas com base em critérios demográficos, históricos e culturais, para permitir a visualização de um panorama detalhado das variações linguísticas em diferentes contextos.

No interior desse projeto de abrangência nacional, o presente trabalho recorta as localidades da Região Sul do Brasil<sup>4</sup>, com o objetivo de observar as variações linguísticas dessa área do país, utilizando a rede de pontos específica dessa região.

## 2.5 ESTUDOS DE REFERÊNCIA PARA A ANÁLISE DO LÉXICO RURAL NO PROJETO ALiB

A análise desenvolvida nesta dissertação dialoga com pesquisas que investigam o léxico rural no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), especialmente os trabalhos de Marins (2012) e Fernandes (2021), que constituem referências para a comparação inter-regional empreendida ao longo deste estudo.

O trabalho de Marins (2012), voltado à Região Centro-Oeste, examina a relação entre rural e urbano a partir da análise de variantes lexicais extraídas do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Com base em dados de 24 localidades, a autora investiga

---

<sup>4</sup> Ver quadro 2 na página 37.

a produtividade das variantes, sua distribuição espacial e a atuação de variáveis extralinguísticas, como faixa etária, sexo e escolaridade. A análise evidencia a coexistência de unidades lexicais associadas tanto ao universo rural quanto ao urbano, apontando para um *continuum* entre esses domínios no léxico regional. Os resultados também indicam maior presença de variantes ligadas à ruralidade entre informantes da faixa etária mais elevada e maior incidência de não respostas entre os mais jovens em questões relacionadas a referentes rurais, o que sugere diferenças no grau de familiaridade com esse campo lexical.

No que se refere ao estudo de Fernandes (2021), centrado na Região Sudeste, observamos igualmente a adoção de uma perspectiva geolinguística, com análise da distribuição areal das variantes e atenção aos aspectos léxico-semânticos. A autora investiga o vocabulário de falantes de localidades do interior, com foco na relação entre rural e urbano e na identificação de traços de conservadorismo lexical. Os dados analisados, provenientes de sete questões do QSL, evidenciam a presença de variantes de uso genérico ao lado de formas mais específicas, bem como a persistência de unidades lexicais associadas a práticas tradicionais. Assim como em Marins (2012), os resultados apontam para a influência de fatores históricos, geográficos e socioculturais na organização do léxico, além de indicarem a existência de um continuum entre ruralidade e urbanização no repertório dos falantes.

A incorporação desses estudos ao presente trabalho justifica-se não apenas pela coincidência parcial entre as questões analisadas nos diferentes recortes regionais. Essa sobreposição permite o estabelecimento de comparações diretas entre os resultados, sobretudo no que se refere à produtividade, à distribuição e à vitalidade das variantes lexicais. Embora cada pesquisa apresente especificidades quanto ao recorte empírico e aos procedimentos analíticos, os dados de Marins (2012) e Fernandes (2021) oferecem parâmetros para a interpretação dos resultados da Região Sul, possibilitando situar os padrões de variação observados em um quadro mais amplo da diversidade lexical do português brasileiro.

### 3 METODOLOGIA

O processo da aplicação do método da pesquisa dialetal, descrito por Cardoso (2010), é composto por seleção de rede de pontos e de informantes, criação dos questionários e fichas de controle, registro e gravação das entrevistas e arquivamento dos materiais. No caso deste trabalho, essas etapas haviam sido realizadas previamente pela equipe do Projeto ALiB. Assim, a investigação consistiu na análise do material já coletado, a partir da audição e transcrição das entrevistas, especialmente as respostas, ainda inéditas, dadas às questões relativas às atividades agropastoris.

Foram selecionadas as respostas referentes às questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, que contempla o campo semântico-lexical dos itens agropastoris, foco central deste estudo. Essas questões investigam denominações de objetos e artefatos ligados ao universo agropastoril, como utensílios de transporte, armações de madeira utilizadas em animais de carga e recipientes empregados no deslocamento de produtos agrícolas. Inicialmente, procedemos à audição das entrevistas dos informantes das localidades da Região Sul do Brasil, relativas às questões selecionadas. As questões analisadas, bem como seus respectivos enunciados, são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB selecionadas para análise

<b>QUESTÃO</b>	<b>ENUNCIADO</b>
52	veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas, em trechos curtos
53	duas partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão (ou carriola)
54	armação de madeira que se coloca no pescoço de animais para impedir que atravessem a cerca
55	armação de madeira colocada no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas
56	peça de madeira colocada no pescoço do boi para tracionar o carro ou o arado

57	objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas no lombo do cavalo ou do burro
58	objetos de couro, com tampa, para levar farinha no lombo do cavalo ou do burro

Fonte: COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (2001).

A rede de pontos analisada corresponde às localidades da Região Sul contempladas pelo ALiB, distribuídas entre Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, conforme apresentamos no Quadro 2. Esses pontos integram a rede nacional do projeto e garantem a comparabilidade dos dados regionais com o conjunto mais amplo do atlas.

Quadro 2 - Localidades da Região Sul do ALiB utilizadas na pesquisa

<b>Estado</b>	<b>Ponto</b>	<b>Localidade</b>
Paraná	207	Nova Londrina
Paraná	208	Londrina
Paraná	209	Terra Boa
Paraná	210	Umuarama
Paraná	211	Tomazina
Paraná	212	Campo Mourão
Paraná	213	Cândido de Abreu
Paraná	214	Piraí do Sul
Paraná	215	Toledo
Paraná	216	Adrianópolis
Paraná	217	São Miguel do Iguaçu
Paraná	218	Imbituva
Paraná	219	Guarapuava
Paraná	220	Curitiba
Paraná	221	Morretes
Paraná	222	Lapa
Paraná	223	Barracão
Santa Catarina	224	Porto União
Santa Catarina	225	São Francisco do Sul
Santa Catarina	226	São Miguel do Oeste
Santa Catarina	227	Blumenau
Santa Catarina	228	Itajaí
Santa Catarina	229	Concórdia
Santa Catarina	230	Florianópolis
Santa Catarina	231	Lages
Santa Catarina	232	Tubarão
Santa Catarina	233	Criciúma
Rio Grande do Sul	234	Três Passos
Rio Grande do Sul	235	Erechim

Rio Grande do Sul	236	Passo Fundo
Rio Grande do Sul	237	Vacaria
Rio Grande do Sul	238	Ijuí
Rio Grande do Sul	239	São Borja
Rio Grande do Sul	240	Flores da Cunha
Rio Grande do Sul	241	Santa Cruz do Sul
Rio Grande do Sul	242	Santa Maria
Rio Grande do Sul	243	Porto Alegre
Rio Grande do Sul	244	Osório
Rio Grande do Sul	245	Uruguaiana
Rio Grande do Sul	246	Caçapava do Sul
Rio Grande do Sul	247	Santana do Livramento
Rio Grande do Sul	248	Bagé
Rio Grande do Sul	249	São José do Norte
Rio Grande do Sul	250	Chuí

Fonte: Adaptado de Cardoso et al. (2014, v. 2), com base na rede de pontos do Projeto ALiB.

Quanto ao perfil dos informantes, seguimos o padrão estabelecido pelo Projeto ALiB, que prevê quatro informantes por localidade, distribuídos equitativamente entre os sexos e entre duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos). Os informantes são naturais da localidade pesquisada e filhos de pais da mesma região, buscando, assim, reduzir efeitos de mobilidade geográfica. Em relação à escolaridade, foram considerados informantes alfabetizados que cursaram, no máximo, o ensino fundamental. Nas capitais, embora o Projeto ALiB preveja a inclusão de informantes adicionais com nível superior, nesta pesquisa foram utilizados apenas os quatro informantes de escolaridade fundamental, a fim de manter a comparabilidade com os pontos do interior.

Posteriormente, foi feito o levantamento quantitativo de dados por informante. Essa etapa caracterizou-se como pesquisa quantitativa, pois, segundo Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 23), “é correto afirmar que a maior parte da pesquisa quantitativa está centrada ao redor do levantamento de dados (survey) e de questionários”. Foi precisamente essa a proposta adotada, visto que buscamos levantar e quantificar as ocorrências das variantes léxicas nas diferentes localidades. Para fins de análise, foram consideradas até três respostas por informante para cada questão. Os dados coletados foram transcritos e organizados em planilhas eletrônicas no Microsoft Excel, acompanhadas de notas explicativas quando necessário. Posteriormente, as informações foram inseridas no sistema SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), utilizado para o tratamento estatístico dos dados e para a elaboração das cartas linguísticas.

Durante essa etapa, procedemos também ao agrupamento de variantes fonéticas e morfofonêmicas da mesma forma lexical, quando essas não implicavam distinção semântica relevante, a fim de evitar a fragmentação excessiva dos dados e garantir maior consistência analítica. Essas formas foram, assim, consideradas variantes de uma mesma unidade lexical para fins de contagem. Dessa forma, o *corpus* analisado é composto por 1360 ocorrências, das quais 998 correspondem a respostas válidas e 362 a não respostas.

Além do levantamento quantitativo, foram consideradas as variáveis sociais sexo e faixa etária, com o objetivo de observar possíveis correlações entre a escolha lexical e esses fatores sociolinguísticos. A análise dessas variáveis foi conduzida de forma articulada à variação diatópica, permitindo verificar em que medida os aspectos sociais se mostraram relevantes ou pouco produtivos em cada localidade ou conjunto de localidades. Os resultados quantitativos foram apresentados por meio de tabelas de frequência e gráficos comparativos.

Para a análise da variação diatópica, utilizamos como referência inicial a divisão das mesorregiões definida pelo IBGE. Entretanto, com vistas a garantir maior densidade de dados e possibilitar interpretações mais robustas, foram realizados alguns agrupamentos de localidades em cada estado. No caso de Santa Catarina, o Vale do Itajaí foi agregado à região Norte, reunindo os pontos linguísticos de Porto União, São Francisco, Blumenau e Itajaí. Para a mesorregião Sul, foram reunidos os pontos de Florianópolis, Tubarão e Criciúma. As mesorregiões Serrana (representada por Lages) e Oeste (São Miguel do Oeste e Concórdia) mantiveram-se inalteradas.

No Paraná, a definição das áreas diatópicas considerou: (i) o Norte, com as localidades de Nova Londrina, Londrina, Tomazina, Umuarama e Cândido Abreu; (ii) a Região Central, com Terra Boa, Campo Mourão e Piraí do Sul; (iii) o agrupamento das mesorregiões Oeste e Sudoeste, formado por Barracão, São Miguel do Iguazu e Toledo; (iv) a junção das regiões Sudeste e Centro-Sul, com Guarapuava e Imbituva; e (v) a Região Metropolitana, englobando Curitiba, Adrianópolis, Lapa e Morretes. Esses agrupamentos se mostraram coerentes, uma vez que as localidades agrupadas apresentaram perfis de resposta muito semelhantes.

No Rio Grande do Sul, foram estabelecidas as seguintes divisões: (i) o Norte, englobando as mesorregiões Noroeste e Nordeste, com os pontos de Três Passos,

Passo Fundo, Vacaria, Ijuí e Flores da Cunha; (ii) o Sudoeste, reunindo São Borja, Uruguaiana, Santana do Livramento e Bagé; (iii) o Centro, composto pelos pontos de Santa Cruz do Sul e Santa Maria; e (iv) a Região Metropolitana e Sudeste, com Porto Alegre, Osório, Caçapava do Sul, São José do Norte e Chuí.

Os ajustes mencionados na divisão espacial justificam-se pela necessidade de garantir equilíbrio entre o número de informantes por região e a consistência dos resultados, considerando a densidade variável da rede de pontos do ALiB. Ademais, a homogeneidade observada nas respostas dentro desses agrupamentos corroborou a pertinência metodológica dessa estratégia.

A partir dessa organização espacial, os dados foram submetidos a procedimentos de mapeamento linguístico, com a representação cartográfica da distribuição das variantes léxicas identificadas por meio de cartas linguísticas geradas no SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). Para a elaboração dessas cartas, utilizamos o mapa-base oficial do ALiB, que apresenta a rede de pontos georreferenciada das localidades investigadas e foi publicado no volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014). Esse procedimento possibilitou a visualização das áreas de maior concentração e das fronteiras de uso entre as diferentes formas. O mapeamento constituiu, assim, um recurso fundamental para a análise da variação diatópica e para a identificação de padrões regionais.

Como etapa complementar da análise, procedemos à verificação da dicionarização das variantes registradas, com consulta aos dicionários Houaiss, Michaelis e Priberam, em suas versões on-line, atualizadas até 2025. A escolha desses repertórios lexicográficos justifica-se pelo prestígio e pela confiabilidade que possuem no contexto dos estudos linguísticos, bem como por sua acessibilidade ao público e à comunidade acadêmica. Essa etapa permitiu avaliar o grau de institucionalização lexical das formas identificadas, distinguindo variantes dicionarizadas daquelas de circulação mais restrita ou regional.

## 4 ANÁLISE

### 4.1 QUESTÃO 52 - VEÍCULO DE UMA RODA, EMPURRADO POR UMA PESSOA, PARA PEQUENAS CARGAS, EM TRECHOS CURTOS

Buscamos fazer uma análise das respostas dos informantes por questão, para depois unir e transferir essas informações em cartas linguísticas referentes ao falar rural na Região Sul. Para a questão nº 52, que investiga os *nomes dados ao veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas, em trechos curtos*, considerando o conjunto da Região Sul, foram obtidas 200 respostas, considerando-se até três respostas por informante, distribuídas entre os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Para fins de referência, apresentamos, a seguir, a representação do objeto descrito na questão.

Figura 1 - Representação do objeto investigado na questão 52 (QSL/ALiB)



No panorama geral, para nomear o objeto em questão, constatamos predominância da variante *carrinho de mão*, com 156 ocorrências (78%), seguida por *carriola*, com 38 registros (19%), enquanto as demais variantes apresentam frequência bastante reduzida - *carretilha* (3 ocorrências; 1,5%), *girica* (2; 1%) e *carrocinha* (1; 0,5%) -, configurando um quadro de concentração lexical em torno de *carrinho de mão* na Região Sul, ao passo que as outras formas se caracterizam como usos residuais e regionalmente restritos, aspecto que será aprofundado na análise diatópica com base na carta linguística da questão.

Quanto à dicionarização, a variante *carrocinha*, embora mencionada pontualmente pelos informantes, não corresponde diretamente ao referente investigado. Segundo o dicionário Michaelis, *carrocinha* designa uma “pequena carroça de duas rodas, puxada por cavalgadura, utilizada em serviços de terraplanagem” (MICHAELIS, 2025), o que a afasta do veículo de tração humana descrito na pergunta. Por esse motivo, e por ter sido registrada como resposta suplementar, essa forma não foi considerada nas análises subsequentes.

No que diz respeito às variantes majoritárias, de acordo com o dicionário Michaelis, *carrinho de mão* designa um “carro de uma roda na parte dianteira, empurrado por uma pessoa que segura duas barras pequenas e paralelas entre si, usado em construções para carregar areia, pedra, entulho etc.” (MICHAELIS, 2025). Cabe ressaltar que, sob essa mesma entrada, incluem-se as formas *carro de mão* e *carrinho*, as quais foram, nesta pesquisa, agrupadas sob uma única etiqueta lexical.

A variante *carriola*, por sua vez, é registrada no Dicionário Houaiss como um substantivo feminino que designa um “carro de duas rodas, pequeno e ordinário”, derivado do italiano *carriola*, no sentido de “espécie de carreta com tração manual” (HOUAISS, 2025). Embora a definição mencione duas rodas, a referência à tração manual e ao transporte de pequenas cargas permite sua associação ao objeto investigado, o que explica sua recorrência nas respostas dos informantes.

Quanto à variante *girica*, embora não conste nos principais dicionários de língua geral consultados, ela é registrada em glossários especializados da área da construção civil. No glossário E-Civil, *girica* é definida como “ferramenta semelhante ao carro de mão utilizada para transportar o concreto a curtas distâncias e no plano” (E-Civil, 2025). De forma semelhante, o glossário da disciplina de Construção Civil da UEPG descreve *girica* (ou *jerica*, *jirica*, *gerica*) como um “tipo de carrinho caçamba com um eixo e dois pneus, apropriado para transporte de argamassa e concreto”

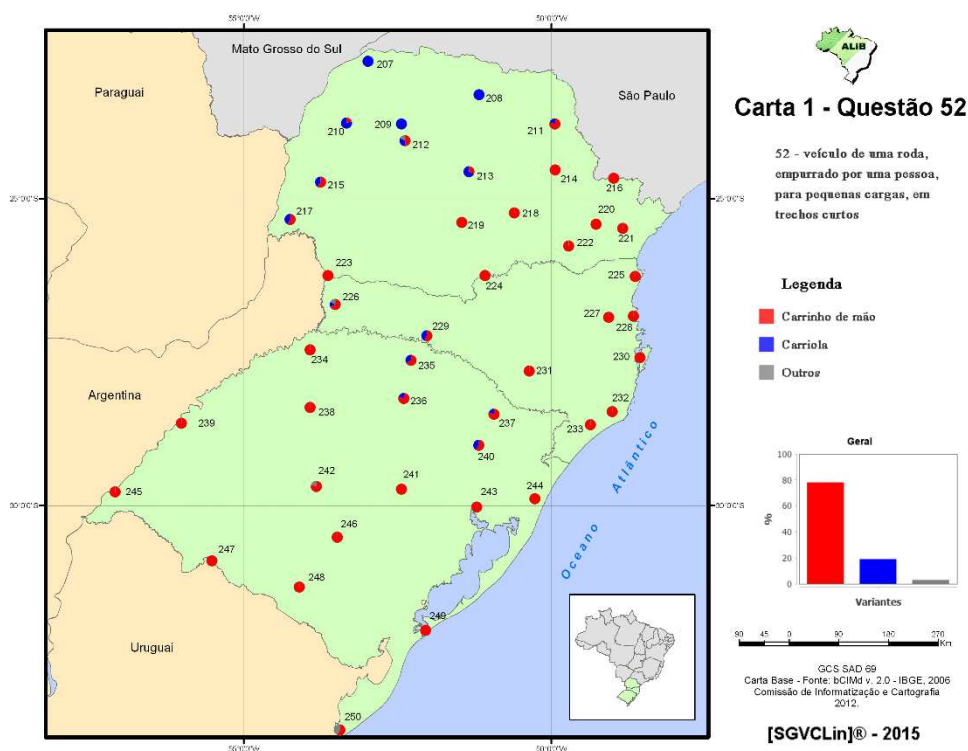
(UEPG, 2025). Essas definições evidenciam uma relação direta com o transporte manual de cargas, ainda que em um contexto técnico específico, o que justifica sua associação ao referente da questão.

Por fim, a variante *carretilha* apresenta polissemia nos dicionários de língua geral. O Dicionário Houaiss registra, entre outras acepções, sentidos ligados a utensílios culinários, ferramentas e usos metafóricos, mas inclui também, como regionalismo do Rio Grande do Sul, a definição de *carretilha* como “pequena carreta para transporte de passageiros” (HOUAISS, 2025). O Dicionário Michaelis igualmente registra, além dos sentidos técnicos e instrumentais, a acepção regional sul-riograndense de *carretilha* como “pequena carreta de passageiros” (MICHAELIS, 2025). Embora essas definições não descrevam explicitamente um veículo de uma roda empurrado manualmente, dados do Tesouro do Léxico Galego e Português registram, para o galego, a forma *carretilla* com o sentido de ‘carro pequeno de uma roda, empurrado manualmente’, equivalente ao referente investigado. Esse paralelo sugere a possibilidade de uma extensão semântica ou de conservação de traços lexicais no português regional, em que a forma *carretilha* passa a designar um veículo de transporte de pequeno porte.

Desse modo, a análise da dicionarização indica que as variantes *carrinho de mão* e *carriola* correspondem de maneira mais direta ao objeto descrito na questão, enquanto *girica* e *carretilha* refletem processos de especialização técnica e de extensão semântica regional, compatíveis com a lógica do uso linguístico evidenciada pelos dados.

Para melhor visualizar a distribuição espacial dessas variantes, apresentamos, a seguir, a carta linguística correspondente à questão 52 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. A carta foi elaborada com base nos dados coletados nas localidades da Região Sul e permite observar a ocorrência das diferentes denominações registradas para o objeto investigado, bem como identificar áreas de maior concentração de determinadas formas. Esse tipo de representação cartográfica constitui um dos principais instrumentos analíticos da geolinguística, pois possibilita a leitura da variação lexical em sua dimensão diatópica.

Figura 2 - Carta lingüística 1 (questão 52)



Fonte: Elaborado pela autora com dados inéditos do Projeto ALiB.

No que tange à distribuição diatópica do item, a observação da carta lingüística da questão 52 revela um quadro de predominância da forma *carrinho de mão* na Região Sul, embora sua distribuição não seja homogênea. Em determinadas áreas, especialmente em localidades do Norte, notamos a presença e o avanço da variante *carriola*, configurando zonas de concorrência lexical entre as formas.

No Paraná, foram obtidas 82 respostas para a questão 52, distribuídas entre 53 ocorrências de *carrinho de mão* (65%), 28 de *carriola* (34%) e uma de *carrocinha* (1%), esta última registrada como segunda resposta. A análise diatópica mostra uma oposição entre *carrinho de mão* e *carriola*, com distribuição regional bem delimitada. Na mesorregião Norte, *carriola* predomina, com 17 ocorrências, enquanto *carrinho* aparece apenas cinco vezes. Já na Região Central, observamos um cenário de competição mais equilibrado, com seis ocorrências de *carriola* e sete de *carrinho de mão*. Nas mesorregiões Oeste e Sudoeste, a variante *carrinho de mão* passa a predominar, com 11 ocorrências, frente a cinco de *carriola*. Nas regiões Sudeste e Centro-Sul, por sua vez, registra-se exclusivamente *carrinho de mão*. Esse processo se completa na Região Metropolitana de Curitiba, onde *carrinho* é a única resposta fornecida pelos 20 informantes. Com base nesses dados, é possível afirmar que duas

variantes principais concorrem na fala dos paranaenses - *carrinho de mão* e *carriola* -, com uma distribuição diatópica nítida: *carriola* concentra-se no Norte e perde progressivamente espaço à medida que avança para o Centro, Oeste e Sul do estado, onde *carrinho de mão* se torna predominante.

Em Santa Catarina, foram obtidas 49 respostas para a questão 52, provenientes de 44 informantes, uma vez que cinco deles forneceram mais de uma resposta. Desse total, 44 correspondem à forma *carrinho de mão* (aproximadamente 87%), quatro à variante *carriola* (cerca de 8%) e uma à forma *girica*, registrada como segunda resposta. A carta linguística revela, assim, um quadro de baixa variação. A forma *carrinho de mão* aparece de maneira categórica nas regiões Norte, Centro e Sul, totalizando 36 ocorrências. A variação concentra-se exclusivamente no Oeste do estado, onde, embora *carrinho de mão* ainda predomine, com oito respostas, registram-se quatro ocorrências de *carriola* e uma ocorrência de *girica*. Esses dados indicam que, também nesse estado, a variação diatópica é determinante para a emergência de variantes minoritárias, ainda que restritas a uma área específica.

No Rio Grande do Sul, foram obtidos 81 dados para a questão 52. A forma *carrinho de mão* totaliza 71 ocorrências, configurando a variante predominante entre os 72 informantes. Registramos ainda seis ocorrências de *carriola*, três de *carretilha* e uma de *girica*. Cabe destacar que *carrinho de mão* constitui a resposta inicial na quase totalidade dos casos, com exceção do informante 3 de Flores da Cunha, que forneceu apenas *carriola*, e do informante 1 de Santa Maria, que apresentou *girica* como primeira resposta e *carrinho de mão* como segunda. A distribuição diatópica igualmente aponta para a predominância de *carrinho de mão*, com áreas pontuais de concorrência lexical. No Norte do estado, *carriola* apresenta alguma evidência, concentrando seis ocorrências, enquanto as demais 23 correspondem a *carrinho de mão*. No Sudoeste, essa última variante é a única registrada entre os 16 informantes. Na região Central, contabilizamos oito ocorrências de *carrinho de mão*, além da elicitación de *girica* na fala espontânea do informante 1 de Santa Maria. Já no Sudeste, registramos 24 ocorrências de *carrinho de mão*, juntamente com três ocorrências de *carretilha*. Nesse ponto, o informante 3 de Chuí explicita a distinção local ao afirmar: “É carrinho de mão, ma(s) carrinho de mão já veio de São Paulo pra cá, porque isso aqui é uma carretilha pra nós.” Esse comentário evidencia a percepção metalinguística do informante e reforça o caráter regional da variante *carretilha*. Além disso, considerando o registro da forma *carretilla* no galego com sentido equivalente ao

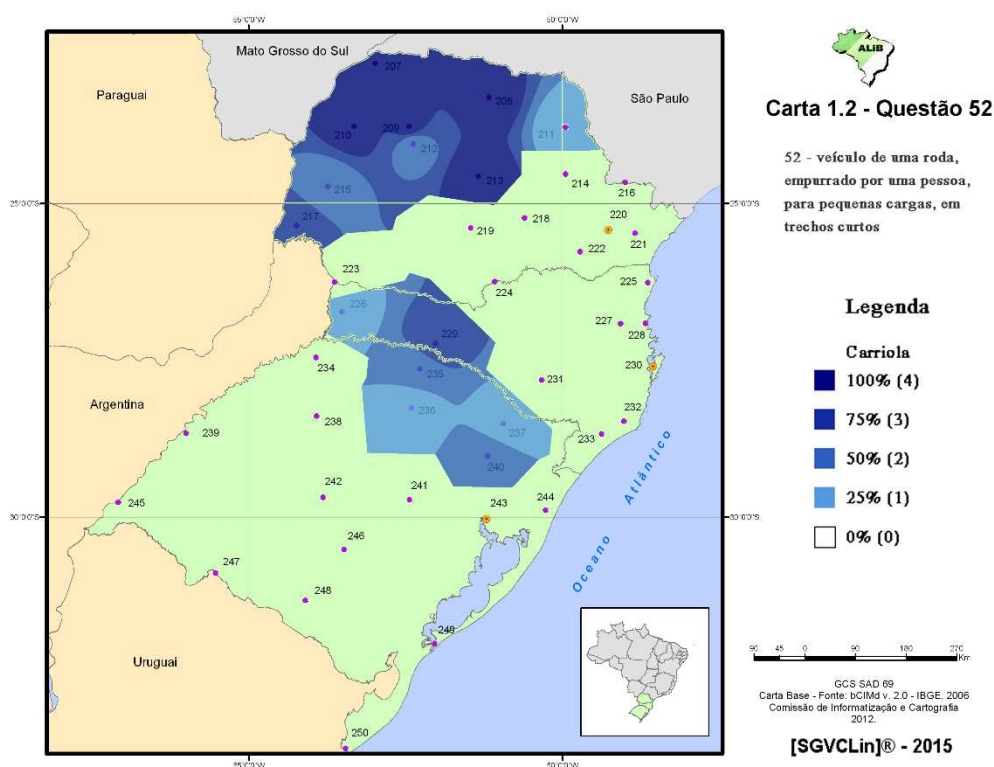
referente investigado, não se pode descartar a hipótese de influência do espanhol na ocorrência de *carretilha* no Rio Grande do Sul, especialmente em função do contato histórico em áreas de fronteira.

Em termos globais, constatamos predominância de *carrinho de mão*, que responde por 87% das ocorrências (67/77), enquanto as demais variantes - *carriola* (8%), *carretilha* (4%) e *girica* (1%) - apresentam distribuição restrita e localizada. Esse quadro confirma um padrão de concentração de uma forma majoritária, com a presença de variantes minoritárias associadas a áreas específicas e, em alguns casos, sustentadas por identidades regionais explicitadas pelos próprios informantes.

De modo geral, a leitura da carta linguística confirma que, embora *carrinho de mão* se imponha como forma dominante na Região Sul, a distribuição das variantes *carriola*, *girica* e *carretilha* está condicionada à diatopia, com áreas bem delimitadas de ocorrência e com retração progressiva dessas formas em direção às regiões onde o processo de uniformização lexical se mostra mais avançado.

A Figura 3 a seguir apresenta a carta de arealidade gradual da variante *carriola*, permitindo refinar a leitura da distribuição espacial previamente observada. Diferentemente da carta geral, essa representação evidencia não apenas a presença da variante, mas também o seu grau de difusão no território, tornando visível um contínuo de concentração e retração.

Figura 3 - Carta linguística 1.2 - arealidade gradual (questão 52)



Fonte: Elaborado pela autora com dados inéditos do Projeto ALiB.

Observamos a formação de um núcleo de maior concentração no Norte do Paraná, a partir do qual a frequência da variante diminui progressivamente em direção às demais regiões do estado e aos estados vizinhos. Ainda que ocorrências esparsas sejam registradas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, sua presença nesses territórios não configura áreas de difusão contínua, mas sim pontos isolados de ocorrência. Esse padrão pode ser interpretado à luz dos processos de formação histórica e circulação populacional na região Sul. Como já afirmado anteriormente, do ponto de vista etimológico, a forma *carriola* é associada ao italiano *carriola* (HOUAISS, 2025), o que indica sua origem europeia. No entanto, sua distribuição atual não coincide diretamente com as áreas clássicas de colonização italiana, o que sugere que sua presença não decorre de forma imediata da fixação desses grupos nas localidades investigadas.

No caso do Norte do Paraná, onde se observa a maior concentração da variante, o processo de povoamento ocorreu majoritariamente ao longo do século XX, com participação de migrantes oriundos de outras regiões do país, especialmente do interior de São Paulo. Esse estado, por sua vez, recebeu contingentes expressivos de imigrantes italianos entre o final do século XIX e o início do século XX, no contexto da

expansão da cafeicultura. Como observa Michael M. Hall, “mais de um milhão e meio de imigrantes foram trazidos ao Brasil entre 1880 e 1920, a maioria para trabalhar [...] nas vastas fazendas de café de São Paulo” (Hall, 1979), o que evidencia a dimensão desse fluxo migratório.

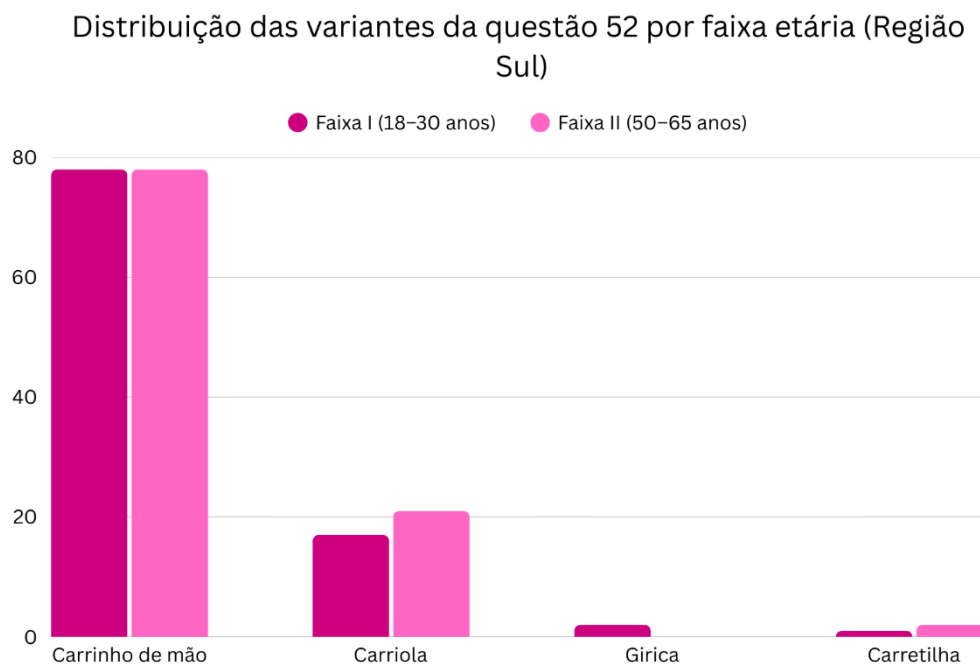
Nesse sentido, é possível supor que a forma *carriola* tenha se difundido no português brasileiro em áreas de presença italiana e, posteriormente, tenha sido levada para o Norte do Paraná por meio de processos de migração interna. A concentração da variante nessa região seria, assim, compatível com dinâmicas de circulação e acomodação lexical associadas à expansão das frentes agrícolas.

Por outro lado, sua ocorrência no Oeste de Santa Catarina e no Norte do Rio Grande do Sul, embora menos densa e não contínua, pode ser interpretada como resultado de difusão secundária ou de manutenção residual da forma em áreas que também participaram de processos de mobilidade populacional e contato interdialeto. Ainda assim, a ausência de continuidade espacial indica que a variante não configura um bloco geolinguístico homogêneo, mas um conjunto de zonas de ocorrência com diferentes graus de vitalidade.

Para verificar a influência da variação diageracional na distribuição das variantes referentes à questão 52, analisamos os dados do conjunto da Região Sul, considerando as duas faixas etárias do *corpus*. Os resultados mostram uma distribuição bastante equilibrada entre as duas faixas etárias. Entre os informantes da Faixa I, *carrinho de mão* apresenta 78 ocorrências (79%), seguido de *carriola*, com 17 registros (17%). As variantes *girica* e *carretilha* aparecem apenas de forma residual, com duas e uma ocorrência, respectivamente. Na Faixa II, notamos comportamento semelhante: *carrinho de mão* totaliza 78 ocorrências (77%), enquanto *carriola* apresenta 21 registros (21%), seguida por *carretilha*, com duas ocorrências.

A seguir, o Gráfico 1 sintetiza visualmente a distribuição das variantes da questão 52 por faixa etária na Região Sul, com base nas respostas válidas obtidas nas entrevistas.

Gráfico 1 - Distribuição das variantes da questão 52 por faixa etária (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 1 complementa essa visualização.

Tabela 1 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 52 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CARRINHO DE MÃO<sup>1</sup></b>	156	78	78
<b>CARRIOLA</b>	38	17	21
<b>GIRICA</b>	2	2	-
<b>CARRETILHA</b>	3	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>199</b>	<b>98</b>	<b>101</b>

<sup>1</sup> Inclui as variantes *carrinho de mão*, *carro de mão* e *carrinho* agrupadas.

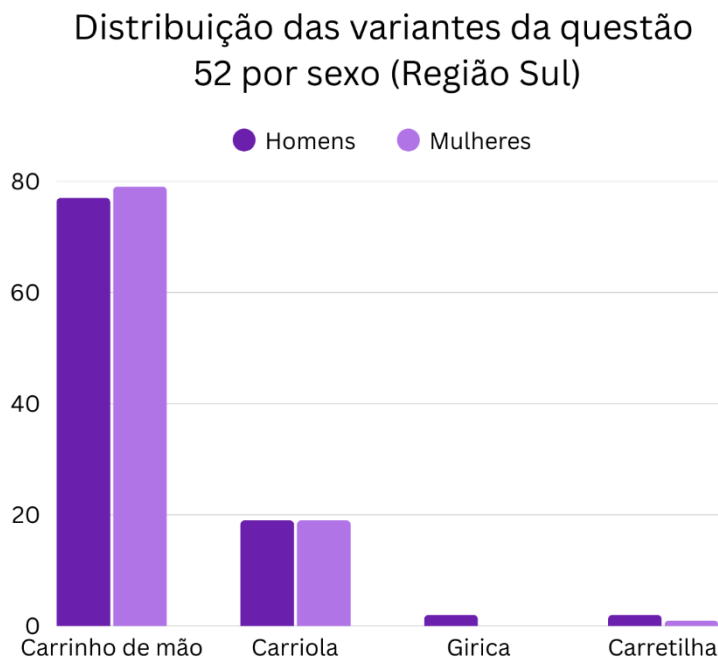
Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A comparação entre as faixas etárias indica que *carrinho de mão* mantém percentuais praticamente idênticos entre jovens e informantes mais velhos, o que evidencia a estabilidade dessa variante no conjunto da Região Sul. *Carriola*, embora apresente leve aumento percentual na Faixa II, não atinge diferença suficiente para caracterizar a variável faixa etária como determinante na escolha lexical. As variantes *girica* e *carretilha*, por sua vez, permanecem restritas a ocorrências esporádicas, sem distribuição sistemática associada à idade.

No que se refere à variável sexo, a análise do conjunto da Região Sul também revela um padrão de distribuição equilibrado entre informantes do sexo feminino e masculino. Em ambos os grupos, a variante *carrinho de mão* apresenta percentuais praticamente idênticos (79% entre mulheres e 77% entre homens), seguida por *carricola*, com 19% de ocorrência em cada uma das células. As demais variantes – *girica* e *carretilha* - ocorrem de forma residual, com frequências muito baixas, o que não permite associá-las a um condicionamento diassexual consistente. Assim, os dados indicam que a variável sexo não se mostra relevante para a escolha lexical na designação do objeto investigado na questão 52.

Esse comportamento se mantém quando observados separadamente os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nos quais eventuais diferenças numéricas restringem-se a variantes de ocorrência esporádica e não configuram padrões sistemáticos de variação. Na sequência, o Gráfico 2 apresenta a distribuição das variantes da questão 52 segundo o sexo dos informantes na Região Sul, a partir das respostas registradas nas entrevistas.

Gráfico 2 - Distribuição das variantes da questão 52 por sexo (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 2 complementa esses dados.

Tabela 2 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 52 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>CARRINHO</b>	156	77	79

DE MÃO <sup>1</sup>			
CARRIOLA	38	19	19
GIRICA	2	2	-
CARRETILHA	3	2	1
<b>TOTAL</b>	<b>199</b>	<b>100</b>	<b>99</b>

<sup>1</sup> Inclui as variantes *carrinho de mão*, *carro de mão* e *carrinho* agrupadas.  
Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Assim, sobre a distribuição diatópica e das variáveis sexo e faixa etária das variantes obtidas mediante a pergunta 52 do QSL nos pontos da Região Sul, é possível concluir que a variante *carrinho de mão* apresenta-se como a forma lexical predominante na designação do objeto em questão. Ainda que variantes como *carretilha*, *girica* e *carrocinha* tenham sido registradas, suas ocorrências foram pontuais e regionalmente restritas. As análises diastráticas – tanto por faixa etária quanto por sexo – revelaram-se estatisticamente irrelevantes na distribuição das variantes, o que reforça o peso da dimensão diatópica como principal fator de variação. Assim, observamos um padrão linguístico marcado pela gradual substituição ou enfraquecimento de variantes locais em favor de uma forma lexical mais difundida geograficamente, fenômeno que pode estar atrelado à influência dos meios de comunicação, à mobilidade populacional e ao crescente processo de urbanização.

A distribuição espacial das variantes, conforme evidenciado na carta de arealidade (Figura 3), permite vislumbrar uma fronteira linguística, especialmente no Paraná, onde o Norte ainda preserva *carricola*, enquanto o Sul e o Centro aderem a *carrinho de mão*. Ainda, no Rio Grande do Sul, mesmo com a predominância da forma majoritária, atestamos uma presença regional de *carricola* no Norte e de *carretilha* no Sudeste, sugerindo áreas de resistência lexical que merecem ser exploradas.

#### 4.2 QUESTÃO 53 - AS DUAS PARTES UTILIZADAS PARA EMPURRAR O CARRINHO DE MÃO (OU CARRIOLA)

Para a questão nº 53, que investiga as denominações atribuídas às *duas partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão (ou carricola)*, considerando o conjunto da Região Sul, foram registradas 177 respostas válidas, provenientes de 176 informantes, havendo 14 registros de não resposta (NR).

Apresentamos, a seguir, a representação do objeto investigado, com destaque para as partes referidas na questão.

Figura 4 - Representação do objeto investigado, com destaque para as partes referidas na questão 53 (QSL/ALiB)



Fonte: Adaptado de imagem disponível em: <https://alvoradams.com.br/produto/226474-carrinho-de-mao-construtor-50lt-cinza>. Acesso em: 19 mar. 2026.

No panorama geral da Região Sul, notamos uma expressiva concentração lexical em torno da variante *cabo*, que apresenta 90 ocorrências, correspondendo a 50,85% do total de respostas. Em seguida, destaca-se a variante *braço*, com 39 registros (22,03%), configurando-se como a segunda forma mais produtiva. Em conjunto, essas duas variantes concentram mais de 70% das respostas, o que indica um elevado grau de estabilização lexical na designação do referente investigado.

As demais variantes apresentam frequência consideravelmente inferior e distribuem-se de maneira residual. *Pega-mão* contabiliza 17 ocorrências (10%), seguida por *alça*, com 15 registros (9%). As formas *ferro* (cinco ocorrências; 3%) e *varão* (três ocorrências; 2%) ocorrem de modo pontual. As variantes *pegador* e *maneta* registram duas ocorrências cada (1%), enquanto *perna*, *cano*, *guidão* e

*maçaneta* aparecem apenas uma vez cada, representando individualmente 1% do total de respostas.

Esse quadro geral evidencia uma distribuição assimétrica das variantes, com predomínio de *cabo* e, em menor medida, de *braço*, ao passo que as demais denominações configuram-se como usos esporádicos e de baixa produtividade no conjunto da Região Sul.

No que se refere aos mecanismos semânticos implicados na nomeação das variantes analisadas, constatamos a atuação recorrente de processos de metonímia, especialmente aqueles baseados na função, no material constitutivo e na relação de uso com o referente. Neste trabalho, adotamos a definição de metonímia proposta por Radden e Kövecses, segundo a qual “*metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same idealized cognitive model*”<sup>5</sup>(Radden e Kövecses, 2007, p. 21). A metonímia é aqui entendida não como um recurso retórico ou estilístico, mas como um mecanismo cognitivo que opera internamente ao mesmo domínio conceitual, explorando relações de contiguidade experiencial entre entidades.

A noção de modelo cognitivo idealizado (ICM), tal como empregada por Radden e Kövecses (2007), abrange o conjunto de conhecimentos enciclopédicos, práticas culturais e experiências corporificadas associadas a determinado domínio conceitual. No interior desses modelos, certas relações tendem a apresentar maior saliência metonímica, sobretudo aquelas vinculadas à interação direta com o objeto e à sua função. Partes ou características com as quais o falante interage de modo mais imediato tendem a ser selecionadas como pontos de referência para a nomeação do todo ou de outras partes do objeto, o que explica a produtividade de metonímias de base funcional.

Além disso, relações baseadas no material constitutivo do objeto também se mostram recorrentes, permitindo que o nome do material funcione como acesso conceitual ao artefato ou a uma de suas partes. Esses diferentes tipos de motivação metonímica revelam-se particularmente pertinentes para a análise das denominações atribuídas às partes do carrinho de mão, uma vez que as variantes registradas refletem, de modo sistemático, aspectos ligados ao uso, à função e à constituição

---

<sup>5</sup> A metonímia é um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, proporciona acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado (Trad. livre).

material do referente, em consonância com práticas e experiências do cotidiano dos informantes.

Quanto à dicionarização das variantes mais recorrentes na questão 53, identificamos que as formas *cabo* e *braço* encontram respaldo consistente nos dicionários de língua geral, sobretudo em acepções relacionadas à função instrumental e ao manuseio de objetos. A forma *cabo*, majoritária no conjunto da Região Sul, é definida no Dicionário Houaiss como a “parte ou extremidade por onde se prende, segura ou maneja algo”, bem como, por extensão, como “instrumento, peça ou parte de um objeto a ele acrescentada para esse mesmo fim” (HOUAISS, 2025), acepções que se ajustam diretamente à função das duas partes do carrinho de mão destinadas ao empuxo humano. Definições convergentes são registradas no Dicionário Priberam, que descreve *cabo* como a “parte por onde se seguram ferramentas, utensílios, etc.”, além de reconhecer usos ligados à transmissão de força e ao controle mecânico (PRIBERAM, 2025). O Dicionário Michaelis, embora privilegie acepções hierárquicas, geográficas e abstratas, também contempla o valor semântico de *cabo* associado à noção de extremidade ou ponto funcional de um objeto, o que permite sua associação ao referente investigado (MICHAELIS, 2025).

De modo semelhante, a variante *braço*, segunda mais frequente nas respostas, apresenta como acepção nuclear a designação do membro superior do corpo humano, mas os dicionários registram uma rede de extensões semânticas que autorizam seu emprego para nomear partes funcionais de objetos e mecanismos. No Dicionário Houaiss, além das acepções anatômicas, *braço* é definido como “qualquer objeto cuja forma ou movimento lembre o do braço”, incluindo, de maneira mais específica, o sentido de “elemento em forma de barra ou haste por onde se pega, segura ou manuseia algo, ou que permite prender, empurrar ou acionar algo”, com exemplos como braços de uma padiola e braço de manivela (HOUAISS, 2025). O Dicionário Michaelis registra acepção semelhante ao definir *braço* como “acessório ou dispositivo (barra, cano etc.), reto ou curvo, fixo ou móvel”, bem como “alavanca” ou “instrumento de trabalho ou de ação” (MICHAELIS, 2025), enquanto o Dicionário Priberam inclui entre os sentidos do léxico a “vara por onde se pega na padiola, no andor, etc.” (PRIBERAM, 2025). Essas acepções evidenciam que o emprego de *braço* para designar as partes do carrinho de mão responsáveis pelo empurrar encontra correspondência semântica clara nos registros lexicográficos.

No que concerne às variantes de menor frequência, constatamos que *pega-*

*mão* apresenta uma situação particular do ponto de vista lexicográfico. Nos dicionários de língua geral consultados, a forma não é registrada com a acepção correspondente ao referente investigado. No Dicionário Houaiss, *pega-mão* figura como entrada antiga, com registro datado de 1911, sendo classificada como forma obsoleta e definida como “mala de mão”, acepção igualmente atestada no Dicionário Michaelis, que a registra como regional do Sul, também com o significado de “mala de mão”. O Dicionário Priberam, por sua vez, não reconhece a entrada na norma brasileira contemporânea, na grafia pós-Acordo Ortográfico. Apesar da ausência de registro formal com o sentido específico de elemento destinado ao empurrar ou segurar um objeto, a motivação semântica da forma é transparente, uma vez que o composto *pega-mão* resulta da justaposição do verbo pegar e do substantivo mão, remetendo diretamente à função de apoio ou preensão manual. Esse valor funcional é compatível com usos atestados em registros lexicográficos informais, como o Dicionário Informal (2025), nos quais *pega-mão* designa estruturas de apoio para as mãos, o que permite compreender sua aplicação às partes do carrinho de mão responsáveis pelo empuxo.

A variante *alça*, por sua vez, encontra respaldo consistente nos dicionários de língua geral. No Dicionário Houaiss, *alça* é definida, entre outros sentidos, como “presilha ou puxadeira usada para levantar, puxar ou prender alguma coisa” e como “asa ou argola que, presa a um objeto, permite erguê-lo ou transportá-lo com mais facilidade” (HOUAISS, 2025). O Dicionário Michaelis registra acepções convergentes ao definir *alça* como “presilha ou puxadeira para levantar, puxar ou prender alguma coisa” (MICHAELIS, 2025), enquanto o Dicionário Priberam reforça esse valor funcional ao descrevê-la como “tira de couro ou de outro material de um objeto, usada para o segurar, levantar ou transportar” (PRIBERAM, 2025). Essas acepções legitimam plenamente o emprego da forma para o referente investigado.

Já a forma *ferro* apresenta dicionarização abundante, embora predominantemente associada ao metal. No Dicionário Houaiss, além da acepção química, *ferro* é definido, por extensão, como “designação genérica para diversos utensílios ou instrumentos feitos desse metal” e como “qualquer peça metálica” (HOUAISS, 2025). Definições semelhantes são registradas no Dicionário Michaelis, que inclui a noção de “instrumento ou utensílio feito desse metal” (MICHAELIS, 2025), e no Dicionário Priberam, que reconhece *ferro* como “artefato feito desse material” ou “ferramenta” (PRIBERAM, 2025). Nesse caso, a nomeação privilegia o material constitutivo da peça, caracterizando um processo de metonímia relativa à matéria de

que é feita.

Entre as variantes menos frequentes, *varão* apresenta uma dicionarização bifurcada. Nos dicionários de língua geral, a forma é registrada prioritariamente com acepções relacionadas ao sexo masculino, mas também apresenta uma entrada específica associada a objetos alongados. Tanto no Dicionário Houaiss quanto no Michaelis e no Priberam, *varão* é definido como “vara grande, geralmente de ferro ou de outro metal” ou como “barra horizontal” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025), acepção que permite compreender seu emprego para designar as hastes do carrinho de mão responsáveis pelo empurrar.

A forma *pegador* não é registrada nos dicionários de língua geral com uma acepção específica para peças de objetos, mas apresenta um valor semântico funcional claro. Em Houaiss, Michaelis e Priberam, *pegador* é definido como “aquele que pega” ou “o que pega” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025).

Já a variante *maneta* apresenta uma extensão semântica mais marcada. Nos dicionários Houaiss, Michaelis e Priberam, *maneta* é definida, em sua acepção principal, como “pessoa que não tem um braço ou uma mão” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025). Houaiss e Michaelis registram ainda usos relacionados a cabos ou partes de redes, como “cabo da rede do xaréu”, o que permite compreender sua aplicação ao *carrinho de mão* por um processo de metonímia funcional, em que a parte do corpo associada à preensão manual é tomada para nomear o elemento do objeto que desempenha função análoga.

A variante *perna* encontra respaldo sólido para usos metonímicos aplicados a objetos. Em Houaiss, Michaelis e Priberam, além das acepções anatômicas, *perna* é definida como “peça que serve de apoio ou suporte a objetos diversos” e como “qualquer haste ou prolongamento” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025), acepções lexicalizadas, como em *pernas da mesa*, nas quais a nomeação se estabelece pela associação funcional entre o membro humano e o elemento de sustentação do objeto.

Entre as últimas variantes registradas, *cano* apresenta motivação semântica baseada na forma física. Nos três dicionários consultados, a acepção nuclear remete a um “cilindro oco e longo”, com ampliação para “qualquer objeto de forma tubular, oca e comprida” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025), o que explica seu emprego para designar as partes alongadas do carrinho de mão.

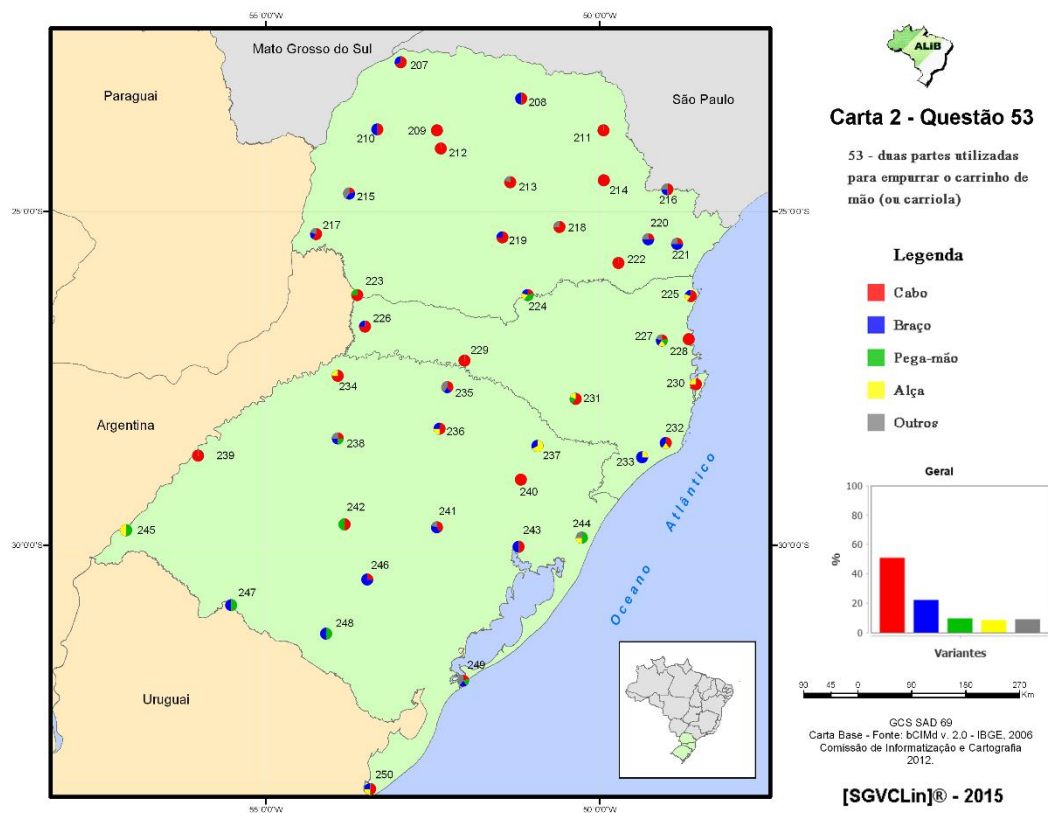
A variante *guidão* apresenta um processo de transferência lexical baseado na

função. Em Houaiss, Michaelis e Priberam, *guidão* (ou guidom) é definido como a “barra provida de punhos que comanda a roda da frente” de bicicletas ou veículos semelhantes, com extensão para mecanismos de direção (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025). A analogia funcional legitima seu uso para o carrinho de mão.

Por fim, *maçaneta* constitui um exemplo de extensão semântica centrada na função de prensão manual. Nos dicionários Houaiss, Michaelis e Priberam, a forma é definida como “puxador” ou “remate por onde se pega para abrir portas e janelas” (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025; PRIBERAM, 2025), acepção que explica sua aplicação às partes do carrinho de mão destinadas ao apoio das mãos.

Para a elaboração da carta linguística da questão 53, optamos por representar individualmente apenas as variantes de maior frequência - *cabo*, *braço*, *pega-mão* e *alça* -, que concentram mais de 90% das respostas. As demais denominações, de ocorrência pontual ou residual, foram agrupadas, de modo a garantir a legibilidade da carta e evidenciar os padrões diatópicos mais relevantes.

Figura 5 - Carta linguística 2 (questão 53)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A leitura da carta linguística da questão 53 evidencia, de modo geral, um

quadro de variação menos polarizado do que o observado na questão 52, mas ainda condicionado pela variação diatópica. Embora a variante *cabo* se destaque como a forma mais frequente no conjunto da Região Sul, sua distribuição espacial revela áreas zonas de concorrência com outras denominações, sobretudo *braço*, *pega-mão* e *alça*, o que aponta para diferentes estratégias de categorização lexical das partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão.

No Paraná, a análise diatópica indica predominância da variante *cabo* em todas as mesorregiões investigadas, o que sugere um grau elevado de estabilização lexical dessa forma no estado. No conjunto dos dados, foram obtidas 72 respostas de 72 informantes, com registro de três não respostas e de três ocorrências em que houve indicação de uma segunda forma lexical. Entre as variantes elicitadas, *cabo* apresenta predominância, com 49 ocorrências, seguido por *braço*, com 14 registros, e por *ferro*, com três. Outras formas - *pegador* (duas ocorrências, sendo uma como segunda resposta), *pega-mão*, *perna*, *cano* e *maneta* - aparecem de modo pontual, com apenas uma ocorrência cada, sendo *cano* e *maneta* registradas como segunda resposta. Ainda que a carta revele a presença de *braço*, especialmente nas regiões Metropolitana e Oeste/Sudoeste, áreas em que também se observa maior diversidade lexical, esse cenário aponta para um quadro de variação controlada, no qual *cabo* ocupa posição central, mas convive com denominações concorrentes, sobretudo em contextos de maior mobilidade populacional.

Em Santa Catarina, a distribuição diatópica revela um quadro mais heterogêneo. No conjunto dos dados, foram obtidas 51 respostas de 44 informantes, uma vez que oito deles indicaram mais de uma variante, além de um caso de não resposta. Identificamos cinco variantes: *cabo* (26 ocorrências, sendo uma como segunda resposta), *braço* (11), *alça* (oito, das quais quatro como segunda resposta), *pega-mão* (cinco, sendo duas como segunda resposta) e *ferro* (uma). Embora *cabo* seja a forma individualmente mais frequente, seu uso aproxima-se da somatória das demais variantes, o que já indica um quadro de maior concorrência lexical no estado. Na região Norte, embora *cabo* seja a forma individualmente mais frequente, o somatório das demais variantes - *braço*, *alça*, *pega-mão* e *ferro* - supera seu número de ocorrências, configurando uma situação de concorrência lexical mais intensa. No Oeste catarinense, por outro lado, *cabo* apresenta predominância, com poucas ocorrências de variantes alternativas. Situação semelhante se observa na mesorregião Serrana, onde *cabo* se mantém como a forma mais produtiva, frente a

registros pontuais de *alça* e *pega-mão*. Já no Sul do estado, a carta evidencia um equilíbrio entre *cabo* e *braço*, acompanhadas por ocorrências de *alça*, o que impede a identificação de uma variante predominante. Esses dados indicam que, em Santa Catarina, a diatopia condiciona não apenas a presença de variantes minoritárias, mas também o grau de concorrência entre as formas mais recorrentes.

No Rio Grande do Sul, a análise diatópica aponta para um cenário de variação interna ainda mais marcado. No conjunto dos dados, foram registradas 67 respostas relativas à denominação das partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão ou carriola, a partir dos 72 informantes entrevistados, considerando-se os casos de não resposta. Observamos um inventário lexical relativamente diversificado, no qual *cabo* é a variante mais recorrente, com 21 ocorrências, seguido por *braço*, com 16, e por *pega-mão*, com 12. Em seguida, aparece *alça*, registrada em 11 respostas, enquanto as demais variantes - *varão*, *guidão*, *ferro*, *maçaneta* e *maneta* - apresentam ocorrências únicas. No Norte do estado, *cabo* predomina, mas coexiste com *alça* e *braço*, além de registros isolados de outras variantes e de não respostas. No Sudoeste, identificamos um deslocamento significativo desse padrão, com a predominância de *pega-mão*, seguida por *braço* e *alça*, enquanto *cabo* assume um papel secundário. Na região Central, *cabo* volta a ocupar posição de destaque, ainda que acompanhado por *braço*, *pega-mão* e uma ocorrência isolada de *guidão*. No Sudeste, por sua vez, a distribuição revela um equilíbrio entre *braço*, *cabo* e *alça*, além da presença de *pega-mão* e *varão*, configurando uma das áreas de maior diversidade lexical do estado. Esse conjunto de dados sugere que, no Rio Grande do Sul, a diatopia exerce papel decisivo na seleção lexical, favorecendo padrões regionais específicos e ampliando a concorrência entre variantes.

De modo geral, a carta linguística da questão 53 confirma que, embora *cabo* se imponha como a forma mais frequente no panorama sulista, sua distribuição não é homogênea nem categórica. A emergência e a concentração regional de variantes como *braço*, *pega-mão* e *alça* revelam um sistema lexical sensível às condições geográficas e socioculturais, no qual diferentes estratégias metonímicas de nomeação coexistem. Assim, a análise diatópica evidencia que a designação das partes do carrinho de mão destinadas ao empurrar constitui um campo fértil de variação lexical, refletindo tanto processos de estabilização quanto de concorrência regional no léxico do português brasileiro meridional.

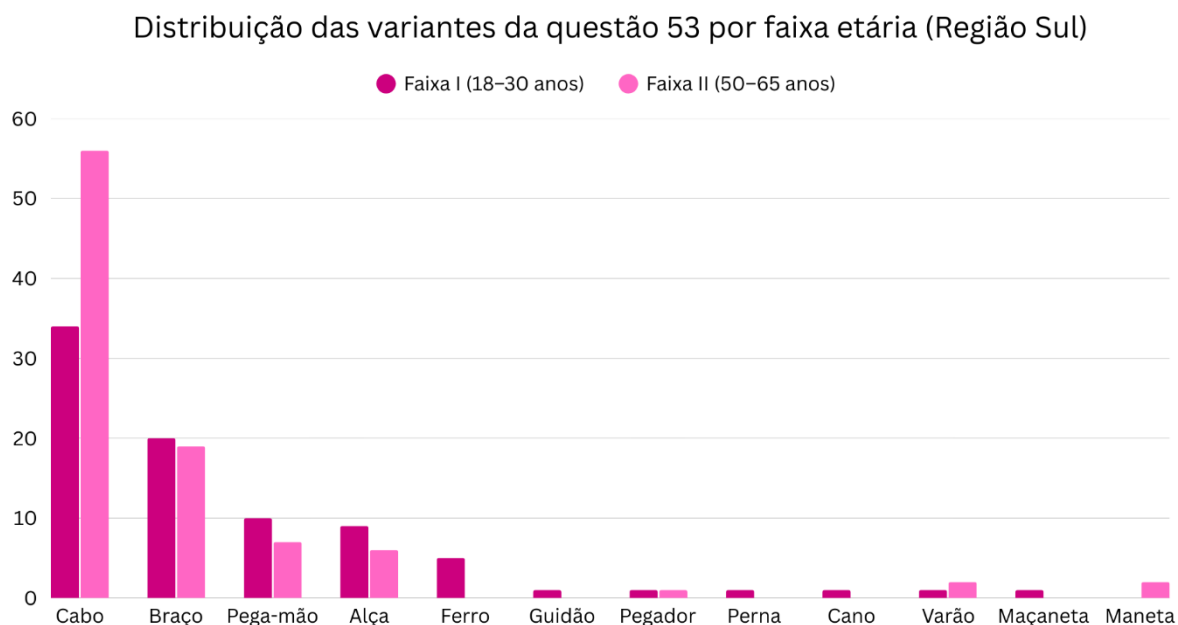
Na questão 53, constatamos uma distribuição lexical mais dispersa entre as

duas faixas etárias, o que já diferencia esse quadro daquele identificado na questão 52. Entre os informantes da Faixa I, a variante *cabo* apresenta 34 ocorrências (40%), seguida de *braço*, com 20 registros (24%). Em seguida, aparecem *pega-mão* (10 ocorrências; 12%) e *alça* (nove ocorrências; 11%), enquanto *ferro* registra cinco ocorrências (6%). As demais variantes - *guidão*, *pegador*, *perna*, *cano*, *varão* e *maçaneta* - surgem de forma residual, com apenas uma ocorrência cada (1%), o que evidencia alto grau de dispersão lexical entre os informantes mais jovens.

Na Faixa II, *cabo* amplia sua predominância, totalizando 56 ocorrências (60%), o que representa um aumento expressivo em relação à Faixa I. A variante *braço* mantém comportamento relativamente estável, com 19 ocorrências (20%). Já *pega-mão* e *alça* apresentam redução percentual, com sete (8%) e seis ocorrências (7%), respectivamente. As variantes *maneta* e *varão* aparecem com duas ocorrências cada (2%), enquanto *pegador* registra apenas uma ocorrência (1%), permanecendo, assim, em posição marginal no conjunto dos dados.

Esses resultados são sistematizados no Gráfico 3, que ilustra a distribuição das variantes da questão 53 por faixa etária na Região Sul em valores absolutos.

Gráfico 3 - Distribuição das variantes da questão 53 por faixa etária (Região Sul) em valores absolutos



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 3 reúne os mesmos dados em valores absolutos e incorpora, adicionalmente, o quantitativo de não respostas por faixa etária uma vez que essa

abstenção é significativa no *corpus*.

Tabela 3 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 53 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CABO</b>	90	34	56
<b>BRAÇO</b>	39	20	19
<b>PEGA-MÃO</b>	17	10	7
<b>ALÇA</b>	15	9	6
<b>FERRO</b>	5	5	-
<b>GUIDÃO</b>	1	1	-
<b>PEGADOR</b>	2	1	1
<b>PERNA</b>	1	1	-
<b>CANO</b>	1	1	-
<b>VARÃO</b>	3	1	2
<b>MAÇANETA</b>	1	1	-
<b>MANETA</b>	2	-	2
<b>TOTAL</b>	177	84	93
<b>NR</b>	14	11	3

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A comparação entre as faixas etárias indica que, embora *cabo* seja a variante majoritária em ambos os grupos, sua frequência é sensivelmente maior entre os informantes da Faixa II, ao passo que os jovens apresentam maior diversidade de formas concorrentes, com percentuais relativamente mais elevados de *pega-mão*, *alça* e *ferro*, além de um conjunto mais amplo de variantes de baixa frequência. Esse comportamento contrasta com o observado na questão 52, na qual a escolha lexical se mostrou estável entre as faixas etárias, sem dispersão significativa.

Cabe ainda considerar o número relevante de não respostas (14), o que sugere menor grau de fixação lexical do referente investigado na questão 53. Esse fator contribui para explicar a maior variabilidade observada, sobretudo entre os informantes mais jovens, e reforça a interpretação de que se trata de um campo lexical menos estabilizado do que aquele referente à denominação do objeto como um todo. Nesse sentido, os dados permitem inferir que os informantes da Faixa I tendem a recorrer com maior frequência a extensões semânticas e nomeações baseadas em função, forma ou analogia corporal, como *braço*, *perna* e *pega-mão*. Tal comportamento pode ser relacionado a processos de catacrese, entendida como “[...] a aplicação de um termo por esquecimento etimológico, desconhecimento [...]” (Pereira; Barbosa, 2014, p. 85), especialmente em contextos de menor convencionalização lexical.

Por fim, embora as diferenças observadas não sejam suficientes para caracterizar a variação diageracional como determinante de forma categórica na questão 53, elas indicam uma interação mais visível entre faixa etária e escolha lexical do que aquela identificada na questão 52. Essa interação se manifesta sobretudo na maior concentração da variante *cabo* entre os informantes mais velhos e na maior dispersão e diversidade lexical entre os jovens, sem, contudo, configurar um padrão de substituição sistemática entre gerações.

No que se refere à variável sexo, os dados da questão 53 indicam um quadro de variação relativamente equilibrado entre informantes do sexo feminino e masculino, sem que se observe um condicionamento diasssexual consistente na escolha lexical. Em ambos os grupos, a variante *cabo* apresenta os maiores percentuais, com 50% entre as mulheres e 52% entre os homens, o que confirma seu estatuto de forma mais recorrente independentemente do sexo do informante. A variante *braço* ocupa a segunda posição nos dois grupos, com 19% de ocorrência no grupo feminino e 25% no masculino. Embora se observe um percentual mais elevado entre os homens, essa diferença não é suficientemente expressiva para caracterizar um padrão sistemático de variação diasssexual, sobretudo quando considerada a distribuição geral das demais variantes.

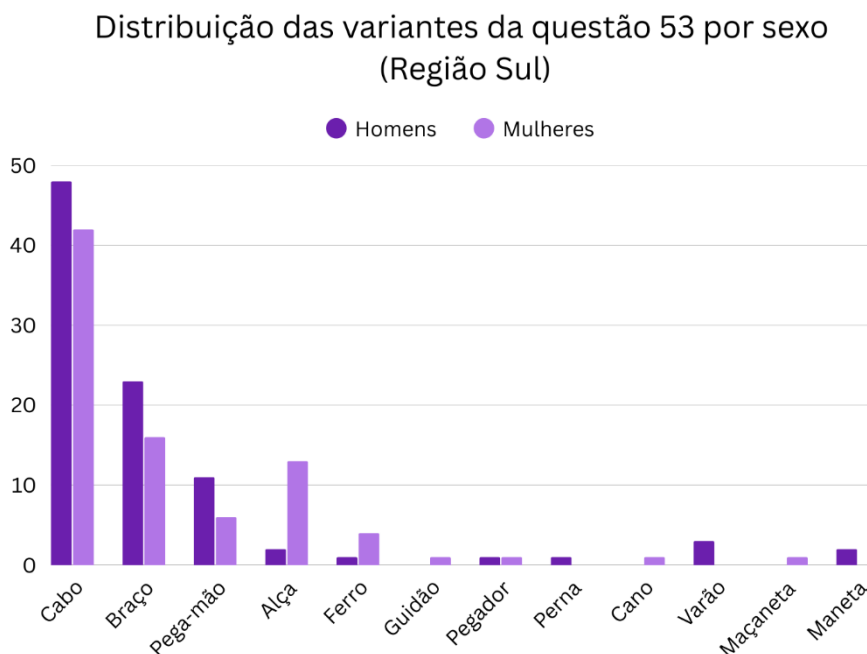
As formas *alça* e *pega-mão* também ocorrem em ambos os grupos, ainda que com comportamentos distintos. *Alça* apresenta maior frequência entre as mulheres (15%) do que entre os homens (2%), enquanto *pega-mão* é mais recorrente no grupo masculino (12%) do que no feminino (7%). Apesar dessas diferenças percentuais, a dispersão das ocorrências e o número relativamente reduzido de registros impedem a atribuição de valor sociolinguístico robusto à variável sexo. As demais variantes - *ferro*, *varão*, *maneta*, *cano*, *guidão*, *maçaneta*, *pegador* e *perna* - apresentam frequências muito baixas e distribuição restrita a um ou outro grupo, configurando ocorrências pontuais. Nesse sentido, tais formas não sustentam a hipótese de especialização diasssexual, mas refletem a heterogeneidade lexical já observada na questão.

Dessa forma, à semelhança do que se verificou na questão 52, os dados da questão 53 não permitem afirmar que a variável sexo exerça papel determinante na escolha lexical para a designação das partes utilizadas para empurrar o carrinho de mão. As diferenças observadas concentram-se em variantes de baixa frequência e não configuram padrões sistemáticos de variação, reforçando o caráter não relevante

do condicionamento diassexual nesse item lexical.

A seguir, o Gráfico 4 reúne os dados absolutos referentes à distribuição das variantes da questão 53 por sexo.

Gráfico 4 - Distribuição das variantes da questão 53 por sexo (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os dados numéricos que sustentam essa representação gráfica encontram-se organizados na Tabela 4, acrescidos do quantitativo de não respostas por sexo.

Tabela 4 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 53 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>CABO</b>	90	48	42
<b>BRAÇO</b>	39	23	16
<b>PEGA-MÃO</b>	17	11	6
<b>ALÇA</b>	15	2	13
<b>FERRO</b>	5	1	4
<b>GUIDÃO</b>	1	-	1
<b>PEGADOR</b>	2	1	1
<b>PERNA</b>	1	1	-
<b>CANO</b>	1	-	1
<b>VARÃO</b>	3	3	-
<b>MAÇANETA</b>	1	-	1
<b>MANETA</b>	2	2	-
<b>TOTAL</b>	177	92	85
<b>NR</b>	14	4	10

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

De modo geral, os resultados da questão 53 evidenciam um sistema lexical marcado pela concorrência entre formas, pela atuação produtiva de processos

metonímicos e por diferentes graus de fixação regional e social. A nomeação das *partes do carrinho de mão destinadas ao empurrar* revela-se, assim, um domínio particularmente sensível às experiências de uso, às práticas socioculturais e às condições geográficas, refletindo a complexidade e a dinamicidade do léxico do português brasileiro falado na Região Sul. Esse comportamento contrasta com o quadro de maior estabilização lexical identificado na questão 52 e confirma que a designação das partes do objeto constitui um campo mais aberto à variação do que a denominação do referente como um todo.

#### 4.3 QUESTÃO 54 - ARMAÇÃO DE MADEIRA QUE SE COLOCA NO PESCOÇO DE ANIMAIS PARA IMPEDIR QUE ATRAVESSEM A CERCA

No que se refere à questão 54, cujo objetivo é identificar as designações atribuídas à *armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para impedir que atravessem a cerca*, a análise do conjunto da Região Sul revela um índice elevado de não respostas, o que sugere desconhecimento, desuso ou baixa saliência do léxico associado a esse artefato no repertório dos informantes. Do total de entrevistas realizadas, 69 não apresentaram resposta válida para a questão, resultando em 111 ocorrências efetivamente analisáveis.

Apresentamos, a seguir, a representação visual do objeto investigado, com o objetivo de delimitar o referente empírico das denominações registradas e favorecer a compreensão do item lexical em análise.

Figura 6 - Representações do objeto investigado na questão 54 (QSL/ALIB)



Fonte: (a) Captura de tela de vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GFkxN\\_aykgo](https://www.youtube.com/watch?v=GFkxN_aykgo); (b) Imagem publicada por Velho Juvenal (Facebook), disponível em: [https://web.facebook.com/VelhoJuvenal/posts/algue-m-sabe-o-nome-disso-no-pescoço-e-para-que-serve-951269227099279/?\\_rdc=1&\\_rdr#](https://web.facebook.com/VelhoJuvenal/posts/algue-m-sabe-o-nome-disso-no-pescoço-e-para-que-serve-951269227099279/?_rdc=1&_rdr#). Acesso em: 19 mar. 2026.

Considerando esse referente, constatamos, entre as respostas obtidas, o predomínio da variante *cangalha*, com 58 ocorrências (52%), seguida por *canga*, que totaliza 36 registros (33%). Em um patamar consideravelmente inferior de frequência, aparece a forma *forquilha*, com dez ocorrências (9%). As demais variantes - *cabresto* e *canaula*, com duas ocorrências cada, e *coleira*, *canzil* e *pescoceira*, mencionadas uma única vez - apresentam caráter residual, não configurando padrões de uso sistemáticos no conjunto da região.

Segundo o Michaelis, *cangalha* designa, entre outros sentidos, o “triângulo de madeira que se coloca no pescoço dos suínos para não devastarem hortas cultivadas” (MICHAELIS, 2025), definição que coincide diretamente com o uso referido pelos informantes. A variante *canga* é definida como a “peça de madeira que une uma junta de bois para o trabalho; jugo” (MICHAELIS, 2025), o que sugere que sua ocorrência no *corpus* decorra de uma analogia funcional, uma vez que ambos os objetos se relacionam à contenção ou ao controle do deslocamento do animal. Já *forquilha* refere-se a um “ramo de árvore ou arbusto que adquiriu forma bifurcada; forqueta” ou, de modo mais geral, a qualquer “objeto bifurcado” (MICHAELIS, 2025), traço formal que pode remeter à conformação física da armação utilizada no pescoço dos animais.

As designações de baixa frequência parecem resultar de associações semânticas mais amplas, relacionadas sobretudo ao local de uso do objeto ou à sua função restritiva, ainda que não correspondam exatamente ao artefato investigado. *Coleira* é definida como a “faixa, de couro ou de outro material, que se coloca à volta do pescoço de um animal” (PRIBERAM, 2025) enquanto *cabresto* designa o “arreio de corda, couro ou de linhagem que cinge a cabeça e o focinho dos animais de carga” (PRIBERAM, 2025). Por sua vez, *pescoceira* é registrada como a “parte superior da camisa ou de outra peça de vestuário que rodeia ou envolve o pescoço” (PRIBERAM, 2025), indicando que sua elicitación pode estar motivada sobretudo pelo traço formal de se tratar de algo colocado ao redor do pescoço.

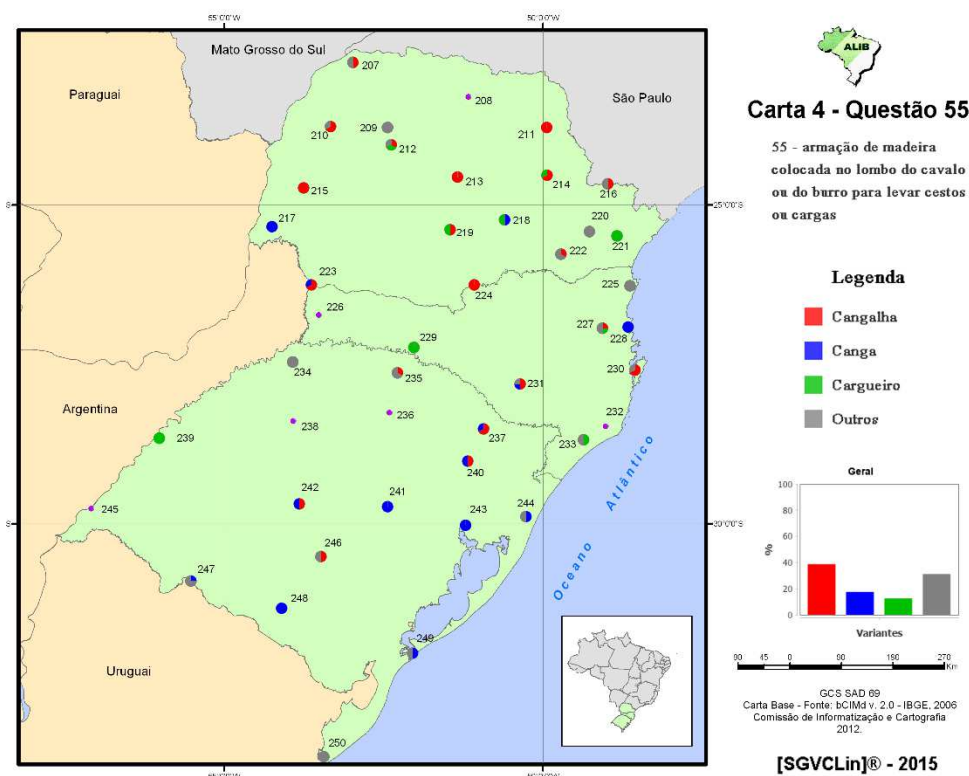
No que se refere às variantes pontuais registradas no Rio Grande do Sul, destacamos o caso de *canaula*. No *corpus* analisado, a informante 2 do ponto 240 (Flores da Cunha) afirmou: “Eu só sei em italiano, a *canaula*. Eu não sei em português.” Apesar dessa atribuição inicial ao italiano, a unidade lexical *canaula*

encontra registro no *Diccionario de la Lengua Española* da Real Academia Española como substantivo feminino que designa um “collar de madera del que pende la esquila, que se pone al cuello de una res” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2025), isto é, um colar de madeira do qual pende o sino colocado no pescoço do animal. Do ponto de vista etimológico, a forma remonta ao latim *cannabŭla*, “collera”. Esse dado sugere que a designação, embora percebida pela informante como pertencente ao italiano, possa ter circulado na região em função de contato com outras tradições linguísticas, possivelmente de base espanhola.

Ainda no âmbito das ocorrências de baixa frequência, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra *canzil* como substantivo masculino, com os sentidos de “cangalho (no sentido de ‘cada um dos paus’)” e de “marca que se faz na orelha de rês; canzo” (HOUAISS, 2025). Do ponto de vista etimológico, segundo o próprio dicionário, a unidade lexical relaciona-se a *canga*, o que reforça a interpretação de que essa variante se organiza por aproximação funcional e formal com as designações mais produtivas do corpus. Esses registros corroboram a leitura de que as variantes menos frequentes observadas na Região Sul gravitam em torno do eixo semântico da contenção do animal.

Na carta linguística da questão 54, a representação cartográfica privilegia as denominações que apresentam maior produtividade no corpus, a saber, *cangalha*, *canga* e *forquilha*. A escolha dessas variantes decorre não apenas de sua frequência elevada, mas também de sua distribuição mais ampla no espaço geográfico investigado, o que permite observar com maior clareza os padrões diatópicos associados ao léxico em estudo. As demais formas, cuja ocorrência é esparsa e localizada, foram reunidas em uma categoria única, estratégia que evita a fragmentação excessiva da carta e contribui para uma visualização mais eficiente dos contrastes regionais.

Figura 7 - Carta linguística 3 (questão 54)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A observação conjunta da variação diatópica na Região Sul evidencia a coexistência das variantes *canga* e *cangalha* em praticamente todo o contínuo geográfico que se estende do norte do Paraná ao sul do Rio Grande do Sul. Essa convivência, no entanto, não se dá de maneira homogênea: em diferentes áreas, as variantes alternam entre momentos de predominância, concorrência equilibrada ou enfraquecimento diante do aumento de não respostas e da emergência pontual de outras denominações.

No Paraná, a distribuição das variantes revela um comportamento gradativo, que se articula a um quadro geral de baixa produtividade lexical. Dos 72 informantes entrevistados, 31 não apresentaram resposta válida, o que indica desconhecimento ou desuso do léxico associado a esse artefato. Assim, foram obtidas 42 respostas, entre as quais se observa o predomínio da forma *cangalha*, com 20 ocorrências, seguida por *canga*, com 14, e por *forquilha*, com três registros. As demais variantes - *coleira* (três ocorrências), *cabresto* e *pescoceira* (uma ocorrência cada) - apresentam caráter residual. Do ponto de vista diatópico, nas mesorregiões Norte e Central, observamos maior presença da forma *canga*, embora acompanhada por um número expressivo de não respostas, o que reforça a hipótese de enfraquecimento desse

campo lexical. À medida que se avança para o Oeste, Sudoeste, Sudeste e Centro-Sul do estado, a variante *cangalha* passa a predominar, enquanto *canga* perde espaço progressivamente. Na mesorregião Metropolitana, que inclui a capital, o índice elevado de não respostas volta a se destacar, embora *cangalha* permaneça como a forma mais recorrente entre os informantes que responderam. As variantes de baixa frequência distribuem-se de forma pontual, sugerindo estratégias denominativas localizadas diante da retração do léxico rural tradicional.

Em Santa Catarina, o quadro diatópico é marcado por um alto índice de não respostas em todas as mesorregiões, o que reforça a hipótese de desuso ou desconhecimento generalizado do item lexical investigado. Dos 44 informantes consultados, apenas 19 forneceram respostas válidas, enquanto 25 declararam desconhecer o objeto ou não responderam à pergunta. Entre as formas registradas, constatamos a predominância de *cangalha*, com 10 ocorrências, seguida por *canga*, com sete registros, e por *forquilha*, com duas ocorrências. No Norte do estado, *canga* apresenta maior frequência, acompanhada por ocorrências localizadas de *forquilha*, enquanto no Oeste identificamos concentração da forma *cangalha* entre os informantes que responderam. Nas mesorregiões Sudeste, Sul e Serrana, a escassez de dados válidos limita generalizações mais abrangentes, mas indica a coexistência de *canga* e *cangalha* em um contexto de baixa vitalidade lexical. A forma *forquilha*, por sua vez, mantém caráter marcadamente localizado, restrita ao Norte catarinense.

No Rio Grande do Sul, a análise diatópica mostra um quadro mais estável em termos de produtividade lexical, associado a um nível mais elevado de conhecimento do item investigado em comparação aos demais estados. Dos 72 informantes entrevistados, foram obtidas 56 respostas válidas, havendo 20 não respostas; em alguns casos, registramos múltiplas denominações por informante. Entre as formas elicitadas, *cangalha* sobressai como a mais recorrente, com 31 ocorrências, seguida por *canga*, com 15, e *forquilha*, com seis. As demais variantes - *canaula* (duas ocorrências), *canzil* e *cabresto* (uma ocorrência cada) - apresentam caráter residual. A forma *cangalha* mantém posição de predominância em todas as regiões analisadas, acompanhada de forma consistente por *canga* e *forquilha*, que se distribuem de maneira relativamente equilibrada ao longo do território. As regiões Norte e Sudoeste apresentam padrões semelhantes, com alternância entre *cangalha* e *canga* e presença pontual de variantes minoritárias. No Centro do estado, destacamos o baixo número de não respostas, o que sugere maior vitalidade do léxico investigado,

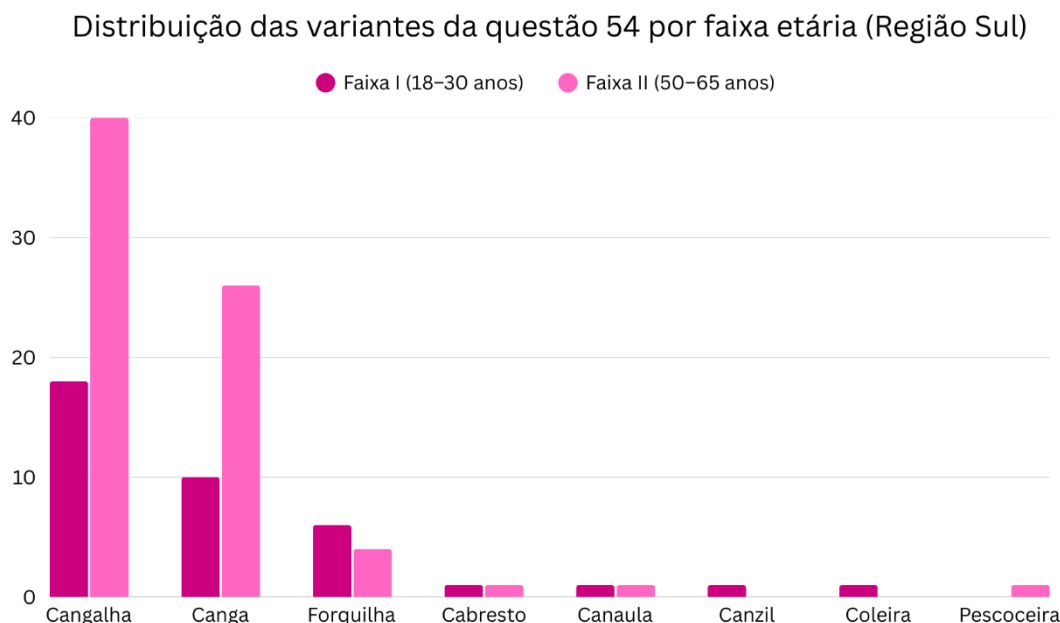
enquanto no Sudeste observamos o maior número absoluto de ocorrências de *cangalha*, em parte associado à maior quantidade de localidades amostradas. Os comentários metalinguísticos dos informantes indicam uma percepção de equivalência entre *canga*, *cangalha* e *forquilha*, sugerindo que a alternância lexical se realiza, em muitos casos, como denominações concorrentes para um mesmo referente.

De modo geral, a análise diatópica da Região Sul revela dois movimentos complementares: de um lado, a circulação e coexistência de *canga* e *cangalha* em todos os estados; de outro, um índice elevado de não respostas, mais acentuado no Paraná e, sobretudo, em Santa Catarina, o que aponta para um progressivo enfraquecimento do léxico ligado às práticas agropastoris tradicionais. A presença residual de variantes menos frequentes, muitas vezes restritas a localidades específicas, sugere que a variação geográfica se articula não apenas à distribuição espacial, mas também a diferentes graus de preservação do repertório lexical rural nas comunidades investigadas.

A distribuição das variantes da questão 54 por faixa etária na Região Sul evidencia um contraste geracional bastante marcado, sobretudo no que diz respeito ao grau de desconhecimento do objeto investigado. Do total de 69 não respostas registradas, 50 concentram-se entre os informantes da Faixa I, ao passo que apenas 19 ocorrem na Faixa II, o que indica que o léxico associado à armação de madeira utilizada para conter animais encontra-se significativamente mais preservado entre os falantes mais velhos. Esse dado, por si só, já aponta para um distanciamento progressivo das gerações mais jovens em relação a práticas e objetos ligados ao universo rural tradicional.

O gráfico 5 apresenta a distribuição das variantes lexicais registradas na questão 54 por faixa etária na região Sul, considerando exclusivamente as respostas efetivamente fornecidas pelos informantes.

Gráfico 5 - Distribuição das variantes da questão 54 por faixa etária (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A tabela 5 complementa essa visualização ao incluir o número de não respostas, permitindo observar não apenas a preferência por determinadas variantes, mas também o grau de familiaridade dos grupos etários com o referente investigado.

Tabela 5 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 54 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CANGALHA</b>	58	18	40
<b>CANGA</b>	36	10	26
<b>FORQUILHA</b>	10	6	4
<b>CABRESTO</b>	2	1	1
<b>CANAULA</b>	2	1	1
<b>CANZIL</b>	1	1	-
<b>COLEIRA</b>	1	1	-
<b>PESCOCEIRA</b>	1	-	1
<b>TOTAL</b>	111	38	73
<b>NR</b>	69	50	19

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Entre as respostas válidas, notamos que *cangalha* constitui a variante mais produtiva em ambas as faixas etárias, com 18 ocorrências na Faixa I e 40 na Faixa II,

o que confirma seu estatuto como forma majoritária no conjunto da Região Sul. Ainda assim, sua maior frequência entre os informantes mais velhos reforça a associação entre vitalidade lexical e experiência direta com práticas agropastoris. A variante *canga* apresenta comportamento semelhante, ocorrendo dez vezes entre os jovens e 26 vezes na Faixa II, o que evidencia uma distribuição mais concentrada entre os informantes idosos.

A forma *forquilha* exibe um padrão distinto: embora esteja presente nas duas faixas etárias, apresenta maior frequência relativa entre os jovens, com seis ocorrências, frente a quatro registros na Faixa II. Esse comportamento pode estar relacionado ao acionamento de estratégias de analogia formal, nas quais o falante recorre a uma designação que remete à forma do objeto, ainda que não corresponda necessariamente à sua função específica. Tal tendência dialoga com o uso de outras denominações pontuais entre os informantes mais jovens, como *coleira*, *cabresto*, *canaula* e *canzil*, cada uma com uma única ocorrência, sugerindo processos de aproximação semântica diante do enfraquecimento do léxico especializado.

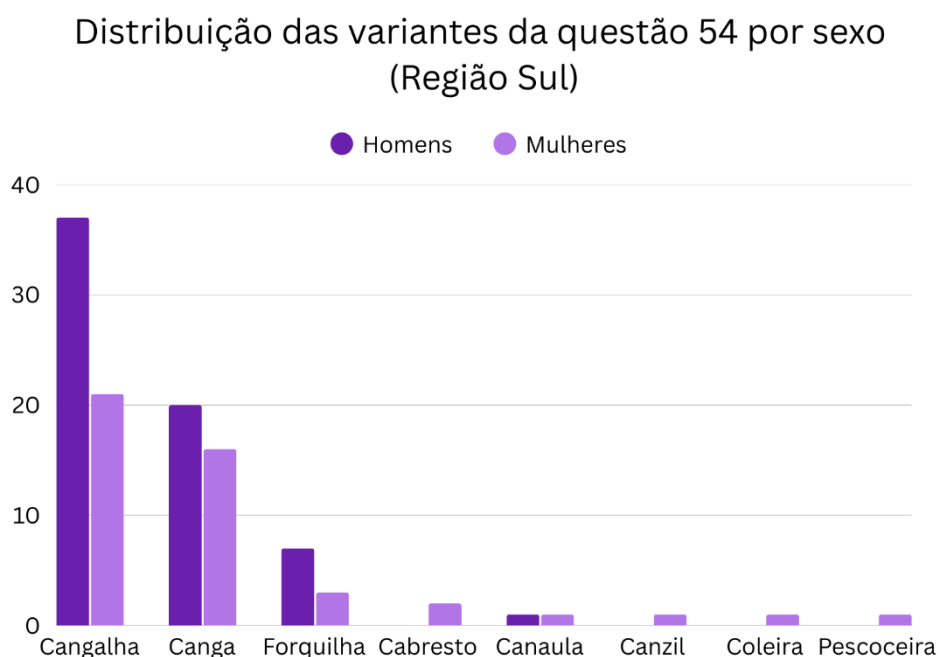
Na Faixa II, além das formas majoritárias, registramos ocorrências isoladas de *cabresto*, *canaula* e *pescoceira*, indicando a preservação residual de variantes menos frequentes, possivelmente associadas a repertórios locais ou experiências individuais mais prolongadas com o meio rural. Ainda assim, a concentração das respostas em *cangalha* e *canga* nesse grupo indica maior estabilidade lexical em comparação aos informantes mais jovens.

De modo geral, a análise diageracional da Região Sul confirma um padrão já observado nas análises estaduais: o conhecimento e o uso das designações tradicionais relativas à contenção de animais encontram-se mais consolidados entre os falantes da Faixa II, enquanto a Faixa I apresenta elevado índice de não respostas e maior dispersão lexical. Esse cenário sugere não apenas uma mudança no repertório linguístico, mas também um reflexo das transformações socioculturais que têm reduzido o contato das novas gerações com práticas rurais e, conseqüentemente, com o léxico a elas associado.

A análise da variação diasssexual na região Sul evidencia diferenças consistentes no reconhecimento e na nomeação do objeto investigado. Entre os informantes do sexo masculino, identificamos maior frequência geral de respostas, com destaque para a predominância das variantes *cangalha* (37 ocorrências) e *canga* (20), seguidas por *forquilha* (7) e *canaula* (1). Já entre as mulheres, embora as

mesmas variantes principais também se destaquem - *cangalha* (21) e *canga* (16) -, o número total de ocorrências é inferior, além de se observar uma distribuição mais dispersa entre formas de baixa frequência, como *cabresto*, *coleira*, *pescoceira*, *canzil* e *canaula*, cada uma com uma ocorrência.

Gráfico 6 - Distribuição das variantes da questão 54 por sexo (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Essa diferença torna-se ainda mais significativa quando se considera o quantitativo de não respostas: das 69 registradas na região Sul, 44 pertencem a informantes do sexo feminino, enquanto 25 correspondem a informantes do sexo masculino. Esse dado indica que o desconhecimento do objeto é proporcionalmente mais elevado entre as mulheres, o que sugere menor contato com o referente descrito na questão. Assim, embora as mulheres apresentem maior diversidade de formas lexicalizadas, essa variedade não se traduz em maior familiaridade com o artefato, mas pode refletir estratégias de nomeação por analogia diante de um objeto pouco conhecido.

Tal disparidade talvez esteja relacionada às funções tradicionalmente atribuídas às mulheres no contexto rural:

O trabalho das mulheres nas atividades agrícolas geralmente envolve afazeres com algumas características específicas, tais como as que requerem execução manual (limpeza do solo e de colheita dos produtos), processamento (seleção, embalagem, entre outros) de produtos agrícolas, trato e cuidado diário de animais (incluindo a retirada de leite e a criação de animais pequenos destinados, principalmente, ao autoconsumo) e trabalhos da horta (geralmente doméstico). (SPANVELLO et al., 2022, p. 66).

Diante do exposto, é possível concluir que a diferença no reconhecimento e na nomeação do objeto investigado entre homens e mulheres está relacionada a distintas experiências com o meio rural. A predominância masculina nas respostas pode ser explicada pela divisão sexual do trabalho no espaço agrícola, que historicamente relegou às mulheres funções menos associadas ao uso de implementos como a armação de madeira em questão.

Assim, os dados analisados refletem não apenas um padrão linguístico, mas também uma dinâmica social mais ampla, em que o acesso diferencial às atividades produtivas influencia diretamente o conhecimento e o uso de determinados vocábulos.

Tabela 6 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 54 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>CANGALHA</b>	58	37	21
<b>CANGA</b>	36	20	16
<b>FORQUILHA</b>	10	7	3
<b>CABRESTO</b>	2	-	2
<b>CANAULA</b>	2	1	1
<b>CANZIL</b>	1	-	1
<b>COLEIRA</b>	1	-	1
<b>PESCOCEIRA</b>	1	-	1
<b>TOTAL</b>	111	38	19
<b>NR</b>	69	25	44

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

De modo geral, os dados da região Sul apontam para um padrão recorrente: os homens não apenas respondem com maior frequência, como também concentram suas respostas nas designações tradicionalmente associadas ao meio rural, enquanto as mulheres tendem a apresentar índices mais elevados de não respostas, associados a uma dispersão lexical nas ocorrências registradas.

Assim, os resultados da questão 54 evidenciam um quadro de variação lexical marcado pela coexistência de formas tradicionais e pelo enfraquecimento progressivo do léxico associado às práticas agropastoris na Região Sul do Brasil. No conjunto dos dados, *cangalha* consolida-se como a designação predominante para a armação de madeira utilizada na contenção de animais, seguida por *canga*, que também apresenta circulação regional. A variante *forquilha*, embora presente nos três estados,

mantém caráter secundário e distribuição menos regular, enquanto as demais denominações surgem de forma pontual e residual.

Além das frequências levantadas, cabe destacar os relatos dos próprios informantes que reforçam a percepção de sinonímia entre algumas dessas designações. O informante 4 do ponto 236 (Passo Fundo) esclarece: “*Canga e cangalha é a mesma coisa. Uns dizem cangalha e outros dizem canga.*” De maneira semelhante, o informante 3 do ponto 242 (Santa Maria) observa que “aqui chamam *cangas, forquilha, cangalhas, coisas assim*”, evidenciando que a alternância lexical se dá, em muitos casos, como variantes denominativas para o mesmo objeto. Esses elementos corroboram a compreensão de que, apesar da predominância de certas formas, há coexistência de variantes em todo o território, com diferenças pontuais que se articulam a fatores locais e experiências individuais de contato com o léxico agropastoril.

Em síntese, a questão 54 revela um panorama em que a vitalidade de formas tradicionais convive com sinais de obsolescência lexical, especialmente entre os falantes mais jovens e em contextos de menor contato com o meio agropastoril. Os dados da Região Sul, assim, não apenas documentam a variação lexical em torno da contenção de animais, mas também evidenciam transformações socioculturais mais amplas que incidem diretamente sobre o repertório linguístico dos falantes.

#### 4.4 QUESTÃO 55 - ARMAÇÃO DE MADEIRA COLOCADA NO LOMBO DO CAVALO OU DO BURRO PARA LEVAR CESTOS OU CARGAS

A questão 55, que investiga as designações atribuídas à *armação de madeira colocada no lombo do cavalo ou do burro para o transporte de cestos ou cargas*, revela, no conjunto da Região Sul, o total de 181 dados, dos quais 101 (56%) correspondem à não resposta. Quanto às respostas válidas, notamos a predominância da variante *cangalha*, que reúne 31 ocorrências, correspondendo a 39% das 80 respostas válidas registradas. Em seguida, destacamos a forma *canga*, com 14 ocorrências (18%), seguida por *cargueiro* (10 ocorrências; 13%), *arreio* (8; 10%) e *sela* (6; 8%), compondo um núcleo de variantes de maior produtividade regional. As demais designações – *carregador, jugo, bocó, cabresto, serão, seleiro, bagageiro, quaieira, alforje, mala de garupa e canzil* – ocorrem de forma pontual, com apenas um registro cada, configurando um conjunto residual de baixa frequência.

Paralelamente, observamos um número expressivo de não respostas (101), superior ao total de respostas válidas, o que sugere um possível afastamento dos informantes em relação às práticas tradicionais de transporte animal ou um enfraquecimento do léxico específico associado a esse tipo de artefato no contexto sociocultural contemporâneo da Região Sul.

Apresentamos, a seguir, uma representação da estrutura de madeira utilizada no lombo de animais de carga, associada às denominações analisadas nesta questão.

Figura 8 - Representação do objeto investigado na questão 55 (QSL/ALiB)



Fonte: Imagem publicada por Abilhão Arte em Madeiras (Facebook), disponível em: [https://web.facebook.com/100063648216207/posts/hoje-tive-a-oportunidade-de-reformar-uma-cangalha-ou-albarda-de-burros-esse-tipo/502283061223910/?\\_rdc=1&\\_rdr#](https://web.facebook.com/100063648216207/posts/hoje-tive-a-oportunidade-de-reformar-uma-cangalha-ou-albarda-de-burros-esse-tipo/502283061223910/?_rdc=1&_rdr#). Acesso em: 20 mar. 2026.

Do ponto de vista lexicográfico, parte das designações registradas na Região Sul encontra respaldo nos principais dicionários da língua portuguesa. As formas *canga* e *cangalha*, já discutidas em seções anteriores, mantêm acepções diretamente associadas a estruturas de madeira vinculadas à tração animal ou ao transporte de cargas. A variante *cargueiro*, conforme o Houaiss (2025), pode designar tanto o indivíduo responsável por transportar cargas quanto, por extensão metonímica, a “besta de carga”, além de se aplicar a animais que não são de sela, mas de cangalhas, acepção particularmente pertinente ao referente descrito na questão.

A forma *arreio* é definida como o “conjunto de apetrechos que permite o trabalho do animal de carga ou de tração” ou ainda como o “conjunto de peças com

que se prepara a cavalgadura para montaria” (PRIBERAM, 2025), o que permite compreender sua ocorrência como resultado de uma generalização do equipamento utilizado no manejo animal. De modo semelhante, *sela* designa a “peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro e na qual são presos outros apetrechos dos arreios” (HOUAISS, 2025), sendo plausível que sua menção decorra da familiaridade do informante com um item mais genérico do universo da montaria.

Entre as variantes de baixa frequência, algumas merecem consideração específica. A forma *quaieira* não consta nos principais dicionários da língua portuguesa, mas é registrada no *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, com ocorrência no português do Brasil (região metropolitana de São Paulo), designando “a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais [...] para não atravessarem a cerca”, em acepção equivalente ao referente investigado. Esse registro sugere tratar-se de uma variante regional atestada, possivelmente relacionada ao mesmo campo semântico de *canga* e *cangalha*. Já *transportador* e *carregador* aparecem nos dicionários como substantivos ou adjetivos que designam aquele ou aquilo que transporta ou facilita o transporte de objetos (HOUAISS; PRIBERAM, 2025), o que indica uma extensão semântica motivada pela função do objeto descrito, ainda que sem correspondência técnica precisa no campo do léxico agropastoril.

Outras designações registradas - como *seleiro*, *bagageiro* e *bocó* - parecem igualmente resultar de aproximações funcionais. *Seleiro* é definido como o profissional que fabrica selas ou como adjetivo referente a cavalo afeito à sela (HOUAISS, 2025), o que indica possível associação ao conjunto de equipamentos colocados sobre o lombo do animal. *Bagageiro* pode designar tanto aquele que transporta bagagens quanto o dispositivo destinado a acomodar volumes (HOUAISS, 2025), sendo plausível sua aplicação por analogia ao suporte de carga mencionado na questão. A forma *bocó*, por sua vez, apresenta maior complexidade semântica: no Houaiss (2025), uma de suas acepções designa uma bolsa ou objeto semelhante (como alforje ou embornal), geralmente de couro rústico, usada para carregar objetos; já outras acepções, registradas também no Priberam (2025) e no Michaelis (2025), referem-se ao uso adjetivo e pejorativo, indicando pessoa tola ou infantil. A coexistência desses sentidos sugere que a escolha da variante pode estar ancorada na acepção concreta de recipiente para transporte, ainda que pouco produtiva no léxico contemporâneo.

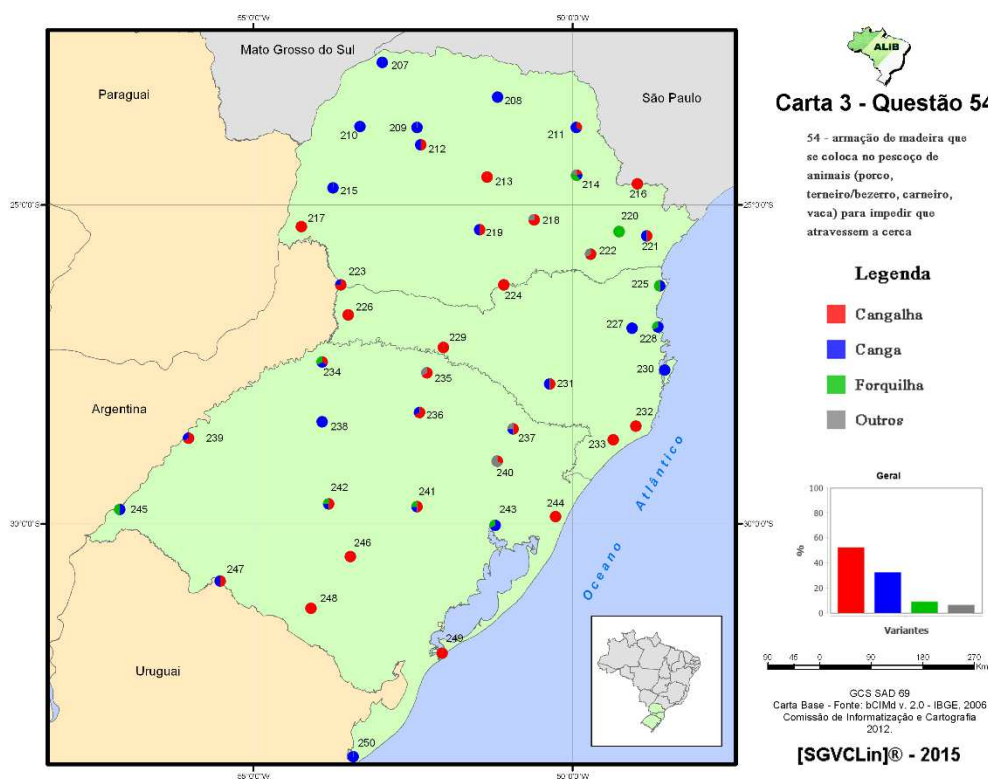
No que se refere às designações *mala de garupa* e *alforje*, constatamos que a primeira é descrita como um pequeno saco ou sacola colocada na parte posterior da cavalgadura, funcionando como dois compartimentos para transporte de objetos (HOUAISS, 2025; MICHAELIS, 2025), sendo uma variante associada ao contexto sul-rio-grandense. *Alforje*, por sua vez, é definido como uma bolsa grande dividida em dois compartimentos, utilizada no lombo de animais de carga, com origem árabe (*al-ḥurj*), o que reforça sua vinculação histórica às práticas de transporte rural (PRIBERAM, 2025; MICHAELIS, 2025).

A forma *jugo* é registrada como a peça de madeira utilizada para unir bois de uma junta, sendo frequentemente apresentada como sinônimo de *canga* (HOUAISS, 2025; PRIBERAM, 2025). Apesar de sua aplicação mais específica ao contexto da tração bovina, sua inclusão entre as respostas pode ser explicada pela sobreposição semântica entre os objetos, ambos associados ao atrelamento e ao trabalho animal.

Por fim, convém aprofundar a análise da variante *serão*. Nos dicionários consultados, *serão* é tradicionalmente associado a acepções como trabalho noturno, prolongamento da jornada ou período posterior ao jantar (HOUAISS, 2025; PRIBERAM, 2025), sentidos que, à primeira vista, não se vinculam diretamente ao objeto descrito na questão. No entanto, a consulta ao *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* amplia significativamente esse quadro: *seirão* (pt-eu) é registrado como substantivo masculino designando uma “alcofa grande onde se põe o trigo” ou uma “seira grande para transportar peixe, roupa, etc.”, ou seja, recipientes e estruturas associados ao transporte e acondicionamento de cargas. Esses significados aproximam-se funcionalmente do referente investigado, ainda que não correspondam de modo estrito à armação de madeira descrita na questão.

Na carta linguística da questão 55, Figura 9, foram representadas individualmente as variantes *cangalha*, *canga*, *cargueiro* e *arreio*. As demais denominações registradas no *corpus* foram agrupadas em uma única categoria, representada pela cor azul na carta.

Figura 9 - Carta linguística 4 (questão 55)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A análise diatópica da questão 55, considerando o conjunto da Região Sul, revela um quadro marcado por dispersão de variantes e por elevados índices de não respostas, o que indica baixa vitalidade do léxico associado à armação de madeira colocada no lombo do cavalo ou do burro para transporte de cargas. Ainda assim, é possível identificar tendências gerais e alguns contrastes regionais relevantes.

De modo geral, a variante *cangalha* apresenta a distribuição espacial mais regular nos três estados, ocorrendo em diferentes mesorregiões do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. No Paraná, observamos o predomínio dessa forma, com 19 ocorrências entre as 37 respostas válidas coletadas junto aos 72 informantes. Outras variantes aparecem com menor frequência, como *cargueiro* (cinco ocorrências), *canga* e *arreio* (três ocorrências cada) e *sela* (duas), enquanto formas como *cabresto*, *canzil*, *quaieira* e *transportador* foram registradas apenas uma vez cada, configurando um conjunto residual. Esse quadro se articula a um número expressivo de não respostas (36) no estado, o que indica possível desconhecimento ou enfraquecimento do léxico associado ao objeto investigado. Ainda assim, a presença de *cangalha* em todas as regiões investigadas, ainda que em coexistência com outras denominações, sustenta sua posição como forma de maior produtividade

no Paraná, mesmo em um contexto de diversidade lexical.

Em Santa Catarina, embora *cangalha* também apareça de forma relativamente estável em distintas mesorregiões - Norte, Sul e Serrana -, sua frequência é mais baixa em comparação com os outros estados e o quadro geral é marcado pela predominância de não respostas. Entre os 44 informantes consultados, apenas 20 forneceram respostas válidas, ao passo que 26 não responderam à questão, o que indica um nível elevado de desconhecimento ou desuso do léxico investigado. Entre as formas registradas, *cangalha* apresenta a maior frequência, com seis ocorrências, seguida por *cargueiro*, com quatro registros. As variantes *serão* (três ocorrências) e *canga* (duas) também mantêm presença, enquanto *sela*, *seleiro*, *bocó*, *arreio* e *bagageiro* aparecem de forma isolada, com uma única menção cada, configurando um conjunto de baixa produtividade. Do ponto de vista espacial, observamos maior fragmentação lexical, sem a configuração de padrões regionais consistentes. A única concentração mais perceptível ocorre no Oeste catarinense, onde se registram ocorrências de *cargueiro*, ainda que acompanhadas por elevado número de não respostas, o que limita a interpretação de uma especialização regional mais definida.

No Rio Grande do Sul, a distribuição espacial das variantes mostra um quadro de maior dispersão lexical, associado a índices elevados de não resposta. Dos 72 informantes, 48 não forneceram nenhuma forma lexical para o item investigado, o que indica um grau significativo de desconhecimento ou desuso desse campo lexical. Entre as respostas válidas, a variante *canga* apresenta a maior frequência, com nove ocorrências distribuídas em diferentes pontos da amostra, seguida por *cangalha*, com seis registros, e *arreio*, com quatro. As demais formas — *sela* (três ocorrências), *cargueiro*, *alforje*, *mala de garupa* e *jugo* (uma ocorrência cada) — apresentam baixa frequência e distribuição pontual. Do ponto de vista diatópico, não se observa uma forma que se imponha de maneira homogênea em todo o território. No Norte, há coexistência entre *cangalha*, *canga* e *sela*, enquanto o Sudoeste se distingue pela ausência de *cangalha* e pela presença de *canga*, *arreio*, *jugo* e *cargueiro*. Nas regiões Centro e Sudeste, o quadro é novamente marcado pela diversidade de formas e por índices expressivos de não respostas, com ocorrências esparsas de *mala de garupa* e *sela*. Esse conjunto de dados reforça o caráter heterogêneo da distribuição lexical no estado e indica que, diferentemente do observado no Paraná, não há uma variante com predominância consolidada, ainda que *canga* apresente maior vitalidade relativa

no conjunto dos dados.

Considerados em conjunto, os dados da Região Sul indicam que a diatopia atua mais como fator de dispersão do que de especialização lexical. Embora *cangalha* se destaque como a variante de maior alcance geográfico, sua presença não elimina a concorrência com outras formas nem impede o surgimento de denominações locais ou analogias funcionais. O elevado número de não respostas em todas as áreas investigadas, sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, aponta para um enfraquecimento generalizado do léxico relativo ao objeto, o que limita a emergência de padrões diatópicos mais nítidos e sugere um processo de retração desse campo lexical no espaço rural contemporâneo da Região Sul.

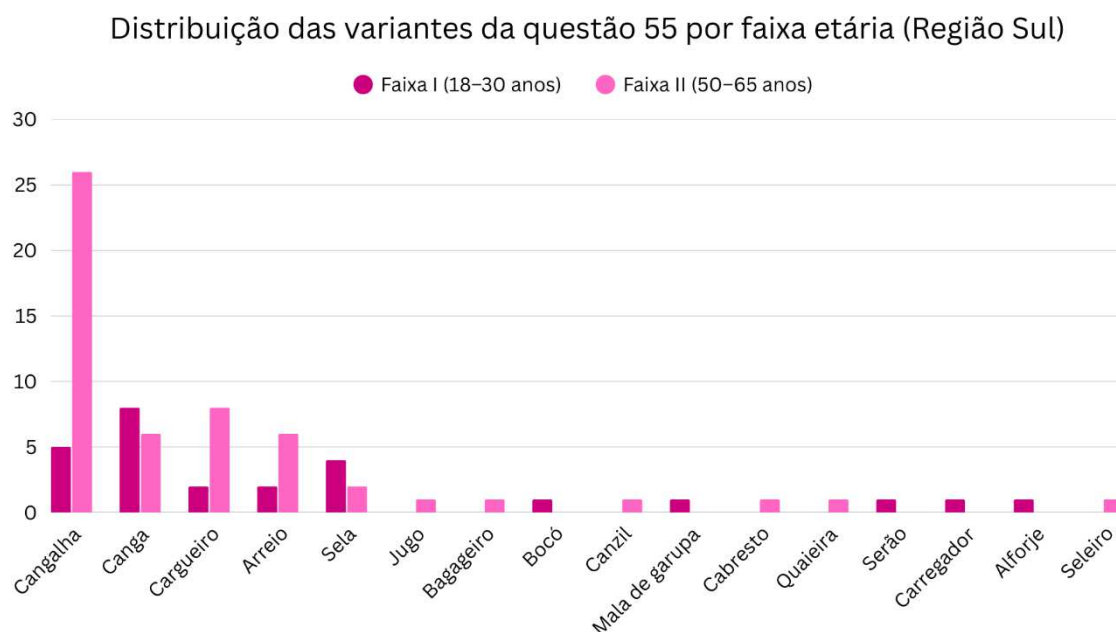
A distribuição das variantes da questão 55 por faixa etária na Região Sul revela um quadro diageracional marcado por elevado índice de não respostas e por distintos padrões de conservação lexical entre os grupos etários. Do total de 101 não respostas registradas, 63 (62%) concentram-se na Faixa I, enquanto 38 (30%) ocorrem na Faixa II, o que indica um maior distanciamento dos informantes mais jovens em relação ao objeto investigado.

Entre os informantes da Faixa II, notamos maior concentração em torno da variante *cangalha*, que apresenta 26 ocorrências (48%), configurando-se como a forma mais produtiva nesse grupo. Outras variantes, como *cargueiro*, *canga* e *arreio*, também aparecem de maneira relativamente recorrente, compondo um repertório lexical mais estável e associado ao reconhecimento do referente. Ainda que haja diversidade de respostas, notamos que a variação entre os mais velhos se organiza em torno de formas mais consolidadas no domínio rural.

Na Faixa I, por sua vez, o quadro é caracterizado por maior dispersão lexical e menor produtividade das variantes. Embora *canga* (8 ocorrências) e *cangalha* (5 ocorrências) figurem entre as respostas mais frequentes, há uma dispersão de formas de baixa recorrência - como *sela*, *bocó*, *alforje*, *serão*, *carregador* e *mala de garupa* -, geralmente restritas a ocorrências únicas, além de um volume expressivo de não respostas.

Na sequência, o Gráfico 7 apresenta a distribuição das variantes da questão 55 por faixa etária na Região Sul.

Gráfico 7 - Distribuição das variantes da questão 55 por faixa etária (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 7 reúne os dados numéricos correspondentes, incluindo as não respostas.

Tabela 7 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 55 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CANGALHA</b>	31	5	26
<b>CANGA</b>	14	8	6
<b>CARGUEIRO</b>	10	2	8
<b>ARREIO</b>	8	2	6
<b>SELA</b>	6	4	2
<b>JUGO</b>	1	-	1
<b>BAGAGEIRO</b>	1	-	1
<b>BOCÓ</b>	1	1	-
<b>CANZIL</b>	1	-	1
<b>MALA DE GARUPA</b>	1	1	-
<b>CABRESTO</b>	1	-	1
<b>QUAIEIRA</b>	1	-	1
<b>SERÃO</b>	1	1	-

<b>CARREGADOR</b>	1	1	-
<b>ALFORJE</b>	1	1	-
<b>SELEIRO</b>	1	-	1
<b>TOTAL</b>	80	26	54
<b>NR</b>	101	63	38

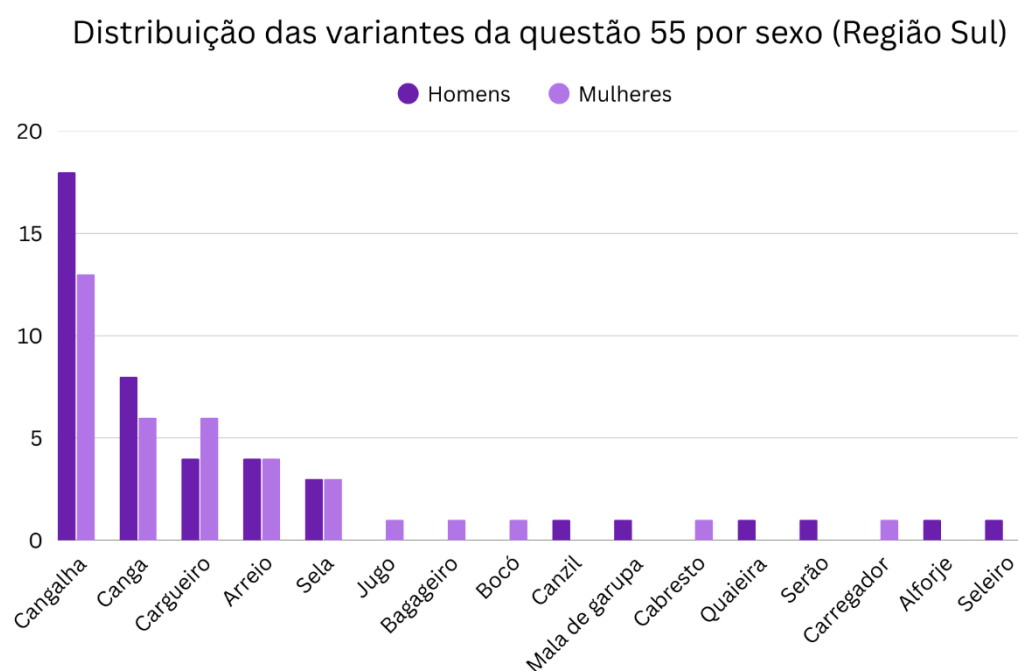
Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Essa distribuição reforça o papel da variável etária na configuração da variação lexical observada.

A análise da variação diasssexual da questão 55 na Região Sul evidencia comportamento bastante semelhante entre os grupos feminino e masculino. Em ambos, a forma *cangalha* se apresenta como a variante mais frequente, com ligeira predominância entre os informantes do sexo masculino (18 ocorrências) em relação ao feminino (13 ocorrências). As variantes *canga*, *cargueiro*, *arreio* e *sela* também ocorrem nos dois grupos, com distribuições próximas, ainda que a fala feminina apresente maior dispersão de formas de baixa frequência.

A distribuição das variantes da questão 55 por faixa etária na Região Sul encontra-se representada no Gráfico 8 em valores absolutos.

Gráfico 8 - Distribuição das variantes da questão 55 por sexo (Região Sul) em valores absolutos.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 8 explicita os dados numéricos que sustentam essa representação, incluindo as não respostas.

Tabela 8 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 55 (Região Sul)

<b>VARIANTE</b>	<b>TOTAL</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
<b>CANGALHA</b>	31	18	13
<b>CANGA</b>	14	8	6
<b>CARGUEIRO</b>	10	4	6
<b>ARREIO</b>	8	4	4
<b>SELA</b>	6	3	3
<b>JUGO</b>	1	-	1
<b>BAGAGEIRO</b>	1	-	1
<b>BOCÓ</b>	1	-	1
<b>CANZIL</b>	1	1	-
<b>MALA DE GARUPA</b>	1	1	-
<b>CABRESTO</b>	1	-	1
<b>QUAIEIRA</b>	1	1	0
<b>SERÃO</b>	1	1	-
<b>CARREGADOR</b>	1	-	1
<b>ALFORJE</b>	1	1	-
<b>SELEIRO</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	80	26	54
<b>NR</b>	101	46	55

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Constatamos, ainda, a presença de variantes de ocorrência única em ambos os sexos, sem concentração sistemática que permita associá-las a um grupo específico. O elevado número de não respostas, comum aos dois grupos, indica que a variável sexo não exerce papel decisivo na preservação ou na seleção das formas lexicais registradas, sugerindo que outros fatores são mais relevantes para a compreensão da variação observada.

Diante dos dados analisados, a questão 55 evidencia um quadro de variação lexical marcado por baixa vitalidade do léxico associado à armação de madeira

utilizada no transporte de cargas sobre o lombo de animais na Região Sul. Embora *cangalha* se destaque como a variante de maior produtividade e alcance geográfico, sua predominância não se traduz em uniformidade uma vez que convive com um conjunto de denominações de baixa frequência e com um número expressivo de não respostas.

#### 4.5 QUESTÃO 56 - PEÇA DE MADEIRA COLOCADA NO PESCOÇO DO BOI PARA TRACIONAR O CARRO OU O ARADO

Na questão 56, que investiga o léxico utilizado para designar a *peça de madeira colocada no pescoço do boi para tracionar o carro ou o arado*, os dados referentes ao conjunto da Região Sul evidenciam a predominância de uma única variante, ao mesmo tempo em que revelam um número expressivo de não respostas. Do total de 98 respostas válidas registradas, a forma *canga* concentra 76 (78%) registros, o que a consolida como a designação dominante na região.

As demais variantes aparecem com frequência bastante reduzida. A forma *cangalha* contabiliza seis ocorrências (6%), enquanto *quaieira*, *arreio* e *canzil* registram três ocorrências cada (3%). A variante *jugo* ocorre duas vezes (2%), e outras denominações - *cangueira*, *carga de burro*, *arriame*, *peitoral* e *forquilha* - apresentam apenas um registro cada (1%), compondo um conjunto residual de baixa produtividade lexical.

Paralelamente, constam 83 não respostas, ou seja 46% do *corpus sulista*, número elevado e bastante próximo ao total de respostas válidas. Esse dado sugere que, embora o referente ainda seja reconhecido por parcela significativa dos informantes, sobretudo por meio da variante *canga*, há indícios de enfraquecimento do léxico específico associado às práticas de tração animal, possivelmente decorrente do afastamento progressivo dessas atividades no contexto sociocultural contemporâneo da Região Sul.

Para fins de delimitação do referente investigado, apresentamos, a seguir, uma representação da peça de madeira utilizada no pescoço de animais de tração.

Figura 10 - Representação do objeto investigado na questão 56 (QSL/ALiB)



Fonte: Imagem disponível em página eletrônica (QuizzClub), disponível em: <https://pt.quizzclub.com/trivia/que-nome-se-da-a-peca-de-madeira-apertada-nos-pescocos-de-dois-animais-e-atrelada-a-uma-carroca-arado/answer/426708/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

Para completar a análise lexical, passaremos a definir as variantes ainda não abordadas ao longo do trabalho. A forma *arriame* encontra respaldo no *Tesouro do Léxico Galego-Português*, onde é registrada como variante de *arreios*, com remissão ao lema *arream*. Nesse sentido, *arriame* designa, de modo geral, o conjunto de peças utilizadas na aparelhagem do animal de tração. No contexto da questão 56, sua ocorrência pode ser interpretada como uma ampliação semântica ou como o uso de uma designação genérica do conjunto do arreio para referir uma peça específica - a de madeira colocada no pescoço do boi.

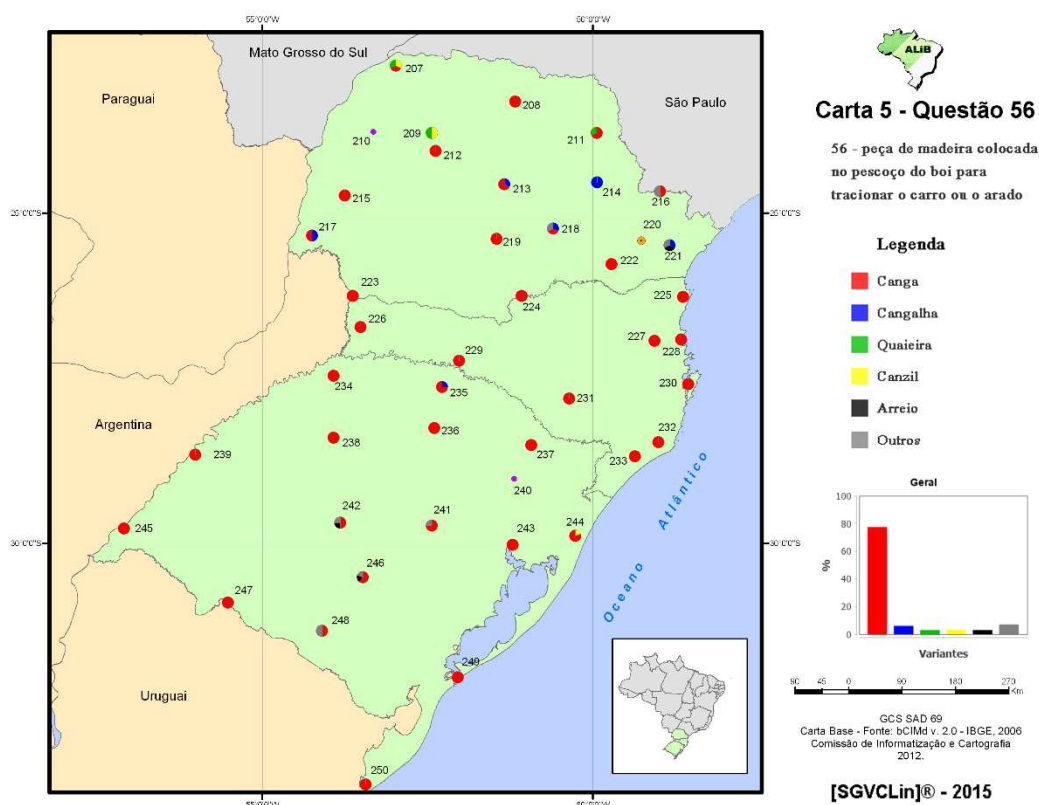
A expressão *carga de burro*, por sua vez, não se encontra registrada como unidade lexical nos dicionários consultados, podendo ser compreendida a partir da junção dos significados de *carga* e *burro*. De acordo com o Dicionário Priberam (2025), *carga* refere-se ao peso transportado por um animal ou veículo, enquanto *burro* designa um animal comumente empregado em atividades de tração em contextos rurais. Assim, a forma *carga de burro* parece funcionar como uma denominação descritiva, centrada na função de transporte ou tração, e não como a nomeação precisa da peça solicitada pela pergunta, o que sugere uma resposta baseada no uso ou na finalidade, e não na identificação lexical específica do objeto.

Por fim, *peitoral*, conforme registrado no Dicionário Priberam e no Houaiss (2025), designa uma peça do arreio utilizada para cingir o peito do animal,

especialmente em atividades de tração. Embora se trate de um elemento efetivamente associado ao trabalho com animais de tração, sua localização e função diferem da peça descrita na questão 56, que se refere a um artefato de madeira colocado no pescoço do boi. Dessa forma, a ocorrência de *peitoral* pode ser compreendida como mais um caso de aproximação funcional, em que o informante recorre a uma variante pertencente ao mesmo campo semântico do arreio, ainda que não corresponda exatamente ao referente solicitado.

Com as definições das variantes estabelecidas, a carta linguística 5, Figura 11, permite visualizar a distribuição das formas lexicais registradas nos pontos investigados.

Figura 11 - Carta linguística 5 (questão 56)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Quanto à variação diatópica na Região Sul, a carta linguística evidencia um quadro de concentração da variante *canga*, que se distribui de maneira contínua e predominante em praticamente toda a área investigada. Esse comportamento coexiste com índices elevados de não respostas em diversas localidades, o que não compromete, entretanto, a identificação de um padrão estável. Nesse contexto, é possível reconhecer regularidades regionais na distribuição das respostas.

De modo geral, a forma *canga* apresenta distribuição contínua e recorrente

em todas as mesorregiões dos três estados, configurando-se como a variante lexicalmente mais estável para a designação do referente investigado. Esse comportamento se confirma tanto em áreas com maior concentração de respostas quanto naquelas em que predominam lacunas, o que sugere que, mesmo em contextos de retração do uso, *canga* permanece como a forma mais disponível na memória lexical dos informantes.

No Paraná, observamos uma dispersão acentuada das variantes, acompanhada por um número expressivo de não respostas. Dos 72 informantes consultados, 40 não indicaram nenhuma forma lexical para o item investigado, o que corresponde a uma proporção elevada. Entre as 32 respostas válidas, a forma *canga* aparece com 19 ocorrências, mantendo-se como a variante mais recorrente no estado. As demais formas registradas foram *cangalha* (5 ocorrências), *quaieira* (3), *canzil* (2), além de *ariame*, *arreio*, *carga de burro* e *peitoral*, com uma ocorrência cada. A forma *canga* mantém presença regular em todas as áreas, com maior concentração no Oeste e Sudoeste. As demais formas distribuem-se de maneira pontual e geograficamente fragmentada, sem constituir áreas de concentração definidas. A elevada proporção de não respostas reforça a hipótese de afastamento da experiência direta com práticas de tração animal entre os informantes, o que se reflete na baixa produtividade das variantes menos frequentes.

Em Santa Catarina, a análise diatópica revela um quadro de uniformidade lexical. Entre os 44 informantes, foram registradas 27 respostas válidas e 17 não respostas. Nesse conjunto, notamos predominância da forma *canga*, que ocorre em 26 das 27 respostas, enquanto *cangalha* aparece em uma única ocorrência. Do ponto de vista diatópico, *canga* está presente em todos os pontos de inquérito representados na carta linguística, não havendo registro de localidades com ausência total de resposta nem de áreas de concorrência sistemática entre variantes. Esse comportamento indica uma fixação lexical consistente da forma *canga* no território catarinense, com ocorrência apenas pontual de forma alternativa, sem impacto na distribuição geral.

No Rio Grande do Sul, a distribuição espacial confirma igualmente a generalização da forma *canga*, presente em todas as mesorregiões. No conjunto dos dados, essa variante soma 37 ocorrências, configurando-se como a forma mais recorrente no estado. As formas *arreio* e *jugo* aparecem com duas menções cada, enquanto *cangalha*, *cangueira*, *forquilha* e *canzil* surgem de modo isolado, com uma

ocorrência cada. Também foram registradas 31 não respostas, número que indica possíveis lacunas no conhecimento ou no uso desse vocabulário entre os informantes. Do ponto de vista diatópico, essas não respostas se distribuem sobretudo no Norte e no Sudoeste, mas não comprometem a identificação de *canga* como forma dominante. Constatamos, ainda, uma diversidade ligeiramente maior nas regiões Centro e Sudeste, onde se concentram as ocorrências das variantes menos frequentes, sem que se configurem áreas de concorrência sistemática.

Em síntese, a análise diatópica da Região Sul revela que, apesar da elevada incidência de não respostas, indicativa de possível obsolescência do referente ou afastamento das práticas de tração animal, a forma *canga* mantém-se difundida e geograficamente contínua. As demais variantes apresentam caráter residual e distribuição esparsa, sem delimitação areal clara, funcionando como registros pontuais de variação lexical.

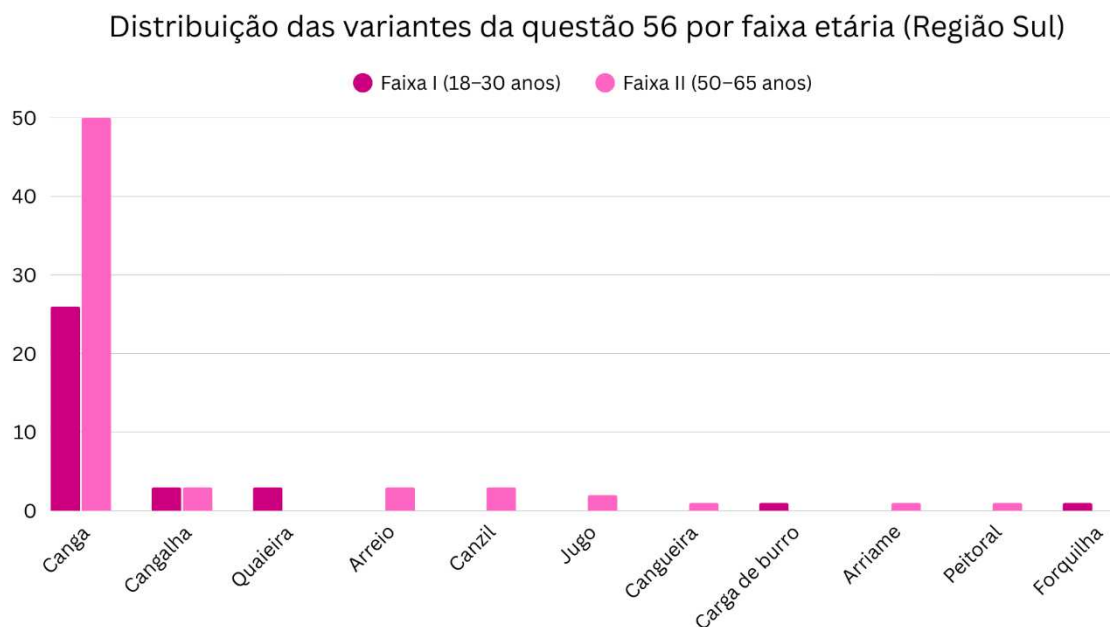
Quanto à variação diageracional, observamos que a faixa etária exerce influência significativa tanto no reconhecimento do referente quanto na distribuição das variantes da questão 56 na Região Sul. Entre os informantes da Faixa I (18 a 30 anos), foram registradas 34 respostas válidas, frente a um número expressivo de não respostas (54), o que evidencia um distanciamento considerável desse grupo em relação ao objeto investigado. Ainda assim, entre as respostas fornecidas, a forma *canga* mantém-se predominante, com 26 ocorrências (77%), seguida de *quaieira* e *cangalha*, ambas com três registros, além de ocorrências isoladas de *forquilha* e *carga de burro*. A concentração das respostas em poucas variantes, aliada à elevada taxa de lacunas, sugere menor familiaridade lexical entre os falantes mais jovens.

Na Faixa II (50 a 65 anos), o quadro mostra-se mais consistente. Foram contabilizadas 64 respostas válidas e 29 não respostas, indicando maior reconhecimento do referente. A forma *canga* permanece dominante, com 50 ocorrências (78%), percentual semelhante ao observado entre os mais jovens, mas acompanhada por um repertório mais diversificado de variantes menos frequentes, como *canzil*, *cangalha* e *arreio* (três ocorrências cada), além de *jugo*, *peitoral*, *arriame* e *cangueira*. Essa maior diversidade lexical, restrita sobretudo à fala dos informantes mais velhos, aponta para uma retenção de formas associadas a práticas rurais tradicionais que já não circulam com a mesma vitalidade entre as gerações mais novas.

A variação diageracional das respostas à questão 56 na Região Sul pode ser

observada no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Distribuição das variantes da questão 56 por faixa etária (Região Sul) em dados absolutos



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A Tabela 9 complementa essa visualização ao reunir os dados numéricos e as não respondidas.

Tabela 9 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 56 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CANGA</b>	76	26	50
<b>CANGALHA</b>	6	3	3
<b>QUAIEIRA</b>	3	3	-
<b>ARREIO</b>	3	-	3
<b>CANZIL</b>	3	-	3
<b>JUGO</b>	2	-	2
<b>CANGUEIRA</b>	1	-	1
<b>CARGA DE BURRO</b>	1	1	-
<b>ARRIAME</b>	1	-	1
<b>PEITORAL</b>	1	-	1
<b>FORQUILHA</b>	1	1	-

<b>TOTAL</b>	98	34	64
<b>NR</b>	83	54	29

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

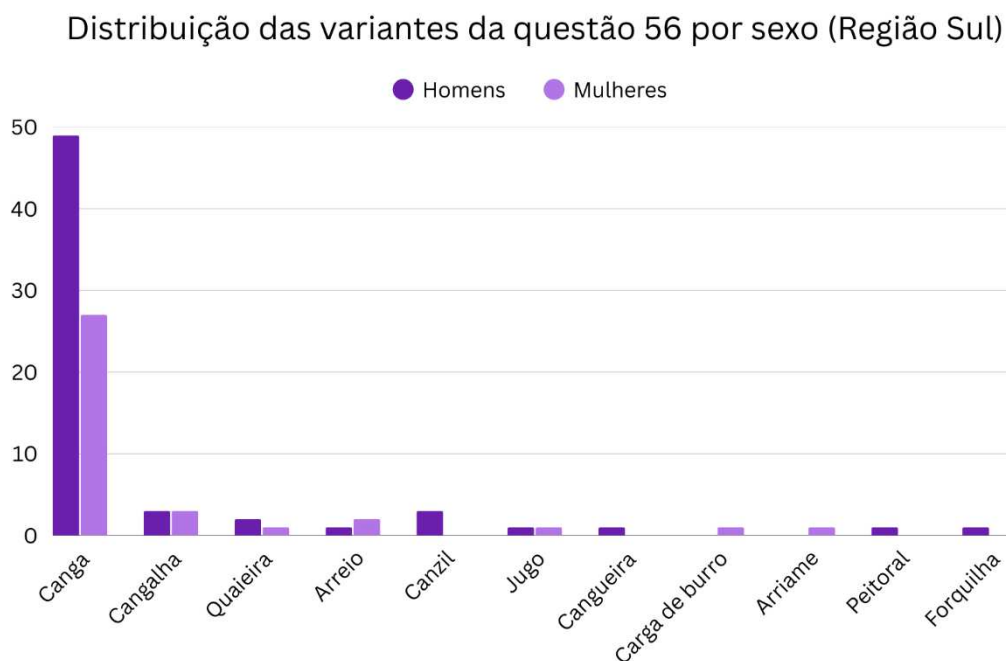
De modo geral, embora a forma *canga* se imponha como variante dominante em ambas as faixas etárias, a diferença na taxa de não respostas e na variedade de formas registradas reforça a hipótese de enfraquecimento da transmissão intergeracional desse léxico, com maior estabilidade e conhecimento concentrados entre os falantes da Faixa II.

A análise da variação diasssexual na Região Sul evidencia diferenças consistentes tanto na frequência das respostas quanto na distribuição das variantes. Do total de 83 (46%) não respostas registradas, 54 (65%) concentram-se entre as mulheres, enquanto 29 (35%) ocorrem entre os homens, o que aponta para a maior incidência de lacunas no grupo feminino. Ainda assim, em ambos os grupos, a forma *canga* se mantém como a variante dominante, com 27 ocorrências entre as mulheres (75%) e 49 entre os homens (79%), o que confirma seu estatuto de forma estabilizada no conjunto regional.

Entre as mulheres, além de *canga*, observamos a presença pontual de *cangalha* (3 ocorrências) e *arreio* (2), seguidas por registros isolados de *jugo*, *arriame*, *carga de burro* e *quaieira*. Já no grupo masculino, a distribuição revela maior diversidade de variantes, ainda que com baixas frequências: além de *cangalha* e *canzil* (3 ocorrências cada), aparecem *quaieira* (2) e formas isoladas como *jugo*, *forquilha*, *arreio*, *peitoral*, *cangueira* e *arriame*.

A distribuição das respostas da questão 56 por sexo, na Região Sul, é apresentada no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Distribuição das variantes da questão 56 por sexo (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os dados quantitativos que fundamentam essa representação encontram-se sistematizados na Tabela 10, com inclusão das não respostas.

Tabela 10 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 56 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>CANGA</b>	76	49	27
<b>CANGALHA</b>	6	3	3
<b>QUAIEIRA</b>	3	2	1
<b>ARREIO</b>	3	1	2
<b>CANZIL</b>	3	3	-
<b>JUGO</b>	2	1	1
<b>CANGUEIRA</b>	1	1	-
<b>CARGA DE BURRO</b>	1	-	1
<b>ARRIAME</b>	1	-	1
<b>PEITORAL</b>	1	1	-
<b>FORQUILHA</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	98	62	36
<b>NR</b>	83	29	54

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Esse quadro sugere que, embora a escolha da variante principal não varie significativamente em função do sexo, os informantes masculinos tendem a apresentar um repertório lexical ligeiramente mais diversificado, ao passo que entre as mulheres se observa maior concentração em poucas formas e maior índice de não respostas. Ainda assim, a centralidade de *canga* em ambos os grupos indica que o fator sexo não atua como elemento decisivo na seleção da variante predominante, mas incide sobretudo na extensão do repertório acessado e no grau de familiaridade com o referente.

Em conjunto, a análise da questão 56 na Região Sul revela centralização lexical em torno da variante *canga*, que se estabelece como designação predominante do referente, com ampla difusão espacial e baixa sensibilidade às variáveis diatópica, diageracional e diassexual. Essa predominância convive, contudo, com um número expressivo de não respostas, indicando que o conhecimento do objeto não se distribui de forma homogênea entre os informantes. Esse quadro sugere um processo de retração do campo lexical associado à tração animal, no qual a estabilidade de uma forma central coexiste com o enfraquecimento das variantes menos frequentes e com o aumento das lacunas no repertório dos falantes.

#### 4.6 QUESTÃO 57 - OBJETOS DE VIME, DE TAQUARA, DE CIPÓS TRANÇADOS, PARA LEVAR BATATAS NO LOMBO DO CAVALO OU DO BURRO

A questão 57 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB investiga os nomes atribuídos *àqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim etc.) no lombo do cavalo ou do burro*. Trata-se de um item voltado ao levantamento de léxico associado ao transporte e ao acondicionamento de produtos agrícolas em contexto rural, particularmente relacionado às práticas tradicionais de agricultura e ao uso da tração animal.

Na Região Sul, observamos um índice significativamente elevado de respostas válidas (219 ocorrências), com 16 não respostas (7%), o que indica familiaridade dos falantes com o referente investigado. A variante *cesto(a)* destaca-se como a forma predominante, com 113 ocorrências (52%), seguida por *balaio*, que apresenta 79 registros (36%). Assim, essas duas variantes concentram a maior parte

das respostas, configurando-se como as principais formas mobilizadas pelos informantes da região para designar esse objeto.

Em frequência significativamente menor, a variante *jacá* aparece com 10 ocorrências (5%), figurando como a terceira forma mais elicitada. As demais respostas distribuem-se de maneira esparsa entre variantes de baixa produtividade, como *cargueiro* e *sacola/saco*, com três ocorrências cada, além de *barril*, *serão* e *baú*, com duas menções cada. Registramos ainda ocorrências isoladas de *peçuelo*, *bruaca*, *maleiro*, *bolsa* e *bagagem*, todas com apenas um registro.

O conjunto desses dados evidencia, por um lado, a centralidade das formas *cesto(a)* e *balaio* no léxico regional sulista associado a esse referente e, por outro, a coexistência de variantes menos frequentes, que apontam para nuances regionais e socioculturais no modo de nomear o objeto. A baixa taxa de não respostas indica que o referente é reconhecido pelos informantes; no entanto, esse reconhecimento não se associa a uma única forma lexical estabilizada, manifestando-se por meio de um repertório denominativo variado. Esse comportamento sugere que, embora o objeto permaneça presente na experiência dos falantes, sua nomeação se organiza de modo concorrencial, com múltiplas formas em circulação.

Apresenta-se, a seguir, uma imagem ilustrativa de um recipiente trançado utilizado no transporte de produtos agrícolas.

Figura 12 - Representação do objeto investigado na questão 57 (QSL/ALiB)



Fonte: Imagem disponível em página comercial (Tadah), disponível em: [https://www.tadah.com.br/cesto-redondo-de-vime-grande.html?srsIid=AfmBOoqnsy5JtH\\_-D6CFPLFBkQvBkEYprhcE4611kf1r3Hfnwhw3MX9w](https://www.tadah.com.br/cesto-redondo-de-vime-grande.html?srsIid=AfmBOoqnsy5JtH_-D6CFPLFBkQvBkEYprhcE4611kf1r3Hfnwhw3MX9w). Acesso em: 20 mar. 2026.

Antes de iniciar a análise das variáveis sociais da questão 57 na Região Sul, procedemos à apresentação das definições das variantes lexicais mencionadas pelos informantes ao longo do território investigado. Nesta etapa, são retomadas apenas as variantes que emergem como formas de nomeação do referente e que ainda não haviam sido definidas em questões anteriores do questionário, de modo a evitar repetições desnecessárias.

A opção por unificar as variantes *cesta* e *cesto* na forma *cesto(a)* justifica-se pelo fato de ambas as variantes serem utilizadas de maneira intercambiável pelos informantes, além de apresentarem significados muito próximos, conforme indicam os dicionários consultados. No Dicionário Houaiss (2025), *cesta* é definida como um utensílio de material trançado, como vime ou palha, geralmente utilizado para guardar ou transportar objetos. Já *cesto* é apresentado na mesma obra como sinônimo de *cesta* em sua primeira acepção, com descrição semelhante de artefato de vime ou palha, embora com emprego mais abrangente, incluindo recipientes confeccionados em outros materiais. O próprio Houaiss (2025) assinala explicitamente a sinonímia entre *cesta* e *cesto*, especialmente no contexto de recipientes de materiais trançados. O Priberam (2025) confirma essa aproximação ao associar ambas as formas a artefatos de vime ou varas entrançadas, destinados ao transporte de hortaliças, frutas e outros produtos. Do ponto de vista etimológico, *cesta* e *cesto* remontam igualmente ao latim *cista*. Assim, a unificação das formas na variante *cesto(a)* permite simplificar a análise sem prejuízo da variação observada, respeitando tanto o uso dos informantes quanto as definições lexicais consolidadas.

A variante *balaio*, conforme o Dicionário Houaiss (2025), designa um substantivo masculino que se refere a um cesto grande, geralmente confeccionado em palha, taquara, bambu ou cipó, utilizado tanto para o transporte quanto para o armazenamento de objetos. Trata-se de um artefato associado ao contexto rural, sendo tradicionalmente empregado no transporte de produtos agrícolas ou de alimentos colhidos, como batatas. O Priberam (2025) confirma esse uso ao definir *balaio* como um cesto de grandes dimensões, frequentemente fabricado com fibras naturais trançadas. Do ponto de vista etimológico, *balaio* tem origem no francês medieval *balai*, que designava um feixe de giestas ou uma vassoura, sentido que

evoluiu para *balayo* no século XVI. Essa origem remete à ideia de elementos amarrados ou trançados, o que se relaciona diretamente à configuração do objeto. O Houaiss (2025) ainda registra que, em algumas regiões do Brasil, *balaio* pode designar uma variedade de fandango, em que o enfunar das saias das dançarinas remete à forma do cesto. O Priberam (2025) e o Michaelis (2025) também mencionam essa acepção ligada à dança tradicional, especialmente no Rio Grande do Sul, reforçando a inserção cultural da variante no Sul do país.

As formas *sacola* e *saco* foram igualmente reunidas em uma única variante, em razão da proximidade semântica e da origem etimológica comum. Segundo o Houaiss (2025), *sacola* é um “saco de dois compartimentos”, historicamente utilizado por frades mendicantes e, posteriormente, por pedintes, além de designar uma bolsa destinada ao transporte de objetos. *Saco*, por sua vez, é definido como um receptáculo de pano, papel, couro, borracha ou material plástico, geralmente aberto apenas por cima, utilizado para carregar ou armazenar coisas. A relação morfológica entre as formas é evidente, uma vez que *sacola* deriva de *saco* com o sufixo *-ola*. A etimologia de ambas remonta ao latim *saccus*, conforme indicado pelo Priberam (2025). O Michaelis (2025) reforça essa proximidade ao destacar que as duas palavras compartilham funções semelhantes, diferenciando-se principalmente pelo tamanho ou pela presença de alças. A união das formas é ainda justificada pela baixa frequência de ocorrência e pelo uso intercambiável observado nos dados.

O vocábulo *jacá*, de acordo com o Dicionário Houaiss (2025), é um substantivo masculino que designa um cesto trançado de taquara ou cipó, utilizado principalmente no transporte de cargas e geralmente preso ao lombo de animais. O Priberam (2025) apresenta definição semelhante, especificando que se trata de um cesto feito de bambu ou material equivalente, empregado para transportar alimentos como carne, peixe, queijos e outros produtos. Do ponto de vista etimológico, *jacá* tem origem no tupi *aya'ka*, que significa “cesto feito de taquara”, evidenciando seu caráter artesanal e sua vinculação histórica ao transporte por tração animal.

A forma *baú*, segundo o Houaiss (2025), refere-se a uma peça de bagagem grande e rígida, geralmente com tampa convexa, utilizada para transportar pertences. O Priberam (2025) a descreve como uma mala rígida, normalmente revestida de couro ou folha, enquanto o Michaelis (2025) define *baú* como uma caixa de madeira ou metal, com tampa convexa, empregada tanto para o transporte quanto para a guarda de objetos. Quanto à etimologia, os dicionários indicam como étimo imediato o

francês, registrando as formas antigas *bahur* e *bahut*, embora a origem mais remota do vocábulo seja considerada controversa (Houaiss, 2025; Michaelis, 2025; Priberam, 2025).

O item lexical *bolsa* é definido pelo Houaiss (2025) como um pequeno saco de couro, pano ou outro material, utilizado para guardar dinheiro ou objetos, estendendo-se também a recipientes maiores, como bolsas de viagem. O Michaelis (2025) corrobora essa definição ao caracterizar a bolsa como um recipiente de tecido, couro ou plástico, com ou sem alça, destinado ao transporte de objetos diversos.

A forma *bruaca*, conforme o Houaiss (2025), designa uma mala de couro cru usada para transportar objetos, víveres e mercadorias sobre bestas, geralmente presa às cangalhas ou atravessada na traseira da sela. O Michaelis (2025) e o Priberam (2025) apresentam definição semelhante, destacando o uso do objeto no lombo de animais. Ambos os dicionários, contudo, também registram sentidos figurados e depreciativos da variante, associados à caracterização negativa de mulheres idosas, aspecto que, embora não seja pertinente ao referente da questão, integra o campo semântico histórico do vocábulo.

Entre as variantes menos frequentes na Região Sul, observamos ainda o emprego de *maleiro*. Segundo o Houaiss (2025), trata-se de um substantivo masculino que designa a pessoa que fabrica e/ou vende malas. O Priberam (2025) amplia essa definição ao incluir aquele que carrega malas ou bagagens, bem como o compartimento ou móvel destinado a armazená-las. A variante resulta da junção de *mala* com o sufixo *-eiro*, indicando relação funcional com o objeto. Embora não corresponda diretamente ao artefato descrito na questão, sua inclusão se justifica pela associação ao transporte e ao acondicionamento de cargas.

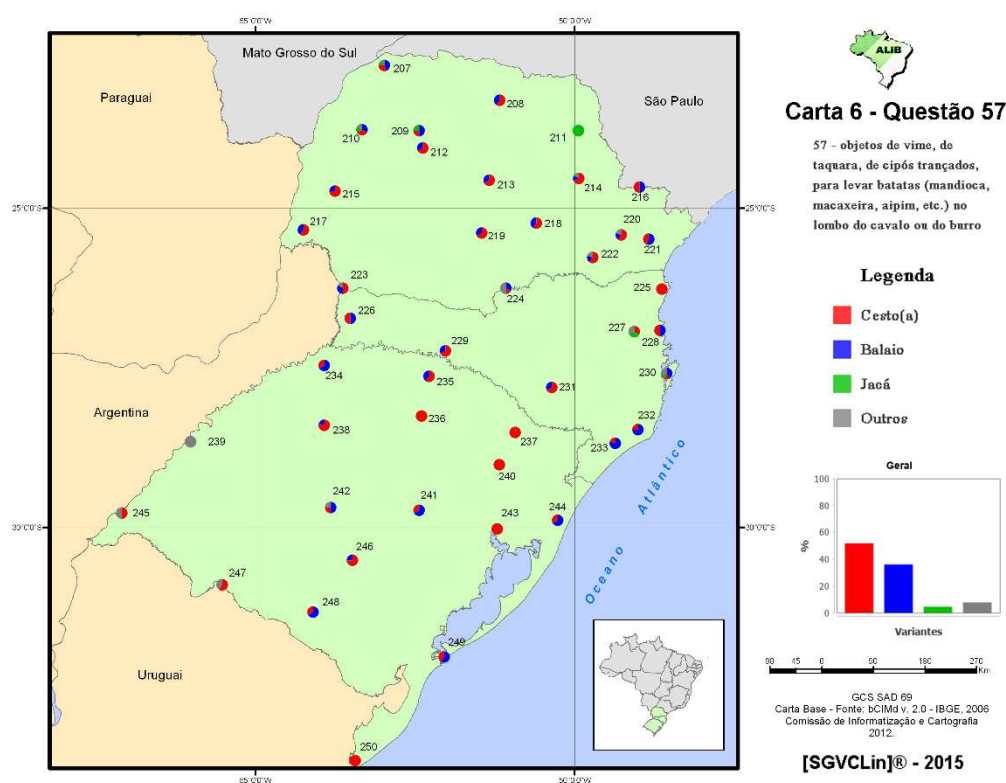
A forma *bagagem*, conforme o Houaiss (2025), refere-se ao conjunto de itens de uso pessoal organizados em malas, sacolas ou recipientes semelhantes, transportados por uma pessoa em deslocamento, podendo também designar o conjunto de meios responsáveis por esse transporte. O Priberam (2025) define *bagagem* como tudo aquilo que um passageiro ou um grupo em marcha leva para seu uso, incluindo malas e sacos. A palavra tem origem no francês *bagage*, derivado do latim medieval *bagages*, com o sufixo *-age*, relacionado à ideia de conjunto transportado.

Por fim, destacam-se as variantes *barril* e *peçuelo*. O *barril*, segundo o Houaiss (2025), é um recipiente de madeira, de formato cilíndrico abaulado, utilizado

para o transporte ou a conservação de líquidos e alimentos. O Michaelis (2025) estende essa definição a recipientes semelhantes feitos de outros materiais, como plástico e metal. O Priberam (2025) acrescenta ainda o uso metrológico do termo, como unidade de capacidade equivalente a 159 litros. Já *peçuelo*, registrado pelos informantes no singular, aparece nos dicionários predominantemente no plural (*peçuelos*). Conforme o Houaiss (2025), trata-se de um regionalismo do Rio Grande do Sul que designa um conjunto de dois alforjes de couro, unidos por uma correia que passa sobre a garupa do cavalo, utilizado para o transporte de roupas e objetos pessoais. O Michaelis (2025) apresenta definição semelhante. Quanto à etimologia, o Houaiss aponta possível relação com o castelhano *pezuelo*, enquanto o Michaelis indica origem no latim *pezuelos*.

Para a elaboração da carta linguística da questão 57, as variantes *cesto(a)*, *balaio* e *jacá* foram selecionadas e destacadas individualmente, em razão de sua maior produtividade nos dados. As demais variantes foram agrupadas em uma única categoria.

Figura 13 - Carta linguística 6 (questão 57)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

No que se refere à distribuição diatópica das variantes da questão 57 na Região Sul, a leitura da carta linguística evidencia um quadro de concentração

majoritária em torno de poucas formas lexicais, ainda que com variações regionais na predominância dessas formas. A cartografia revela a difusão das variantes *cesto(a)* e *balaio*, que se distribuem por praticamente toda a área investigada, configurando-se como as principais estratégias de nomeação do objeto em foco no conjunto da região.

A forma *cesto(a)*, representada em vermelho na carta linguística 6, da Figura 13, distribui-se de maneira contínua por toda a Região Sul, com presença nos três estados, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, onde figura como a variante predominante na maior parte das mesorregiões. Essa recorrência espacial é corroborada pelos dados quantitativos: no Paraná, *cesto(a)* soma 55 ocorrências, enquanto no Rio Grande do Sul registra 46, configurando-se como a forma mais produtiva nesses dois estados. Em Santa Catarina, embora também apresente frequência elevada, com 23 ocorrências, a variante ocupa posição secundária em relação a *balaio*, o que indica um padrão regional distinto. Essa distribuição indica elevado grau de difusão da variante, associada ao repertório lexical mais recorrente no domínio do transporte de produtos agrícolas em contexto rural.

A variante *balaio*, representada pela cor azul, também apresenta dispersão territorial, surgindo em pontos distribuídos ao longo de toda a Região Sul, embora com comportamento diatópico mais variável. No Paraná, *balaio* aparece de forma recorrente, com 35 ocorrências, porém geralmente em posição secundária em relação a *cesto(a)*. Em Santa Catarina, observamos maior oscilação na predominância entre as duas formas: *balaio* configura-se como a variante mais frequente no estado, com 25 ocorrências, enquanto *cesto(a)* registra 23 ocorrências, o que evidencia uma distribuição mais equilibrada. No Rio Grande do Sul, embora *cesto(a)* seja a forma mais frequente no estado como um todo, *balaio* aparece com 24 registros e assume papel dominante na mesorregião central, configurando um padrão regional distinto.

A variante *jacá*, indicada em amarelo na carta, apresenta distribuição mais restrita e localizada. Sua ocorrência concentra-se no Paraná e em Santa Catarina, não sendo registradas em nenhuma localidade do Rio Grande do Sul. No Paraná, *jacá* aparece com 8 ocorrências, distribuídas sobretudo nas regiões Norte e Central, enquanto em Santa Catarina registra apenas duas ocorrências, de forma ainda mais localizada, destacando-se no Sul do estado. Em ao menos um ponto paranaense, *jacá* constitui a única resposta fornecida pelos informantes, o que sugere uma fixação local da variante, possivelmente relacionada a práticas regionais específicas ou à preservação de tradições lexicais.

As demais variantes, reunidas graficamente sob a cor verde, apresentam distribuição pontual e esparsa, sem continuidade territorial significativa. Esse grupo reúne formas como *sacola/saco*, *cargueiro*, *serão*, *baú*, *barril*, *peçuelo*, *maleiro* e *bagagem*, que aparecem de maneira isolada em determinadas mesorregiões. No Rio Grande do Sul, especialmente no Sudoeste, concentra-se a maior diversidade dessas variantes menos produtivas, com registros como *barril* (2 ocorrências) e ocorrências únicas de *peçuelo*, *baú* e *cargueiro*. Em Santa Catarina, identificamos *sacola/saco* (três ocorrências), além de *serão* e *jacá* (duas ocorrências cada) e *maleiro* e *bagagem* (uma ocorrência cada), enquanto no Paraná essas formas surgem de modo mais disperso. A ocorrência restrita dessas variantes reforça seu caráter periférico no conjunto da Região Sul.

A observação da variável social faixa etária nas respostas dadas à questão 57 permite examinar como as diferentes gerações da Região Sul nomeiam os objetos de vime, taquara ou cipós trançados utilizados para o transporte de produtos agrícolas. Os dados revelam um quadro de relativa estabilidade intergeracional das variantes predominantes, acompanhado de diferenças pontuais na distribuição das formas menos produtivas.

Entre os informantes da Faixa I, *cesto(a)* apresenta 53 ocorrências (53,54%), configurando-se como a forma mais frequente nesse grupo, seguida de *balaio*, com 39 registros (39%). As demais variantes aparecem de modo bastante residual, com ocorrências isoladas de *jacá*, *sacola/saco*, *cargueiro*, *barril* e *bagagem*, todas com percentuais inferiores a 3%. Esse padrão indica que, entre os falantes mais jovens, a nomeação do objeto investigado se concentra nas duas variantes majoritárias, com reduzida diversificação lexical.

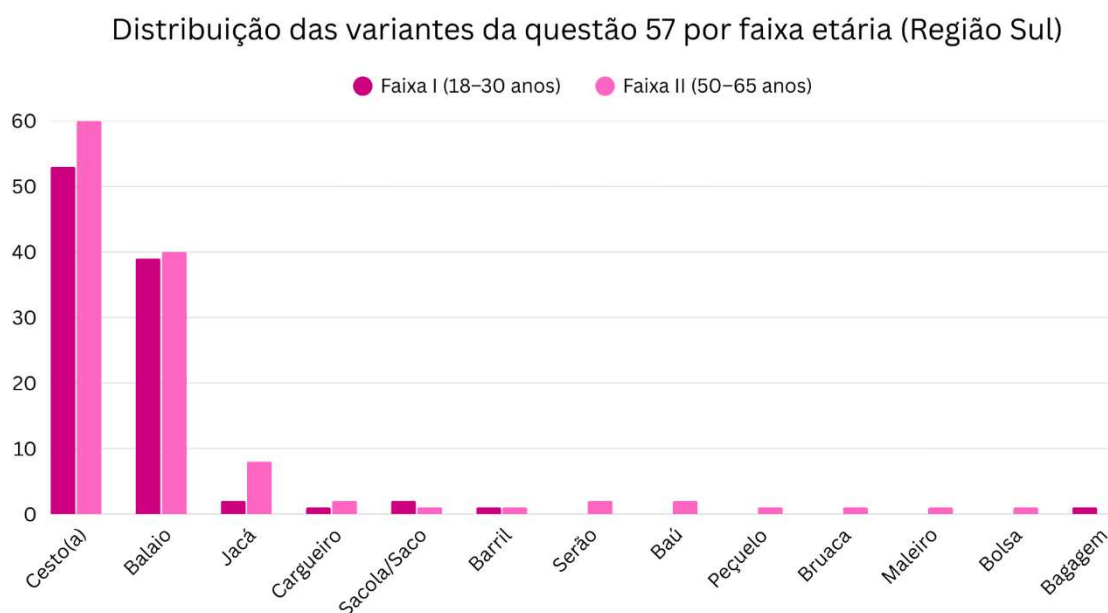
Na Faixa II, mantém-se a predominância de *cesto(a)*, com 60 ocorrências (50%), seguida por *balaio*, que soma 40 registros (33%). Notamos, contudo, uma ampliação do repertório lexical nesse grupo etário, evidenciada tanto pelo maior número de variantes distintas quanto pela maior frequência relativa de formas menos produtivas. A variante *jacá*, por exemplo, apresenta 8 ocorrências (7%) entre os informantes mais velhos, percentual superior ao observado entre os jovens. Além disso, surgem exclusivamente na Faixa II variantes como *bruaca*, *peçuelo*, *maleiro* e *bolsa*, bem como registros adicionais de *baú*, *barril*, *sacola/saco* e *cargueiro*.

No que diz respeito às não respostas, registramos maior incidência entre os informantes da Faixa I, com 10 ocorrências, frente a 6 na Faixa II. Esse dado pode

sugerir menor familiaridade dos falantes mais jovens com o referente investigado, possivelmente em função do distanciamento progressivo de práticas rurais tradicionais associadas ao uso do objeto descrito na questão.

A distribuição das variantes da questão 57 segundo a faixa etária, na Região Sul, em dados absolutos, encontra-se sintetizada no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Distribuição das variantes da questão 57 por faixa etária (Região Sul)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Para uma leitura mais precisa dos dados, a Tabela 11 reúne as ocorrências absolutas das variantes por faixa etária, incluindo os casos de não resposta.

Tabela 11 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 57 (Região Sul)

VARIANTES	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>CESTO(A)</b>	113	53	60
<b>BALÃO</b>	79	39	40
<b>JACÁ</b>	10	2	8
<b>CARGUEIRO</b>	3	1	2
<b>SACOLA/SACO</b>	3	2	1
<b>BARRIL</b>	2	1	1
<b>SERÃO</b>	2	-	2
<b>BAÚ</b>	2	-	2
<b>PEÇUELO</b>	1	-	1

<b>BRUACA</b>	1	-	1
<b>MALEIRO</b>	1	-	1
<b>BOLSA</b>	1	-	1
<b>BAGAGEM</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	219	99	120
<b>NR</b>	16	10	6

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

De modo geral, a análise por faixa etária indica que a variação lexical nas respostas obtidas mediante a questão 57 na Região Sul não se organiza a partir de uma oposição geracional marcada no uso das variantes centrais, uma vez que *cesto(a)* e *balaio* mantêm-se difundidas em ambos os grupos. As diferenças concentram-se nas demais formas, que apresentam baixa frequência e aparecem predominantemente entre os informantes da Faixa II. Entre os mais jovens, essas variantes são raras ou ausentes.

A análise da variável social sexo na questão 57 permite observar diferenças não apenas na frequência das formas mais recorrentes, mas sobretudo na diversidade lexical mobilizada por homens e mulheres na Região Sul. Embora ambos os grupos recorram majoritariamente às mesmas variantes centrais, o conjunto de dados revela maior dispersão e variedade de respostas entre os informantes do sexo masculino.

Entre as mulheres, a forma *cesto(a)* apresenta 57 ocorrências (53%), configurando-se como a variante mais produtiva nesse grupo, seguida por *balaio*, com 38 registros (35%). Juntas, essas duas variantes concentram a maioria das respostas femininas, o que indica um repertório relativamente estabilizado. As demais variantes aparecem de forma residual, com registros pontuais de *jacá* (seis ocorrências), *sacola/saco* (três), *cargueiro* (duas), além de ocorrências únicas de *serão* e *baú*. No total, as informantes do sexo feminino mencionaram sete variantes distintas.

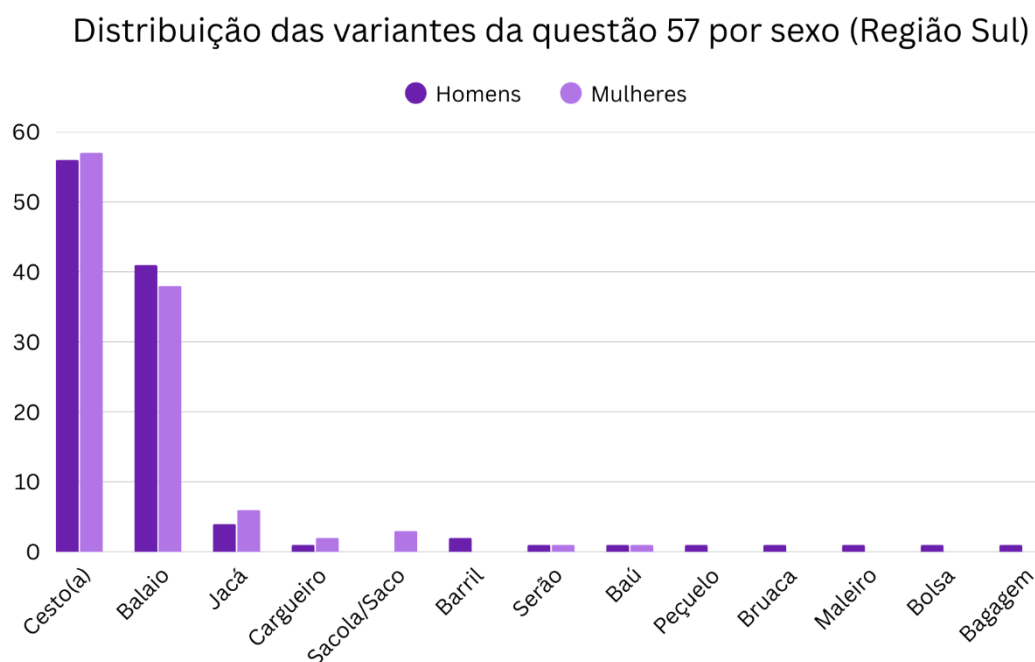
Entre os homens, mantém-se o predomínio de *cesto(a)*, com 56 ocorrências (51%), seguido de *balaio*, que soma 41 registros (37%). Assim como no grupo feminino, essas duas formas concentram a maior parte das respostas. No entanto, notamos entre os informantes do sexo masculino um repertório lexical mais diversificado, com doze variantes distintas. Além de *jacá* (quatro ocorrências), surgem formas de baixa frequência como *barril* (duas), *bagagem*, *peçuelo*, *bolsa*, *serão*, *maleiro*, *baú*, *cargueiro* e *bruaca*, todas com uma ocorrência cada. Esse conjunto evidencia maior dispersão lexical e maior recorrência de formas menos produtivas

entre os homens.

No que diz respeito às não respostas, registra-se maior incidência entre as mulheres, com 11 ocorrências, frente a cinco entre os homens. Esse dado pode indicar diferenças no grau de familiaridade ou segurança lexical em relação ao referente investigado, ainda que não interfira de modo significativo na hierarquização das variantes predominantes.

A influência da variável sexo na escolha das variantes da questão 57, na Região Sul, pode ser visualizada no Gráfico 12.

Gráfico 12 - Distribuição das variantes da questão 57 por sexo (Região Sul), em dados absolutos



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os valores absolutos das ocorrências por sexo, bem como os casos de não resposta, encontram-se detalhados na Tabela 12.

Tabela 12 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 57 (Região Sul)

VARIANTES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>CESTO(A)</b>	113	56	57
<b>BALAIÓ</b>	79	41	38
<b>JACÁ</b>	10	4	6
<b>CARGUEIRO</b>	3	1	2
<b>SACOLA/SACO</b>	3	0	3
<b>BARRIL</b>	2	2	0

<b>SERÃO</b>	2	1	1
<b>BAÚ</b>	2	1	1
<b>PEÇUELO</b>	1	1	-
<b>BRUACA</b>	1	1	-
<b>MALEIRO</b>	1	1	-
<b>BOLSA</b>	1	1	-
<b>BAGAGEM</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	219	111	108
<b>NR</b>	16	5	11

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Dessa forma, a principal distinção reside na amplitude do repertório: enquanto as mulheres tendem a concentrar suas respostas em um conjunto mais restrito de variantes, os homens apresentam maior diversidade lexical, incorporando formas menos frequentes e mais marcadas, muitas delas associadas a usos regionais ou a contextos específicos de transporte por tração animal.

No conjunto dos dados, a análise das respostas da questão 57 na Região Sul evidencia um quadro de variação lexical caracterizado pela concentração em torno de poucas formas centrais, sobretudo *cesto(a)* e *balaio*, difundidas ao longo do território investigado. Essas variantes configuram-se como as principais estratégias de nomeação do objeto descrito, independentemente das subdivisões estaduais, o que aponta para um repertório lexical relativamente estabilizado no domínio do transporte de produtos agrícolas por tração animal. Assim, a variação lexical observada na questão 57 na Região Sul organiza-se a partir da coexistência entre um núcleo lexical altamente difundido e um conjunto periférico de formas menos frequentes, ancoradas em contextos regionais, sociais e culturais específicos. Esse padrão evidencia, simultaneamente, processos de estabilização lexical no espaço regional e a manutenção de marcas de diversidade associadas às práticas rurais tradicionais investigadas pelo ALiB.

#### 4.7 QUESTÃO 58 - OBJETOS DE COURO, COM TAMPA, PARA LEVAR FARINHA NO LOMBO DO CAVALO OU DO BURRO

A questão 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB investiga as denominações atribuídas aos “objetos de couro, com tampa, para levar

farinha no lombo do cavalo ou do burro”, inserindo-se no campo do léxico relacionado ao transporte e ao acondicionamento de mantimentos em contexto rural, especialmente vinculado à tração animal. Na Região Sul, dos 176 informantes entrevistados, obtivemos 192 dados, dos quais 113 referem-se a respostas válidas, acompanhadas por 79 não respostas (41%), o que evidencia uma taxa elevada de abstenção para o item investigado.

Para fins de referência visual do objeto descrito na questão, apresentamos, a seguir, uma imagem representativa do artefato utilizado para o transporte de mantimentos no lombo de animais de carga.

Figura 14 - Representação do objeto investigado na questão 58 (QSL/ALiB)



Fonte: Imagem disponível em: <https://bruaca.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

Entre as respostas válidas para essa questão, observamos diversidade de variantes lexicais. A forma *mala/maleta/malinha* apresenta o maior número de ocorrências, com 28 registros (25%), seguida por *bolsa*, com 21 menções (19%), e *bruaca*, com 19 ocorrências (17%). A variante *cesto(a)* também se destaca, com 13 registros (12%), compondo, juntamente com as anteriores, o conjunto de formas mais frequentes na Região Sul.

As demais variantes apresentam baixa produtividade e distribuem-se de maneira pontual. *Baú* elicitado por seis informantes (5%), enquanto *saco/sacola* soma quatro registros (4%). As formas *embornal*, *bocó* e *peçuelo* apresentam três

ocorrências cada (3%). Registramos ainda variantes com duas menções, como *caixa*, *picuá* e *balaio*, além de ocorrências únicas de *couraça*, *mochila*, *pelego*, *tulha*, *carregador*, *gibão* e *canastra*.

O conjunto dos dados revela, portanto, um quadro de dispersão lexical, marcado pela coexistência de diversas formas de baixa frequência e pela ausência de concentração absoluta em uma única variante, ao mesmo tempo em que se registra número expressivo de não respostas entre os informantes da Região Sul.

Aqui, faz-se necessária a apresentação das definições lexicográficas das variantes mencionadas pelos informantes que ainda não haviam aparecido ao longo do trabalho, com o objetivo de delimitar com maior precisão os sentidos associados às formas atestadas na questão 58.

As formas *mala*, *maleta* e *malinha* foram reunidas sob uma única variante, em razão da continuidade morfológica e semântica que apresentam. Os dicionários Houaiss (2025), Michaelis (2025) e Priberam (2025) convergem ao definir *mala* como um receptáculo, tradicionalmente de couro, destinado ao transporte de objetos, frequentemente provido de tampa e fecho. *Maleta* é registrada como uma mala de dimensões menores, enquanto *malinha* constitui um diminutivo formado em português. As três formas compartilham o mesmo núcleo semântico, diferenciando-se apenas por marcas morfológicas sufixais de tamanho, sem alteração substancial do referente.

A forma *bruaca* apresenta definição mais diretamente compatível com o referente investigado. Segundo Houaiss (2025), Michaelis (2025) e Priberam (2025), trata-se de uma mala de couro cru utilizada para transportar objetos e mantimentos sobre bestas, geralmente presa à cangalha ou à sela. Apesar da existência de acepções figuradas e depreciativas, estas não são pertinentes ao contexto da questão.

A forma *baú* é descrita pelos dicionários como uma peça de bagagem rígida, geralmente provida de tampa, utilizada para transportar ou guardar pertences. As definições convergem ao apontar seu uso como recipiente fechado, frequentemente revestido de couro, o que explica sua associação ao referente da questão, ainda que não seja exclusiva do transporte animal.

Os itens lexicais *saco* e *sacola* foram agrupados em uma única variante, em virtude da proximidade semântica e da relação morfológica entre as formas. Ambas designam recipientes flexíveis, de pano, couro ou material semelhante, utilizados para

carregar ou armazenar objetos. Embora não remetam necessariamente a recipientes com tampa rígida, sua função de transporte explica sua presença nos dados.

A forma *embornal*, variante de *bornal*, é definida como um saco utilizado para transportar provisões, ração ou ferramentas, frequentemente associado ao uso em cavalgadas. Os dicionários consultados convergem nesse sentido, indicando tratar-se de um recipiente funcionalmente próximo ao objeto investigado.

A variante *bocó* é registrada como um saco ou bolsa grosseira, de uso simples, empregada no transporte de mantimentos ou objetos em contextos rurais. Embora menos específica quanto à forma e ao material, mantém vínculo funcional com o campo semântico da questão.

A forma *peçuelo*, registrada preferencialmente no plural (*peçuelos*), designa, segundo Houaiss (2025) e Michaelis (2025), um conjunto de dois alforjes de couro unidos por correia, colocados sobre a garupa do cavalo para transporte de objetos e roupas. Trata-se de uma variante diretamente associada ao transporte em animais, com marca regional sulina.

A variante *caixa* é definida como um recipiente rígido, de madeira, papelão ou metal, utilizado para guardar ou transportar objetos. Embora não seja específica do transporte animal, sua função de acondicionamento fechado justifica sua ocorrência como extensão semântica do referente.

O item *picuá* é descrito como um saco ou recipiente utilizado para transportar alimentos ou objetos, podendo apresentar forma semelhante a um cesto ou balaio. Os dicionários indicam origem tupi e associam a palavra ao transporte de mantimentos, o que a insere no campo semântico da questão.

Entre as variantes de menor frequência, *gibão* é definido como uma peça de vestuário de couro, tradicionalmente utilizada por vaqueiros como proteção. Embora não seja um recipiente, sua ocorrência nos dados sugere uma associação metonímica ao material (couro) e ao universo da montaria.

A forma *tulha* designa, de modo geral, um recipiente ou compartimento destinado ao armazenamento de cereais. Apesar de sua acepção predominante remeter a espaços fixos, sua presença nos dados indica um alargamento semântico vinculado à função de guarda de produtos agrícolas.

A palavra *couraça* é definida de forma convergente pelos dicionários como uma armadura de couro ou metal destinada à proteção do tronco. Embora seu sentido central não se relacione ao transporte de mantimentos, a referência ao couro e à ideia

de envoltório rígido pode explicar sua elicitación pelos informantes.

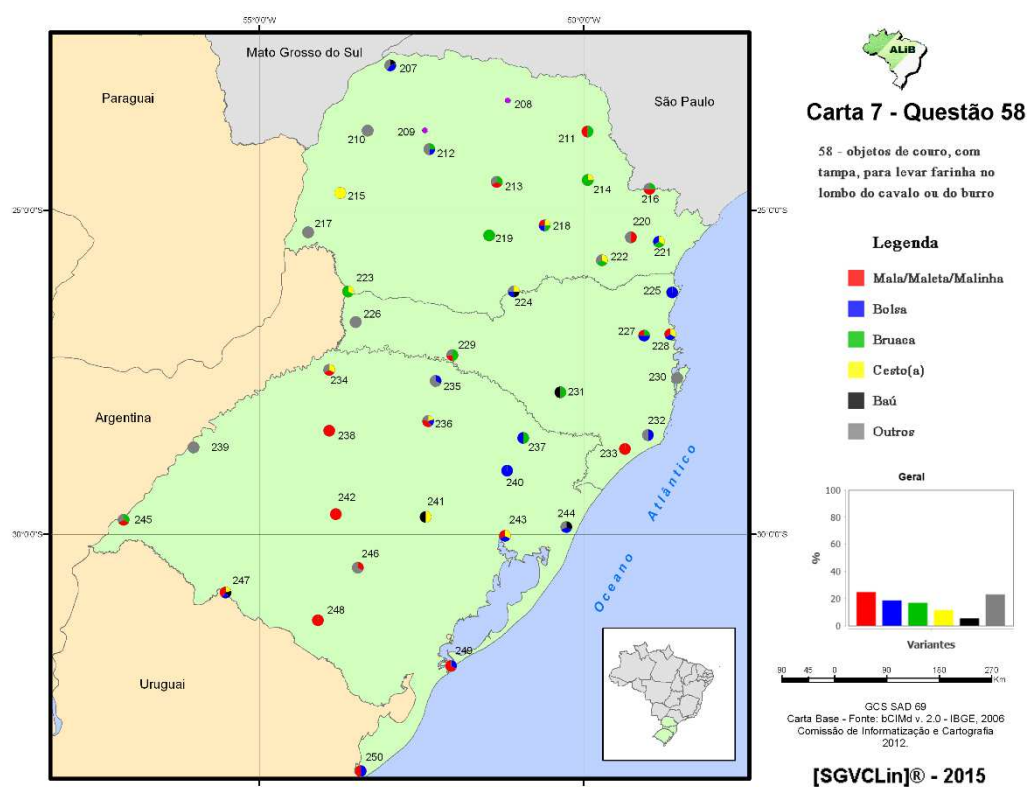
A forma *mochila* é registrada como um saco de pano ou couro utilizado para transportar provisões ou objetos, levado às costas ou preso ao animal. Os dicionários indicam, inclusive, o uso do termo para designar sacos de ração colocados na cavalgadura, aproximando-o funcionalmente do referente da questão.

A variante *pelego* designa a pele de carneiro com lã, frequentemente utilizada sobre a sela ou os arreios para maior conforto. Ainda que não constitua um recipiente, sua ocorrência sugere associação ao conjunto de objetos colocados sobre o lombo do animal, em contexto rural.

Por fim, a palavra *canastra* apresenta definições particularmente relevantes para a análise. Os dicionários Houaiss (2025), Michaelis (2025) e Priberam (2025) registram *canastra* como uma cesta larga e baixa, com ou sem tampa, bem como como uma caixa ou maleta revestida de couro. Os registros do Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português são especialmente elucidativos ao definir *canastra* como “objeto de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou burro”, descrição que coincide diretamente com o referente da questão 58, legitimando plenamente sua ocorrência nos dados.

Para a elaboração da carta linguística referente à questão 58, foram selecionadas para representação individual as variantes *mala/maleta/malinha*, *bolsa*, *bruaca*, *cesto(a)* e *baú*, em razão de sua maior produtividade nos dados. As demais formas atestadas foram agrupadas em uma única categoria. Na carta, *mala/maleta/malinha* é representada pela cor vermelha, *bolsa* pela cor verde, *bruaca* pela cor amarela, *cesto(a)* pela cor preta e *baú* pela cor rosa, enquanto as variantes agrupadas são indicadas em azul.

Figura 15 - Carta linguística 7 (questão 58)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A análise da variação diatópica, considerando conjuntamente os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, evidencia um quadro marcado pela dispersão das variantes lexicais e pela ausência de padrões regionais bem definidos. A carta linguística, visualmente bastante heterogênea, confirma a coexistência de múltiplas formas em praticamente todas as áreas investigadas, sem que se observe concentração consistente de uma única variante associada a regiões específicas.

No Paraná, as variantes distribuem-se de modo fragmentado entre as diferentes mesorregiões, com concorrência recorrente entre *mala/maleta/malinha*, *bolsa*, *bruaca* e *cesto(a)*, além da presença frequente de formas pontuais. Esse quadro é corroborado pelos dados quantitativos, que revelam tanto diversidade lexical quanto elevado número de não respostas (32). Entre as respostas válidas, destacamos a forma *bruaca*, com 13 ocorrências, seguida por *cesto(a)* (8), *mala* (6), *bolsa* (5) e *embornal* (4), além de *bocó* (3). As demais variantes – como *baú*, *gibão*, *mochila*, *carregador* e *peçuelo* – aparecem com uma única ocorrência cada, enquanto formas como *balaio*, *caixa* e *picuá* surgem apenas como respostas secundárias. Ainda que algumas variantes apresentem maior visibilidade em determinados pontos, essas ocorrências não se mantêm de forma contínua ou sistemática ao longo do território

estadual, o que inviabiliza a identificação de um traço diatópico consistente.

Em Santa Catarina, constatamos comportamento semelhante. Embora *bolsa* se destaque pontualmente em áreas do norte do estado, sua distribuição não se reproduz de maneira homogênea nas demais regiões, onde se verifica alternância entre *bruaca*, *saco/sacola*, *mala/maleta/malinha*, *cesto(a)* e outras formas menos produtivas. Esse quadro é confirmado pelos dados quantitativos, que evidenciam grande dispersão lexical e um número elevado de não respostas (22). Entre as respostas válidas, a variante *bolsa* é a mais recorrente, com sete ocorrências, seguida por *bruaca*, *mala/maleta/malinha* e *saco/sacola*, com quatro ocorrências cada. A forma *baú* registra três menções, enquanto *cesto(a)* aparece duas vezes. Também se documenta uma ocorrência isolada de *couraça*, além de uma menção a *balaio* como resposta secundária. O elevado número de não respostas em diferentes pontos reforça o caráter pouco estabilizado do léxico investigado nesse estado.

No Rio Grande do Sul, a variante *mala/maleta/malinha* é a forma mais frequente entre as respostas registradas, superando *bolsa* e ocorrências de *cesto(a)*. Esse comportamento é corroborado pelos dados quantitativos, que indicam 29 não respostas entre os 72 informantes, além de uma distribuição lexical diversificada. Entre as respostas válidas, *mala* se sobressai com 18 ocorrências, configurando-se como a variante predominante no estado, seguida por *bolsa*, com 11 registros, e *cesto(a)*, com 6 ocorrências. Ainda assim, o número elevado de não respostas e a presença de variantes de baixa frequência configuram um quadro de dispersão lexical, sem evidências de delimitação geográfica consistente.

Dessa forma, a análise diatópica da questão 58 indica que a localização geográfica dos informantes não se configura como fator determinante para a escolha lexical. A elevada diversidade de formas, aliada à distribuição irregular e à sobreposição de variantes nos diferentes espaços investigados, sugere que outros fatores exercem papel mais relevante do que a diatopia na seleção das designações para o referente em questão.

No que se refere à variável social faixa etária, verificamos um comportamento distinto daquele identificado na análise diatópica. Diferentemente da localização geográfica, a dimensão etária revela-se um fator relevante na distribuição das variantes lexicais da questão 58, evidenciando tendências de conservação e de renovação lexical entre os grupos geracionais.

Entre os informantes da faixa etária I (18-30 anos), destacam-se as formas

*mala/maleta/malinha* e *bolsa*, que concentram, juntas, mais da metade das ocorrências desse grupo. A predominância dessas variantes, de uso amplo e pouco especializado, sugere um processo de generalização lexical, no qual palavras de circulação mais ampla substituem denominações mais específicas ligadas ao universo rural e à tração animal. Também nesse grupo aparecem com alguma frequência *cesto(a)* e *baú*, além de um conjunto expressivo de formas com ocorrência pontual, como *caixa*, *saco/sacola*, *bocó*, *carregador*, *picuá*, *canastra*, *couraça* e *bruaca*, o que aponta para tentativas diversas de nomeação diante de um referente pouco presente na experiência cotidiana dos falantes mais jovens.

Na faixa etária II (50-65 anos), o cenário se altera de maneira significativa. A forma *bruaca* assume posição de destaque, configurando-se como a variante mais produtiva entre os informantes mais velhos. Esse dado sugere associação da palavra a um repertório lexical tradicional, relacionado a práticas de transporte animal mais recorrentes em contextos pretéritos. Embora *mala/maleta/malinha* e *bolsa* também apareçam entre os informantes dessa faixa, sua frequência é proporcionalmente menor quando comparada à dos jovens. Além disso, a maior diversidade de variantes tradicionalmente vinculadas ao universo rural, como *peçuelo*, *balaio*, *embornal*, *picuá*, *mochila*, *pelego*, *tulha* e *gibão*, ocorre exclusivamente ou predominantemente nesse grupo etário.

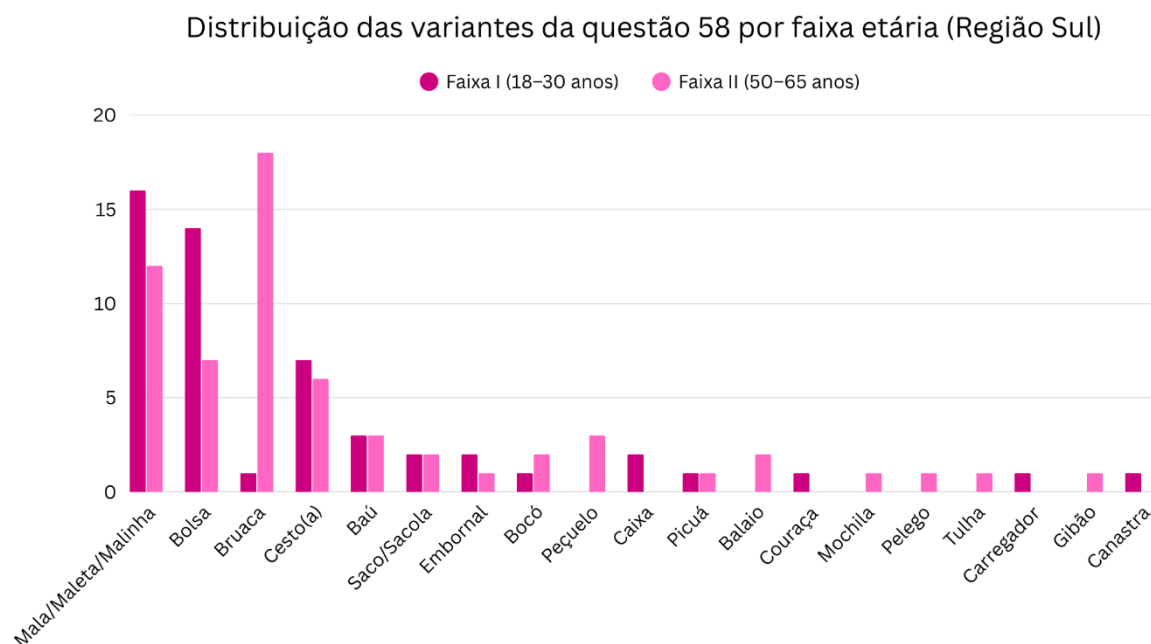
O comportamento de *cesto(a)* e *baú* também reforça a marca geracional, uma vez que, embora presentes nas duas faixas, tendem a apresentar maior estabilidade entre os informantes mais velhos. Esse padrão sugere que tais formas ocupam uma posição intermediária entre a conservação lexical e a adaptação semântica, mantendo-se compreensíveis, ainda que nem sempre produtivas, entre os mais jovens.

Outro dado relevante diz respeito ao número de não respostas. Do total de 79 ocorrências de ausência de resposta, 44 (56%) concentram-se na faixa etária I e 35 (44%) na faixa etária II. O maior índice de abstenção entre os jovens reforça a hipótese de desconhecimento do referente ou de afastamento progressivo desse objeto das práticas socioculturais contemporâneas, o que impacta diretamente a capacidade de nomeação.

A relação entre as variantes da questão 58 e a variável faixa etária na Região Sul é apresentada, em números absolutos, de forma sintética no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Distribuição das variantes da questão 58 por faixa etária (Região Sul),

em números absolutos,



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

A fim de explicitar os valores absolutos que fundamentam essa distribuição, a Tabela 13 reúne as ocorrências das variantes por faixa etária, incluindo os 79 casos de ausência de resposta (70%).

Tabela 13 - Ocorrência absoluta das variantes por faixa etária da questão 58 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	FAIXA I	FAIXA II
<b>MALA/MALETA/MALINHA</b>	28	16	12
<b>BOLSA</b>	21	14	7
<b>BRUACA</b>	19	1	18
<b>CESTO(A)</b>	13	7	6
<b>BAÚ</b>	6	3	3
<b>SACO/SACOLA</b>	4	2	2
<b>EMBORNAL</b>	3	2	1
<b>BOCÓ</b>	3	1	2
<b>PEÇUELO</b>	3	-	3
<b>CAIXA</b>	2	2	-
<b>PICUÁ</b>	2	1	1
<b>BALAIIO</b>	2	-	2
<b>COURAÇA</b>	1	1	-

<b>MOCHILA</b>	1	-	1
<b>PELEGO</b>	1	-	1
<b>TULHA</b>	1	-	1
<b>CARREGADOR</b>	1	1	-
<b>GIBÃO</b>	1	-	1
<b>CANASTRA</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	113	52	61
<b>NR</b>	79	44	35

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Diante desse conjunto de dados, concluímos que a variável faixa etária exerce influência significativa na escolha lexical dos informantes na questão 58. Enquanto os falantes mais jovens tendem a recorrer a formas mais genéricas e de amplo uso, os informantes da faixa etária II preservam um repertório lexical mais específico e tradicional, associado ao transporte de cargas em animais. Trata-se, portanto, de um caso claro de variação diageracional, no qual se observam simultaneamente processos de conservação, obsolescência e renovação lexical.

No que se refere à variação diasssexual na Região Sul, observamos inicialmente um número elevado de não respostas, totalizando 79 ocorrências, das quais 46 (58%) correspondem a informantes do sexo feminino e 33 (42%) ao sexo masculino. Esse dado sugere uma participação significativamente maior dos homens na nomeação do objeto investigado, o que deve ser considerado na interpretação da distribuição das variantes. Do mesmo modo, quando se observam apenas as respostas efetivas, notamos que as formas mais recorrentes apresentam comportamentos semelhantes entre os dois grupos.

A variante mais produtiva em ambos os sexos é *mala/maleta/malinha*, com 12 ocorrências na fala feminina e 16 na masculina, configurando-se como a principal forma de referência ao objeto na Região Sul. Em seguida, *bolsa* também se destaca nos dois grupos, com 13 registros entre os homens e oito registros entre as mulheres seguida por *bruaca*, que apresenta 12 ocorrências masculinas e sete femininas. Esses dados indicam que as variantes mais frequentes no conjunto regional não são exclusivas de um único grupo, mas compartilhadas por homens e mulheres, ainda que com maior produtividade masculina em termos absolutos.

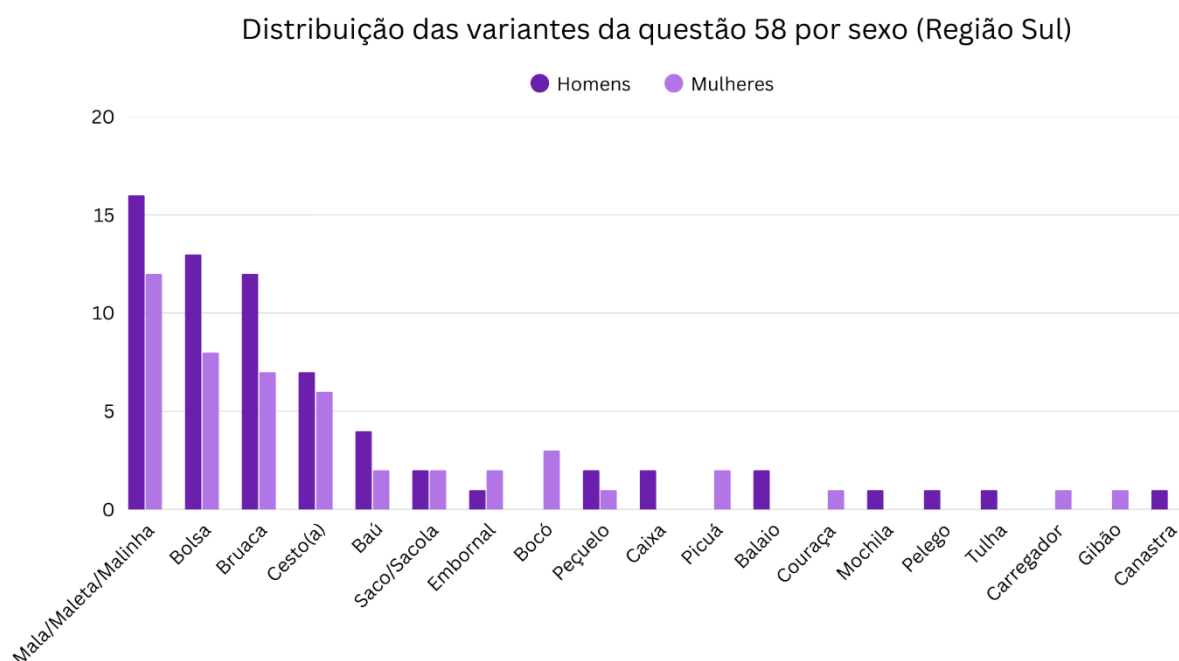
Outras formas, como *cesto(a)*, *baú* e *saco/sacola*, também aparecem em ambos os grupos, com diferenças quantitativas moderadas. *Cesto(a)* registra seis

ocorrências femininas e sete masculinas, enquanto *baú* apresenta duas ocorrências entre as mulheres e quatro entre os homens. Já *saco/sacola* surge com baixa frequência nos dois grupos, mantendo uma distribuição relativamente equilibrada. Variantes como *embornal* e *peçuelo* também ocorrem em ambos os sexos, embora com números reduzidos.

Por outro lado, algumas variantes apresentam ocorrência restrita a apenas um dos grupos. Entre as mulheres, registram-se formas como *bocó*, *gibão*, *couraça* e *carregador*, todas com ocorrência única ou pouco produtiva. Entre os homens, surgem variantes exclusivas como *caixa*, *balaio*, *pelego*, *canastra*, *mochila* e *tulha*, igualmente com baixa frequência. A presença dessas formas pontuais contribui para a maior diversidade lexical no grupo masculino, o que pode estar relacionado ao maior número de respostas fornecidas por esse grupo.

A influência da variável sexo na distribuição das variantes da questão 58, em números absolutos, na Região Sul, está sintetizada no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Distribuição das variantes da questão 58 por sexo (Região Sul), em números absolutos



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Para uma leitura detalhada dos dados, a Tabela 14 apresenta as ocorrências absolutas das variantes por sexo, incluindo os casos de não resposta.

Tabela 14 - Ocorrência absoluta das variantes por sexo da questão 58 (Região Sul)

VARIANTE	TOTAL	HOMENS	MULHERES
<b>MALA/MALETA/MALINHA</b>	28	16	12
<b>BOLSA</b>	21	13	8
<b>BRUACA</b>	19	12	7
<b>CESTO(A)</b>	13	7	6
<b>BAÚ</b>	6	4	2
<b>SACO/SACOLA</b>	4	2	2
<b>EMBORNAL</b>	3	1	2
<b>BOCÓ</b>	3	-	3
<b>PEÇUELO</b>	3	2	1
<b>CAIXA</b>	2	2	-
<b>PICUÁ</b>	2	-	2
<b>BALAIO</b>	2	2	-
<b>COURAÇA</b>	1	-	1
<b>MOCHILA</b>	1	1	-
<b>PELEGO</b>	1	1	-
<b>TULHA</b>	1	1	-
<b>CARREGADOR</b>	1	-	1
<b>GIBÃO</b>	1	-	1
<b>CANASTRA</b>	1	1	-
<b>TOTAL</b>	113	65	48
<b>NR</b>	79	33	46

Fonte: Elaborada pela autora com os dados do Projeto ALiB

De modo geral, os dados da Região Sul indicam que, embora haja diferenças quantitativas, sobretudo em função do maior número de respostas masculinas, as variantes centrais que estruturam o campo lexical da questão são compartilhadas entre homens e mulheres. Assim, a variável sexo não se mostra determinante para a escolha das formas mais recorrentes, ainda que influencie a diversidade e a produtividade lexical observadas, possivelmente em razão de experiências socioculturais diferenciadas no contato com o objeto investigado.

Logo, análise da questão 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB na Região Sul mostra um quadro de acentuada diversidade lexical,

marcado pela coexistência de múltiplas variantes de baixa frequência e por um número expressivo de não respostas, o que aponta para a perda de saliência do referente no repertório linguístico contemporâneo. Entre as formas atestadas, destacam-se *mala/maleta/malinha, bolsa, bruaca, cesto(a)* e *baú*, que estruturam o núcleo mais produtivo do conjunto regional, ainda que nenhuma delas apresente domínio absoluto.

Concluímos, portanto, que a variação lexical observada na questão 58 é predominantemente condicionada pela dimensão diageracional. O conjunto dos dados reflete, simultaneamente, processos de conservação lexical entre os informantes mais velhos, de renovação e de generalização entre os mais jovens e de obsolescência progressiva do referente, configurando um quadro típico de variação em léxico associado a práticas rurais em declínio.

#### 4.8 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS COM ESTUDOS PRÉVIOS (MARINS, 2012; FERNANDES, 2021)

A análise dos dados da Região Sul, quando colocada em perspectiva comparativa com os resultados apresentados por Marins (2012) para a Região Centro-Oeste e por Fernandes (2021) para a Região Sudeste, permite identificar tanto convergências quanto divergências na organização do léxico rural no português brasileiro. De modo geral, constatamos que determinadas unidades lexicais apresentam ampla difusão inter-regional, ao passo que outras revelam maior sensibilidade a condicionamentos geográficos, sociais e socioculturais.

No que se refere às convergências, destacamos, em primeiro lugar, a correspondência entre os itens lexicais selecionados para investigação em cada recorte regional. As questões 52, 53, 54 e 56 compõem um núcleo comum de investigação, tendo sido pesquisadas tanto no presente trabalho (Região Sul) quanto no estudo de Marins (2012) para o Centro-Oeste. Desse conjunto, as questões 53 e 54 apresentam uma abrangência ainda maior, sendo também contempladas na pesquisa de Fernandes (2021) para a Região Sudeste. Por fim, ressaltamos que a questão 57 configura-se como um caso isolado, uma vez que não foi objeto de análise em nenhum dos estudos comparados, assumindo, portanto, um caráter descritivo inédito nesta dissertação.

Ainda no plano das convergências, identificamos a recorrência de formas que

se configuram como núcleos lexicais relativamente estabilizados. Esse comportamento é evidente nas questões 52 e 56, nas quais as variantes *carrinho de mão* e *canga* se impõem como formas predominantes tanto na Região Sul quanto no Centro-Oeste. Em ambos os casos, trata-se de unidades de alta frequência, com ampla dispersão territorial e baixa sensibilidade a condicionamentos diatópicos mais restritos. Esse padrão sugere a existência de um repertório lexical compartilhado em escala mais ampla, possivelmente associado à difusão histórica dessas formas e à sua integração em práticas de uso recorrentes no meio rural.

Além disso, diferentes regiões mobilizam, para um mesmo referente, conjuntos lexicais parcialmente coincidentes, organizados por processos semânticos semelhantes. Nas questões 53 e 54, por exemplo, tanto na Região Sul quanto no Centro-Oeste e no Sudeste, registram-se variantes motivadas por critérios funcionais (*cabo*, *alça*, *pega-mão*), corporais (*braço*, *perna*) e materiais (*ferro*), além da recorrência de formas como *canga*, *cangalha* e *forquilha*. Esse comportamento indica que, embora haja variação nas hierarquias de frequência, os mecanismos de nomeação tendem a seguir padrões cognitivos e semânticos convergentes.

Outro eixo relevante de comparação diz respeito à atuação das variáveis sociais. Nos dados do Centro-Oeste, Marins (2012) identifica sensibilidade a fatores como faixa etária, sexo e escolaridade, com especialização de determinadas variantes em grupos específicos. Na Região Sul, também se observa a atuação da variável diageracional, evidenciada, de modo recorrente, pela maior concentração de formas tradicionais entre informantes da Faixa II e pela maior dispersão lexical e incidência de não respostas entre os mais jovens. Esse padrão indica que a variável etária exerce influência relevante na organização do léxico, ainda que, em alguns casos, sua atuação se articule a fatores diatópicos e ao grau de familiaridade dos falantes com o referente investigado. A variável sexo, por sua vez, apresenta menor relevância no conjunto dos dados sulistas, com distribuição mais equilibrada das variantes entre homens e mulheres.

Por outro lado, as divergências entre os recortes regionais tornam-se evidentes quando se analisam as hierarquias de produtividade e a distribuição das variantes. Na questão 53, por exemplo, a Região Sul apresenta predominância de *cabo*, enquanto no Centro-Oeste, conforme descrito por Marins (2012), a forma mais produtiva é *braço*. De modo semelhante, na questão 54, há predominância de *cangalha* na Região Sul, em contraste com a centralidade de *forquilha* no Centro-Oeste e com a maior

relevância de *canga* no Sudeste, conforme Fernandes (2021). Essas diferenças indicam que, embora o inventário lexical seja em grande parte compartilhado, as preferências regionais reorganizam as relações de centralidade entre as variantes.

As divergências também se manifestam na configuração da distribuição diatópica. Nos dados do Centro-Oeste ocorre, de modo recorrente, a formação de áreas lexicais relativamente bem delimitadas, com variantes que apresentam continuidade territorial. Na Região Sul, ao contrário, diversas questões - como 53 e 58 - revelam maior fragmentação espacial, com sobreposição de formas e ausência de delimitações areais consistentes. Esse comportamento sugere menor peso da diatopia como fator organizador do léxico em determinados domínios, especialmente naqueles em que o referente já se encontra em processo de retração.

No que se refere à vitalidade lexical, a comparação entre as regiões evidencia diferenças consistentes. Em diversas questões (54, 55, 56 e 58), a Região Sul apresenta índices elevados de não respostas, frequentemente superiores ou próximos ao número de respostas válidas. Situação semelhante é descrita por Fernandes (2021) para o Sudeste, onde também se observam índices elevados de não respostas, interpretados como reflexo do desuso progressivo dos referentes. Esse comportamento contrasta com o Centro-Oeste, onde, conforme Marins (2012), o léxico associado às práticas agropastoris mantém maior grau de reconhecimento e uso, inclusive em contextos urbanos.

Esses dados permitem estabelecer uma relação direta entre vitalidade lexical e condições socioculturais. Regiões em que atividades como a pecuária e o transporte por tração animal permanecem economicamente relevantes tendem a apresentar maior estabilidade e especialização lexical. Em contrapartida, em contextos marcados pela urbanização e pela reconfiguração das práticas produtivas, ocorre o aumento do desconhecimento dos referentes, maior dispersão denominativa e maior recorrência de estratégias de nomeação por aproximação semântica.

Em conjunto, a comparação inter-regional indica que o léxico associado ao universo agropastoril no português brasileiro se organiza a partir de um repertório parcialmente compartilhado, cuja distribuição e vitalidade dependem de maneira decisiva das condições históricas, econômicas e socioculturais de cada região. Enquanto algumas formas se mantêm estáveis e amplamente difundidas, outras apresentam sinais consistentes de retração, evidenciando a relação estreita entre mudança lexical e transformação das práticas sociais que sustentam o uso da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar as palavras associadas às práticas agropastoris na Região Sul do Brasil, com base nas respostas fornecidas por 176 informantes em 44 localidades nas questões 52 a 58 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. A partir disso, buscamos compreender como essas formas linguísticas, vinculadas ao universo rural, se comportam na fala de informantes urbanos, identificando possíveis indícios de mudança linguística. A análise das questões investigadas permitiu alcançar os objetivos propostos, ao evidenciar padrões de variação lexical e sua relação com fatores geográficos e sociais.

Nas questões 52 e 53, relativas ao carrinho de mão e suas partes, verificamos que a diatopia atua como fator central na organização das variantes, enquanto as variáveis sociais apresentam menor peso. A nomeação das partes do objeto, sobretudo entre informantes mais jovens, revelou o uso recorrente de processos como analogia e catacrese, indicando menor familiaridade com o referente e com as designações especializadas.

Na questão 54, referente à armação de madeira colocada no pescoço dos animais, identificamos índices elevados de não resposta, o que aponta para o enfraquecimento do léxico associado ao objeto. Entre os informantes que forneceram respostas, constatamos maior concentração de formas tradicionais entre indivíduos da faixa etária II e do sexo masculino, o que sugere maior proximidade desses grupos com práticas agropastoris.

Nas questões 55 e 56, que investigaram diferentes peças utilizadas na tração animal, verificamos um processo de generalização lexical, com recorrência a designações mais amplas em detrimento de formas específicas. Esse comportamento indica redução da especificidade denominativa e sugere um quadro de retração do léxico tradicional.

Por fim, nas questões 57 e 58, relativas a objetos de transporte de bens, identificamos maior dispersão lexical, especialmente entre informantes mais jovens, que recorrem com frequência a denominações genéricas ou a estratégias de nomeação por aproximação semântica, como analogia e metonímia, sobretudo em contextos de menor familiaridade com o referente.

Considerando o conjunto dos dados, foi possível identificar alguns padrões recorrentes. Em primeiro lugar, verificamos que quanto mais específico é o referente investigado, maior tende a ser o índice de não respostas e menor o grau de estabilização lexical, o que indica menor circulação e reconhecimento desses objetos no cotidiano dos informantes. Em segundo lugar, quanto à variação diageracional, constatamos que os informantes mais jovens apresentam maior dispersão nas respostas e recorrem com mais frequência a estratégias de generalização e aproximação semântica, o que interpretamos como efeito de menor familiaridade com os referentes investigados. No que se refere à variável sexo, verificamos que os informantes do sexo masculino tendem a fornecer maior número de respostas válidas em comparação com as mulheres, o que sugere maior conhecimento do léxico investigado, possivelmente relacionado à participação mais frequente em práticas agropastoris.

Em síntese, consideramos que os objetivos deste trabalho foram atingidos, na medida em que a análise permitiu documentar a variação lexical associada às práticas agropastoris na Região Sul e identificar processos de mudança linguística, caracterizados sobretudo pela redução da especificidade denominativa, pelo aumento da dispersão lexical e pelo crescimento dos índices de não resposta.

A urbanização, que leva à perda de contato com as práticas rurais e seus utensílios, é um fator inevitável que contribui para o enfraquecimento e apagamento dessas formas linguísticas. Nesse contexto, a importância desta dissertação reside na documentação dessas variantes, pois, ao longo do trabalho, foi possível identificar formas não dicionarizadas ainda em uso, como *girica* e *serão*, que, embora pouco frequentes no corpus em análise, continuam a existir em algumas localidades. Essa constatação reforça a importância da preservação e documentação dessas variantes, para garantir que não desapareçam completamente com o tempo, contribuindo para a continuidade e vitalidade do patrimônio linguístico rural.

## 6 REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Cartas semântico-lexicais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. (orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). v. 1: Introdução; v. 2: Cartas fonéticas e cartas morfossintáticas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. (orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Introdução; cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- BAUER, M.; GASKELL, G.; ALLUM, N. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento**. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (org.). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 17-36.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. — 2. ed. - Campinas, SP, Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- CARDEIRA, E. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. 106 p.
- CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, C. M. **Atlas histórico do Paraná**. 2. ed. rev. ampl. Curitiba: Livraria do Chain, Editora, 1986.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHOFARD, A. **Contatos intervaretais das variedades Sul-Rio-Grandense e Paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/252290>. Acesso em: 6 fev. 2026.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CORRÊA, W. K. **Considerações sobre a formação territorial e econômica de Santa Catarina**. Geosul, Florianópolis, v.14, n. 27, p 25-44, 1999.

DANTAS, R. O.; CARLOS, V. G. **Dialetologia: de Gilliéron à atualidade / Dialectology: from Gilliéron to nowadays**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 388-409, 2020. DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.9i1.0023.

E-CIVIL. **O que é Girica?** Disponível em: <https://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-girica.html>. Acesso em: 4 ago. 2025.

FERNANDES, S. **Da trilha ao caminho: um estudo do rural e do urbano no léxico de falantes da Região Sudeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. Campo Grande, 2021.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão Online. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol\\_www/vopen/html/inicio.php/](https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/). Acesso em: 1 ago. 2025

IBGE. **História de Santa Catarina**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/historico>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LÓPEZ MORALES, H. Sociolingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

LUVIZOTTO, C. K. **O Rio Grande do Sul e o gaúcho**. In: Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Available from SciELO Books.

MARGOTTI, F. W.; ROMANO, V. P. **Estudos dialetológicos e geolinguísticos no Sul do Brasil**. In: VANDRESEN, P.; MARTINS, M. A. R.; MONGUILHOTT, I. O. e S. (orgs.). *Variação e mudança linguística no português falado e escrito na Região Sul e outros temas: uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 105–136. DOI: 10.5151/9786555501629-04.

MARINS, L. **O RURAL E O URBANO: NOVOS E VELHOS FALARES NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. Campo Grande, 2012.

MICHAELIS. **Michaelis Dicionário Online**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2025.

PEREIRA, W. A.; BARBOSA, F.. **A catacrese: abordagem e contextualização no cotidiano**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 18., 2014, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2. ed., rev. e aum., 2014. v. 18, n. 6. ESTILÍSTICA E LÍNGUA LITERÁRIA. p. 84–96. Disponível em: Acesso em: 24 maio 2025.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX [online]**. Maringá: Eduem, 2012. 234 p. ISBN 978-85-7628-587-8. Available from SciELO Books.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z.. Towards a theory of metonymy. In: EVANS, Vyvyan; BERGEN, Benjamin; ZINKEN, Jörg (org.). *The Cognitive Linguistics Reader*. London: Equinox, 2007. p. 335–359.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Planejamento Governamental. **Atlas socioeconômico do Estado do Rio Grande do Sul: um atlas para pensar e entender o Rio Grande**. 6. ed. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2021. 203 p.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. **[SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas**. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 119–151, 2014. DOI: 10.17851/2237-2083.22.1.119-151. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28587>. Acesso em: 6 fev. 2026.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SPANVELLO, R. M.; BOSCARDIN, M.; CHRISTOFARI, L. F.; LAGO, A.; ANDREATTA, T.; BOTENE, T. S.. **O trabalho feminino no espaço rural**. *Estudo & Debate*, Lajeado, v. 29, n. 1, p. 61–79, 2022. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/2921/1935>. Acesso em: 27 maio 2025.

THUN, H. **Dialetologia pluridimensional e relacional: entrevista com o professor Dr. Harald Thun**. Florianópolis, 2022. (Entrevista concedida a Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e78597>. Acesso em: 4 ago. 2025.

THUN, H. **La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology*. 1998. v. 5, p. 701-729.

TRUDGILL, P.; HERNÁNDEZ-CAMPOY. **Diccionario de Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

UEPG - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Glossário: Jerica, jirica, girica ou gerica**. Disponível em: <https://sites.uepg.br/denge/aulas/Concretagem/glossario.htm#:~:text=Jerica,jirica,girica,gerica,transportedeargamassaconcreto>. Acesso em: 4 ago. 2025.

HALL, Michael M. Italianos em São Paulo (1880-1920). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, n. Tomo XXIX, p. 201–215, 1979. DOI: [10.11606/1982-02671979TomoXXIXe11](https://doi.org/10.11606/1982-02671979TomoXXIXe11). Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/216292>. Acesso em: 19 mar. 2026.